

VOLUME  
33

NÚMERO  
85

ABRIL  
2023

# mais60

Sesc

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

**ARTIGO**

Aprendizagem ao longo da vida  
e a educação não formal  
para as pessoas idosas

**ENTREVISTA**

Ana Maria Carvalho

**PAINEL DE EXPERIÊNCIAS**

Do Fio ao Infinito –  
um mar para “infiniteizar”



# mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME	NÚMERO	ABRIL	ISSN
33	85	2023	2358-6362

Produção técnica editada pelo  
Sesc – Serviço Social do Comércio

**Sesc São Paulo**  
Av. Álvaro Ramos, 991  
03331-000 São Paulo - SP  
Tel.: +55 11 2607-8000  
sescsp.org.br

**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

#### **SUPERINTENDENTES**

*Técnico-social*  
Rosana Paulo da Cunha  
*Comunicação Social*  
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves  
*Administração*  
Jackson Andrade de Matos  
*Assessoria Técnica e de Planejamento*  
Marta Raquel Colabone  
*Consultoria Técnica*  
Luiz Deoclécio Massaro Galina

#### **GERENTES**

*Estudos e Programas Sociais* Flávia Andréa Carvalho  
*Artes Gráficas* Rogério Ianelli

#### **COMISSÃO EDITORIAL**

Rosângela Barbalacco (coordenação), André Venancio da Silva, Adriana Reis Paulics, Adriano Alves Pinto Campos, Danilo Cymrot, Fabrício Leonardo Ribeiro, Fernanda Andrade Fava, Flavia Rejane Prando, Gabriela da Silva Neves, Gustavo Nogueira de Paula, Jair de Souza Moreira Júnior, Juliana Viana Barbosa, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Octávio Weber Neto, Thais Helena Franco

#### **CONTRIBUÍRAM NESTA EDIÇÃO**

Andresa Caravage (Centro de Pesquisa e Formação) andresa.caravage@sescsp.org.br;  
Edson Martins Moraes (Centro de Pesquisa e Formação) edsonmartins@cpf.sescsp.org.br;  
Mariani Gasperini (Sesc Catanduva) mariani.bernardes@sescsp.org.br; Suellyn Ortiz (Sesc Piracicaba) suellyn.camargo@sescsp.org.br;  
Paula Bernardo (Sesc Jundiaí) paula.bernardo@sescsp.org.br.

*Editoração* Thais Helena Franco  
*Produção Digital* Ana Paula Fraay,  
Lourdes Teixeira Benedan e  
Karla Priscila Vieira Carrero

*Ilustrações* capa, pág. 8, 9, 118 a 124:  
Rômolo D’Hipólito

*Fotografias* pág. 55, 57, 58 e 59: Lucas Silva Farias;  
pág. 100 e 103: Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia; pág. 107, 109, 110, 113, 116 e 117: Ricardo Ferreira; pág. 127, 128 e 129 Suellyn Ortiz Camargo

*Revisão* Samantha Arana  
*Projeto Gráfico* Marcio Freitas  
e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser enviados para avaliação da comissão editorial no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento / Edição do Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Sesc São Paulo, v. 33, n. 85, Abril 2023 –. Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento, ano 1, n. 1, set. 1988-2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade. 3. Idosos. 4. Envelhecimento. 4. Periódico. I. Título. II. Subtítulo. III. Serviço Social do Comércio. CDD 362.604



#### **CAPA**

**Rômolo D’Hipólito**

Artista e ilustrador.  
romolo@comic.com

## **SUMÁRIO**

PÁGINAS DE 8 A 29

- 1 Destaque da edição**  
**Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas**  
por Meire Cachioni e Karina de Lima Flauzino

PÁGINAS DE 30 A 45

- 2 Educação em gerontologia: contribuição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)**  
por Simone Fiebrantz Pinto, Ana Lucia Fiebrantz Pinto e Maurílio José Pinto

PÁGINAS DE 46 A 60

- 3 Uma sociedade para todas as idades: experiências intergeracionais no enfrentamento ao ageísmo no Sesc/DF**  
por Adriana Costa Batista, Amanda Santos Lustosa, Gabriela Silva Farias, Layse Barros dos Santos Tannus e Rosiliane dos Santos

PÁGINAS DE 61 A 75

- 4 Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado**  
por Ingrid Rochelle Rêgo Nogueira, Maria Clotilde Barbosa Nunes Maia Carvalho e Talitta Cavalcante Albuquerque Vasconcelos

PÁGINAS DE 76 A 93

- 5 O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa de extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas**  
por Maria Weila Coêlho Almeida, Simone Bezerra Franco, Adriana Batista Costa e Leides Barroso Azevedo Moura

PÁGINAS DE 94 A 105

- Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país**

PÁGINAS DE 106 A 117

- e ENTREVISTA: Ana Maria Carvalho**

PÁGINAS DE 118 A 124

- i ILUSTRAÇÕES: Rômolo D’Hipólito**

PÁGINAS DE 125 A 130

- p PAINEL DE EXPERIÊNCIA: Do Fio ao Infinito – um mar para “infinetizar” no Sesc Piracicaba**  
por Suellyn Ortiz Camargo

PÁGINAS DE 131 A 133

- r RESENHA: O Amor ao amor de avós**  
por Danilo Cymrot



# Envelhecimento e educação

**Danilo Santos de Miranda**  
*Diretor Regional*

➔ O envelhecimento da população brasileira ao longo das últimas décadas caminhou juntamente com programas educacionais diretamente conectados com a temática. Alguns voltados para as pessoas idosas, como o Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc e as universidades abertas da terceira idade, presentes em várias instituições e orientados pela proposta da aprendizagem ao longo da vida. Outros direcionados aos profissionais interessados no tema e com a responsabilidade de pensar a velhice como um período da existência humana, com desafios e conquistas próprios.

No momento atual de crescimento da população com mais de 60 anos, a educação sobre o envelhecimento e para quem envelhece ganha força como fonte de bem-estar, informações, conhecimentos e ressignificação da velhice. Educar é primordial no combate ao preconceito, tornando-se o caminho necessário para que todas as gerações possam conviver e usufruir do contato mútuo.

Os programas educacionais para as pessoas idosas surgiram inicialmente na Europa e América do Norte. Chegaram ao Brasil por meio das ações do programa Trabalho Social com Idosos (TSI), que completa 60 anos em 2023. Naquela época, o aumento da expectativa de vida populacional ainda não era visto como uma questão, mas já estava presente no olhar de técnicos do Sesc. A ação da instituição para as pessoas que envelhecem é marcada desde o início pelo pioneirismo e pelo diálogo com o público e o momento atual.

Como um fenômeno de ordem social, o envelhecer requer um olhar desde uma perspectiva multidisciplinar para incluir todas as velhices. Considerada uma ciência jovem, que completa 120 anos em 2023, a gerontologia surgiu com esse objetivo. No Brasil, juntamente com a geriatria, hoje representadas pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), são responsáveis por desenvolver estudos sobre o envelhecimento e transformar essas informações em cursos de formação e atualização para profissionais das mais diversas áreas. ➔



Artigo  
da capa

## Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

[Artigo 1, páginas de 8 a 29]



### Meire Cachioni

Professora associada da Universidade de São Paulo (USP). Possui dois pós-doutorados, um em gerontologia pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, da Universidade do Porto (UP) e outro em educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), além de seu doutorado em gerontologia e mestrado em educação pela mesma instituição.  
meirec@usp.br

### Karina de Lima Flauzino

Mestra em ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP. Possui especialização em psicologia política, políticas públicas e movimentos sociais e bacharelado em gerontologia pela mesma instituição.  
karinageronto@gmail.com



## RESUMO

O processo de aprendizagem é um fenômeno central na vida dos seres humanos, o qual ocorre constantemente e ao longo do ciclo vital. De maneira didática, a expressão de aprendizagem ao longo da vida reflete a sinergia entre as modalidades educativas formais, não formais e informais. Neste artigo, apresentamos a terminologia da educação não formal e a compreensão deste conceito nas propostas de aprendizagem para as pessoas idosas. Destacamos a trajetória histórica, as principais características e as pesquisas relacionadas aos programas de educação não formal para as pessoas idosas, considerados pioneiros e de grande referência no contexto internacional e no Brasil.

**Palavras-chave:** aprendizagem ao longo da vida; educação não formal; pessoas idosas; longevidade.

## ABSTRACT

*The learning process is a central phenomenon in the lives of human beings, which occurs constantly and throughout the life cycle. In a didactic way, the term lifelong learning reflects the synergy between formal, non-formal and informal educational modalities. In this article, we present the terminology of non-formal education and the understanding of this concept in learning proposals for the elderly. We highlight the historical trajectory, the main characteristics and research related to non-formal education programs for the elderly, considered pioneers and of great reference in the international context and in Brazil.*

**Keywords:** *lifelong learning; no-formal education; older adults; longevity.*

## INTRODUÇÃO

O aprender por toda a vida é uma necessidade humana, a qual ocorre desde antes o nascimento (com aprendizagens pré-conscientes no útero materno) e continua até a perda da consciência, antes de morrer. Para Jarvis (2013), a aprendizagem é um processo pessoal, tanto do ponto de vista existencial quanto experiencial, fruto da relação entre a pessoa e o mundo (aspectos culturais e sociais). Assim, a aprendizagem ocorre em uma situação social, em que é a pessoa inteira (corpo e mente) que aprende, assumindo novas possibilidades de pensar e agir. Os fatores que compõem o processo de aprendizagem – conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, crenças, emoções, sentidos, senso de identidade, entre outros – são modificáveis através do tempo e promovem a transformação total da pessoa (JARVIS, 2013).

Por esta perspectiva, é possível compreendermos que o processo de aprendizagem e do envelhecimento, ambos complexos, se entrelaçam ao longo de toda a vida, promovendo experiências pessoais únicas. Como aprendizes, as pessoas assimilam valores e se integram às situações e vivências que permitem o seu aprimoramento, apresentando diferentes recursos pessoais e perspectivas de vida que influenciam no curso de seu desenvolvimento ao longo da vida<sup>1</sup> (CACHIONI, 2018). Contudo, não apenas a aprendizagem transforma as pessoas, mas por meio delas também afeta e provoca mudanças nas organizações e instituições das quais fazem parte (RASMUSSEN, 2018).

Neste artigo, apresentamos o conceito amplo da aprendizagem para subsidiar a análise sobre a educação não formal. De maneira mais específica, daremos enfoque às atividades educativas não formais direcionadas às pessoas idosas, com a apresentação de pesquisas referentes à temática e exemplos de programas pioneiros no mundo e no Brasil.

## APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

A expressão “aprendizagem ao longo da vida” (*lifelong learning*) é amplamente aceita e utilizada em contextos variados. De forma flexível e adaptada, a terminologia está presente nas áreas educacionais, políticas, econômicas e culturais, entre outras (DEHMEL, 2006). O termo é abrangente e advém dos debates sobre a relevância da educação de adultos, reafirmando a compreensão de que o processo da aprendizagem está presente em todas as fases do ciclo vital. Segundo Delors et al. (1996), a aprendizagem ao longo de toda a vida consiste em um processo *continuum* de emancipação política e social, com impactos no desenvolvimento dos indivíduos e de suas comunidades. Portanto,

<sup>1</sup> O reconhecimento dos processos de desenvolvimento e envelhecimento como eventos correlatos foi impulsionado por avanços no campo da psicologia do envelhecimento, principalmente pelas contribuições do psicólogo Paul B. Baltes e demais colegas que aprofundaram os estudos sobre o paradigma de desenvolvimento ao longo da vida (*lifespan*) (CACHIONI, 2018).



**O processo de aprendizagem e do envelhecimento, ambos complexos, se entrelaçam ao longo de toda a vida, promovendo experiências pessoais únicas.**

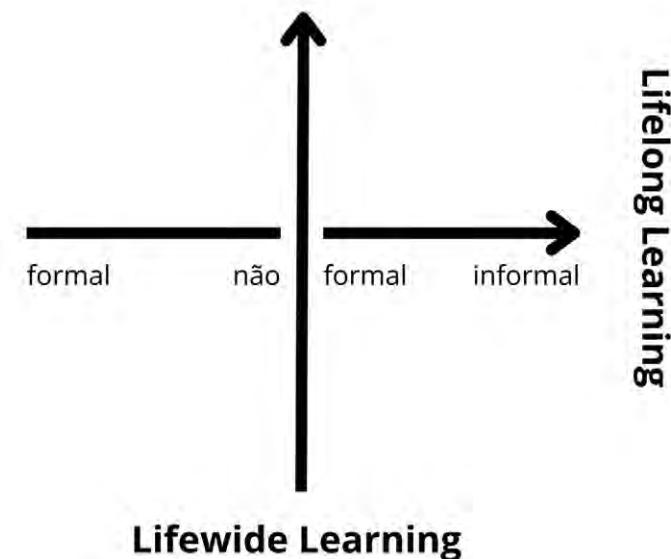
a essência da aprendizagem ao longo da vida está no aprimoramento das capacidades individuais e competências pessoais de aprender.

Neste sentido, cada pessoa trilha o próprio percurso de aprendizagem, adequando-o às suas necessidades e interesses em todas as fases da vida. Por esta compreensão, a aprendizagem não ocorre apenas vinculada à educação institucionalizada, desde a pré-escola até a educação de adultos (preparação para o mercado de trabalho), mas também em diferentes contextos, dentro e fora das instituições.

Este debate marca o movimento da “educação para a aprendizagem”, o qual obteve maior ênfase entre as organizações intergovernamentais na década de 1990 (CACHIONI; FLAUZINO, 2022). Embora encontramos uma tendência comum em utilizar o termo da educação ao longo da vida (*lifelong education*) como sinônimo de aprendizagem ao longo da vida (*lifelong learning*), é importante destacar que, apesar da similaridade, os dois termos possuem diferenças conceituais. Enquanto o primeiro refere-se à provisão de oportunidades de aprendizagem vinculadas ao ensino sistemático e intencional, mantido e regularizado por órgãos políticos e deliberado aos níveis local, nacional e global, o segundo termo apresenta a compreensão ampla da aprendizagem, a qual não se restringe aos períodos iniciais de vida ou de preparação para o trabalho, sendo incorporada em distintos contextos educativos – formal, não formal e informal (JARVIS, 2005).

Assim, o processo de aprendizagem acontece por variadas formas, em diferentes espaços e o tempo todo (FERNANDES; GARCIA, 2019). A Figura 1 demonstra o modelo das dimensões da aprendizagem ao longo da vida, reunindo a dimensão temporal (*lifelong*, representado pela linha vertical) e a diversidade de contextos educativos (*lifewide*, representado pela linha horizontal).

**Figura 1 – Dimensões da Aprendizagem ao Longo da Vida**



Fonte: adaptado de Boström (2014)

Contudo, Delors et al. (1996) reforçam a necessidade de uma cultura educacional que integra e complementa os contextos da aprendizagem (formais, não formais e informais), superando a limitação de idade cronológica. Assim, a separação entre a formação profissional da aprendizagem geral ou a de educação de pessoas idosas e adultos para aquela voltada aos jovens perde o sentido, pois cada tipo de aprendizagem influencia e complementa a outra.

Porém, para alcançar a conectividade e sinergia entre os contextos educativos, torna-se necessário distinguir e demarcar as principais diferenças entre eles; pois ainda se tem a representação dominante no senso comum de que a aprendizagem é restrita ao processo escolar e ocorre apenas em instituição de ensino (GOHN, 2020). As características inerentes de cada contexto educativo que compõe a aprendizagem ao longo da vida podem ser resumidas conforme Gohn (2006) e Gaddotti (2005) apresentam:

- a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas e universidades, com conteúdos previamente demarcados, com objetivos claros e específicos. O currículo é definido por uma diretriz educacional cen-

**Artigo 1**

Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

tralizada, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas a nível nacional;

- a educação não formal é aquela que se aprende via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. É mais difusa, menos hierárquica e burocrática, desta maneira, pode ou não seguir um sistema sequencial ou conceder certificados de aprendizagens. A duração é variável e flexível, respeitando as diferenças e capacidades de cada educando;
- a educação informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, no bairro, no clube, com amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.

**A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL**

No cenário internacional, o uso da terminologia educação não formal pode ser encontrado nas publicações de estudos realizados por teóricos e educadores no início do século XX, antes mesmo de o termo ser cunhado (GOHN, 2020). A educação não formal ganhou maior popularidade após a Segunda Guerra Mundial, quando a utilização conceitual da nomenclatura *non formal education* foi apresentada na conferência educacional realizada em Virgínia (Estados Unidos), patrocinada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para discutir os problemas oriundos do contexto escolar no final dos anos 1960.

Em anos posteriores, o campo da educação não formal passou a ser apoiado por agências intergovernamentais de desenvolvimento – como o Banco Mundial, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e a Unesco – por entender como o processo educativo pode ser vantajoso economicamente. Após os Estados Unidos, a discussão sobre a terminologia da educação não formal seguiu para a Europa e, tempos depois, surgiu nos debates e produções acadêmicas brasileiros (FERNANDES; GARCIA; 2019).

No Brasil, os processos educativos em contextos não formais obtiveram maior visibilidade com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996. De acordo com Gohn (2020), a referida lei abriu caminhos para o debate institucional de reconhecimento da educação não formal ao apresentar o conceito de educação como:



**O conceito da educação não formal está atrelado à aprendizagem que ocorre no “mundo da vida”, por meio de compartilhamento de experiências em espaços e ações coletivas, como nas organizações sociais, movimentos e associações (GOHN, 2020).**

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996, art. 1º).

Porém, o termo educação não formal se espalhou pelo país a partir dos anos 2000, quando instituições, organizações e associações passaram a utilizar o conceito para se referir a programas e ações educativas junto às comunidades, relacionadas às temáticas de cidadania, participação, inclusão social, entre outros (GOHN, 2020). Para a pesquisadora Gohn (2020) – uma das pioneiras nos estudos da educação não formal no país –, o conceito da educação não formal está atrelado à aprendizagem que ocorre no “mundo da vida”, por meio de compartilhamento de experiências em espaços e ações coletivas, como nas organizações sociais, movimentos e associações.

Assim, a educação não formal está presente nas formas colegiadas e conselhos gestores de representação da sociedade civil; nos programas de formação sobre direitos humanos; nas aprendizagens de habilidades e desenvolvimento de competências para o trabalho; na educação na e pela mídia; nas práticas identitárias, com objetivos comunitários, de cidadania e de participação. Como a autora observa, na educação não formal o educador é o outro, ou seja, a pessoa com quem se interage; e os espaços educativos estão envolvidos nas trajetórias individuais e grupais durante a vida, em locais informais.

Contudo, o aspecto principal da educação não formal consiste na presença da intencionalidade pelo ato de aprender, participar, trocar e transmitir saberes por meio dos processos interativos sociais (GOHN, 2006). Compreende-se, desta maneira, que a educação não formal é “(...) um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do

indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (GOHN, 2020, p. 12). Portanto, essa modalidade educativa é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, e não é algo naturalizado, espontâneo ou dado por características na natureza (GOHN, 2014). O conceito remete à formação do ser humano em geral, sendo um direito social para todos, em qualquer idade, com o principal objetivo de uma educação para a cidadania, a qual abrange os seguintes tópicos (GOHN, 2006):

- educação para justiça social;
- educação para direitos (humanos, sociais, políticos, culturais etc.);
- educação para liberdade;
- educação para igualdade;
- educação para democracia;
- educação contra discriminação;
- educação pelo exercício da cultura e para a manifestação das diferenças culturais.

De acordo com Fernandes e Garcia (2019), torna-se possível verificar algumas características inerentes do campo da educação não formal tendo como base as organizações e os movimentos sociais e populares: a) apresentar caráter voluntário; b) promover a socialização; c) promover a solidariedade; d) visar o desenvolvimento; e) preocupar-se essencialmente com a mudança social; f) ser pouco formalizado e pouco hierárquico; g) favorecer a participação; h) proporcionar investigações e projetos de desenvolvimento; i) serem, por natureza, formas de participação descentralizadas.

Conforme reforça Gohn (2014), a essência da educação não formal é a intencionalidade na ação, ou seja, a existência de uma vontade, uma tomada de decisão e a busca de procedimentos para realizá-la. Desta maneira, tornam-se mais evidentes as diferenças conceituais entre a educação não formal e a formal, as quais não se contrapõem e nem são intercambiáveis ou substituíveis (GOHN, 2020; GADOTTI, 2005). Ambos os campos educativos são autônomos e independentes, os quais se relacionam, interpenetram, tangenciam com mobilidade e fronteiras indefinidas, buscando a integração e a valorização das diferentes formas de praticar a educação (FERNANDES; GARCIA, 2019).

Em uma análise histórica, o interesse para a promoção de aprendizagens com pessoas idosas surgiu em decorrência da maior compreensão do processo de envelhecimento e das mudanças presentes no curso da vida, principalmente as que se referiam ao trabalho e ao período da aposentadoria (WITHNALL, 2012). Bélanger (2016) acrescenta que o



## As oportunidades de aprendizagens não formais direcionadas aos idosos obtiveram grande visibilidade na segunda metade do século XX, por meio de programas vinculados às universidades e associações.

colapso na identidade social e a retomada de investimentos na trajetória educacional foram os principais fenômenos que impulsionaram a procura por aprendizagens. Como resultado, as oportunidades de aprendizagens não formais direcionadas aos idosos obtiveram grande visibilidade na segunda metade do século XX, por meio de programas vinculados às universidades e associações.

A educação não formal é a modalidade educativa com maior investimento para as pessoas idosas (FLAUZINO et al., 2022), promovendo conhecimentos e informações, ao mesmo tempo em que possibilita e legitima o exercício da cidadania (CACHIONI, 2018). No estudo de revisão organizado por Bortoli e Marchi (2022), as autoras assinalam que as principais motivações das pessoas idosas pela busca pela educação não formal estão vinculadas ao envelhecimento bem-sucedido, ao engajamento, à integração social e ao aprimoramento de capacidades e habilidade; e, de maneira mais específica, à aprendizagem das tecnologias digitais, ao desenvolvimento cognitivo e às práticas de cuidado.

Um país com rica tradição na oferta de programas de educação não formal para as pessoas idosas é os Estados Unidos, com a inauguração dos *Institutes for Learning in Retirement*, em 1962; seguido por diversas outras organizações americanas, as quais replicaram ou adaptaram o modelo inicial, como o *Elderhostel (Road Scholar)*, desde 2011), fundado em 1975, e o *Osher Lifelong Learning Institutes*, em 1977 (FORMOSA, 2019). Na Europa, as oportunidades de programas deste tipo estão concentradas nas Universidades da Terceira Idade, a qual detalharemos a seguir.

### AS UNIVERSIDADES DA TERCEIRA IDADE

O movimento das Universidades da Terceira Idade (U3A) está em operação há mais de 45 anos e representa um marco mundial no que se refere às oportunidades de aprendizagem para os idosos (FORMOSA,

**Artigo 1**

Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

2019). As U3A caracterizam-se como um programa educacional de modalidade não formal direcionado à população de adultos e idosos (CACHIONI, 2018) e podem ser definidas como:

(...) centros socioculturais onde as pessoas idosas adquirem novos conhecimentos sobre temas significativos, ou validam os conhecimentos que já possuem, em um ambiente agradável e de acordo com métodos fáceis e aceitáveis, com o objetivo de preservar a sua vitalidade e a participação na vida comunitária (FORMOSA, 2019c, p.1).

As primeiras U3A surgiram na França, impulsionadas pela promulgação de lei francesa (Lei nº 68-978, de 12 de novembro de 1968) que tratava da orientação do ensino superior, obrigando as universidades a serem provedoras e responsáveis pelo processo educativo ao longo da vida. Nesta perspectiva, em 1972, o professor Pierre Vellas coordenou um programa de verão na Universidade de Toulouse com atividades culturais, palestras e visitas guiadas destinadas às pessoas aposentadas. O programa obteve grande repercussão positiva entre os participantes e, no verão de 1973, Vellas planejou uma nova série do programa, sob a denominação de Universidade da Terceira Idade.

Os principais objetivos do programa eram oferecidos aos adultos maduros e idosos um ambiente de aprendizagem culturalmente estimulante, com incentivos ao diálogo entre os pares, exercício da cidadania, ocupação do tempo livre e ampliação das redes sociais (CACHIONI, 2018). Apenas três anos depois de sua fundação, o modelo de U3A de Toulouse já se encontrava estabelecido em diversos países, como Bélgica, Suíça, Polônia, Itália, Espanha e na região de Québec, no Canadá (FORMOSA, 2019).

A proposta inicial das U3As gerou uma série de desdobramentos quanto à sua organização e princípios, ocorrendo adaptações de acordo com as peculiaridades regionais e continentais. Encontramos as U3As divididas em dois modelos principais: o modelo francês e o modelo britânico (inglês ou anglo-saxônico), sendo que este último teve início na década de 1980, especialmente, no Reino Unido (FORMOSA, 2014). No entanto, a miscigenação entre as duas propostas e o desenvolvimento de modelos de U3A alinhados às particularidades políticas e sociais de cada país geraram modelos híbridos e modelos próprios. O Quadro 1 reúne os objetivos gerais de cada modelo, suas principais características e os países que o adotam.

**Quadro 1 – Principais Modelos das Universidades da Terceira Idade**

Modelos das Universidades da Terceira Idade (U3A)			
Modelo Francês	Modelo Inglês	Modelo Híbrido	Modelo Próprio
<b>Objetivo principal</b>			
Ensino ao idoso com base em conhecimento científico-acadêmico	Ensino ao idoso em sua própria comunidade	Ensino ao idoso em diferentes contextos e instituições	Atender necessidades educativas específicas dos idosos comunitários
<b>Característica principal</b>			
Educação não formal em estruturas educacionais formais: universidades	Ideal de autoajuda. Idosos assumem papéis como alunos e como professores no processo de aprendizagem	Educação não formal diversificada em instituições comunitárias ou universitárias	Criações originais fundamentadas nas necessidades e estruturas institucionais locais
<b>Países que adotam o modelo</b>			
Alemanha	Austrália	Canadá	China
Argentina	Grã-Bretanha	Dinamarca	Estados Unidos
Bélgica	Índia	Espanha	Japão
Brasil	Irlanda	Portugal	Áustria
Eslováquia	Nova Zelândia	Finlândia	Canadá
Finlândia	República Checa		
França			
Holanda			
Itália			
Nigéria			
Polônia			
Suécia			
Suíça			
Ucrânia			

**Fonte: Cachioni e Flauzino (2022)**

A proposta do programa de U3A chegou à América Latina no início dos anos 1980, por meio da *Universidad Abierta* (UNI3) no Uruguai, com sede no Instituto de Estudos Superiores de Montevideu, a qual tomou como base os princípios da UNI3 de Genebra. As UNI3s espalharam-se, primeiramente, pelo Uruguai e depois por outros países da

**Artigo 1**

Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

América, como Paraguai, Argentina, Chile, Panamá, Venezuela, México e Brasil (CACHIONI, 2018).

Apesar de contextos sociais distintos entre os países europeus e o Brasil, a internacionalização dos conhecimentos em gerontologia oportunizou o interesse das universidades brasileiras sobre a temática, importando e incorporando a expressão “terceira idade” nas denominações de grupos, centros e programas nacionais para os idosos. Além disso, diretrizes políticas – como a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003) – reforçaram as competências dos órgãos públicos quanto ao incentivo e fomento de ações educativas direcionadas às pessoas idosas. Dentre as últimas alterações realizadas no Estatuto do Idoso (Lei nº 13.535, de 15 de dezembro de 2017), ressalta-se a inclusão da nova redação do artigo 25, com intuito de garantir aos idosos a oferta de cursos e programas de extensão pelas instituições de ensino superior:

Art. 25. As instituições de educação superior ofertarão às pessoas idosas, na perspectiva da educação ao longo da vida, cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais. Parágrafo único. O poder público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual (NR).

Conforme o disposto no artigo 207 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), as universidades brasileiras possuem autonomia didática-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e devem obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Deste modo, as universidades são responsáveis pela integração entre a apropriação do conhecimento, a produção de novos conteúdos e a intervenção na realidade social. Os programas das U3A vinculados aos espaços universitários representam uma iniciativa importante de aprendizagem não formal para as pessoas idosas, sendo reconhecidos nacionalmente como estratégias de promoção do envelhecimento bem-sucedido.

Embora não se tenha dados recentes sobre o número total destes programas no território brasileiro, o último registro, do ano de 2000, indica 200 unidades (CACHIONI, 2018; PALMA, 2000). Sob a análise

**Artigo 1**

Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

das universidades públicas federais, dados mais recentes do levantamento organizado por Silva, Silva e Rocha (2017) sinalizam que do total de 63 universidades, 36 destas apresentavam programas de U3A no ano de 2015.

A dificuldade em mapear as U3A brasileiras está na ausência de um sistema nacional que permita identificar localização, características das equipes, números de alunos matriculados e metodologias aplicadas por estes programas (NASCIMENTO; GIANNOULI, 2019). Cabe ressaltar a existência de duas organizações que congregam as U3A no território brasileiro: a Associação das Universidades e Faculdades Abertas para a Terceira Idade (Aufati) – que registra as U3A vinculadas às instituições de ensino superior localizadas no estado de São Paulo – e a Associação Brasileira de Universidades da Terceira Idade (Abrunati), que congrega as U3As em nível nacional e apresenta como finalidade valorizar a pessoa idosa e sua inclusão na sociedade por meio das ações universitárias. Porém, a busca pelo fortalecimento dos programas das U3As e a necessária rede de informações capazes de contextualizar o panorama atual das U3As brasileiras são temas recorrentes de discussão e debates em fóruns e encontros nacionais sobre a temática, como ocorreu no IV Seminário Internacional da Abrunati, realizado em 2019 na cidade de Aracajú (SE).

No âmbito acadêmico, diversos estudos têm constatado a diversidade de atividades educativas não formais ofertadas nos programas da U3A, as quais seguem organizações administrativas e finalidades próprias, alinhadas aos objetivos de cada instituição provedora (CACHIONI; FLAUZINO, 2022). Pesquisas demonstram a existência de diversas formas de delinear, planejar e estruturar os programas da U3A no contexto brasileiro, principalmente no que se refere à metodologia e aos recursos físicos, humanos e materiais (OLIVEIRA; WANDERBROOKE, 2021).

Várias pesquisas transversais já evidenciaram a importância das U3As para as condições de saúde e qualidade de vida dos seus participantes, embora não existam pesquisas longitudinais que comprovem a relação causal entre a adesão às U3As e a melhoria no bem-estar físico e cognitivo (FORMOSA, 2019c). No contexto brasileiro, pesquisas demonstram a influência positiva na avaliação da sintomatologia depressiva e na percepção de qualidade de vida – domínios físico, psicológico e relacionamentos sociais – com o tempo de participação superior a um ano no programa da U3A (IRIGARAY; SCHNEIDER,

2008); e, ainda, diferenças positivas nos escores da qualidade de vida dos participantes quando comparados aos idosos não participantes desses programas (INOUYE et al., 2018; ADAMO et al., 2017).

Outro estudo com 265 idosos revelou que os participantes veteranos com participação igual ou superior há um semestre letivo apresentaram altos níveis de afetos positivos, ficaram mais felizes e menos desmotivados que os idosos iniciantes no programa da U3A. A pesquisa sugere que a frequência dos idosos no programa pode gerar índices maiores no nível de bem-estar subjetivo, propiciado por situações sociais e educativas significantes (CACHIONI et al., 2017). Conforme destacam Webber e Celich (2007), é possível verificar contribuições positivas da frequência nos programas da U3A na vida pessoal, familiar e nos relacionamentos dos participantes, além de favorecer a maior conscientização do exercício pleno de cidadania, ampliando as possibilidades de participação e engajamento social.

Os motivos que levam as pessoas idosas a ingressarem em programas de aprendizagem são variados e podem estar associados à sobrevivência diante das mudanças complexas do mundo ou à maior satisfação e autorrealização na vida. Em uma pesquisa realizada com 306 pessoas com idade de 50 anos ou mais, os principais fatores motivacionais para a matrícula no programa da U3A foram: aprimorar conhecimentos gerais, investir em desenvolvimento pessoal, aumentar a interação social, aprender mais para ajudar o próximo e empregar o tempo livre de forma lucrativa (CACHIONI et al., 2014). Outros pesquisadores relatam que o cuidado com a saúde, a busca por convívio diário, bem-estar e lazer constituem as motivações principais para participar de práticas de atividade física regular, vinculadas ao programa da U3A (RODRIGUES; FERNANDES, 2016).

De maneira geral, encontramos nas U3As brasileiras a predominância do modelo francês, embora existam iniciativas pontuais seguindo o modelo inglês, como por exemplo, a experiência da Universidade Sênior de Bagé Dr. Álvaro José de Godoy, no Rio Grande do Sul. Inaugurada em 2016 em um centro para idosos, a Universidade Sênior de Bagé reúne características semelhantes às propostas da maioria das U3As de Portugal, nas quais os professores são voluntários, os componentes curriculares são livres e não há exigências de qualificações, tanto para os professores como para os alunos idosos (GOMES, 2017).

Em comum com esta iniciativa, para além do contexto universitário, verificamos uma série de ações educativas voltadas às pessoas idosas. Destacamos a seguir o programa pioneiro de educação não formal para este público no Brasil.

### **O PROGRAMA TRABALHO SOCIAL COM IDOSOS (TSI) DO SESC**

O processo de internacionalização da gerontologia promovido pelos países que estavam na ponta dos estudos gerontológicos contribuiu para a emergência do interesse pela velhice no Brasil antes que o envelhecimento da população começasse a criar demanda por políticas, serviços e informação nos âmbitos científico e tecnológico, e muito antes que a velhice se configurasse como questão social, acadêmica e profissional (NERI et al., 2010).

Pensar sobre a evolução do campo gerontológico no Brasil exige a consideração da influência do Serviço Social do Comércio (Sesc). No início dos anos 1970, as unidades de São Paulo e de Campinas começaram a desenvolver cursos de preparação para a aposentadoria e de divulgação científica sobre cuidados com a saúde e o envelhecimento, bem como atividades educacionais, de lazer e esportivas nos mesmos moldes das Universidades do Tempo Livre, recém-criadas na França, para amparar as necessidades sociais do então emergente segmento idoso (NERI et al., 2010).

Os primeiros programas educativos para o público mais velho no Brasil foram liderados pela atuação da entidade privada Sesc aproximadamente no mesmo período de surgimento das universidades da terceira idade europeias. O Sesc objetivou favorecer a participação social das pessoas idosas em espaços adequados à convivência, com a inauguração do primeiro grupo de convivência em 1963, nomeado Carlos Malatesta. A iniciativa pautou-se nas experiências educativas americanas, as quais apresentavam grande expansão em seus programas educativos e centros sociais neste período.

Nos anos seguintes, com a sistematização dos métodos e dos objetivos, ocorreu a expansão do trabalho, definido a partir de três propostas principais: o surgimento de novos grupos, que passaram a ser chamados de “centros de convivência”, o oferecimento dos cursos de Preparação para Idade Avançada e Aposentadoria e a criação das Escolas Abertas da Terceira Idade (SESC, 2021).



**Os primeiros programas educativos para o público mais velho no Brasil foram liderados pela atuação da entidade privada Sesc aproximadamente no mesmo período de surgimento das universidades da terceira idade europeias.**

Os grupos de convivência do Sesc centraram-se na busca por uma efetiva inclusão e valorização social, por meio da melhoria da qualidade de vida (abrangendo todos os domínios) e o exercício pleno da cidadania, composta de direitos e deveres junto à coletividade (FERRIGNO, 2006).

Nos anos posteriores, a proposta expandiu para as demais unidades do Sesc e, com o aumento da demanda por atividades educacionais diversificadas, houve a criação das Escolas Abertas da Terceira Idade, sendo a primeira inaugurada na cidade de Campinas (SP), no ano de 1977 (SESC, 2021). As atividades socioeducativas tiveram como objetivo a atualização de conhecimentos, mediado por cursos, palestras, seminários, oficinas de música, teatro, dança e pintura. Nas décadas de 1980 e 1990, o programa aprofundou suas preocupações quanto à questão da velhice e da garantia de seus direitos, acompanhando a criação de conselhos estaduais e municipais de idosos e estabelecendo parcerias com universidades.

O início dos anos 2000 foi marcado por eventos científicos, tais como o Encontro Internacional de Gerontologia, em parceria com a Universidade de Barcelona, e o Encontro Nacional de Idosos; e pela parceria com a Fundação Perseu Abramo, que originou a pesquisa Idosos No Brasil – Vivências, Desafios e Expectativas na 3ª Idade, cujos resultados inspiraram a criação do projeto Era Uma Vez... Atividades Intergeracionais. O Sesc São Paulo incrementou a iniciativa ao implantar o programa Sesc GerAções, com o objetivo de promover a coeducação entre gerações (SESC, 2021).

No final de 2019, a pesquisa Idosos no Brasil recebeu seu segmento apresentando um comparativo com as informações colhidas em 2006, mas acrescentando 40 entrevistas qualitativas em profundidade para investigar questões que não estavam presentes na edição anterior, tais como moradia, sexualidade, relações familiares, hábitos de consumo, inclusão digital, entre outras.

O programa Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc desempenhou, ao longo dos anos, uma iniciativa inovadora no país ao contribuir para o desenvolvimento de um novo olhar acerca da velhice e do envelhecimento. Atualmente, o TSI caracteriza-se como:

(...) um programa de educação não formal e permanente, que tem por principal finalidade a valorização da pessoa idosa por meio das práticas de sociabilidade, da reflexão acerca do envelhecimento, da potencialização e partilha de saberes e da integração com as demais gerações (SESC, 2021, p. 68). As ações do programa organizadas em rede possibilitam a integração, o convívio entre as diferentes gerações e a sensibilização da comunidade, de profissionais e dos próprios idosos para temas relacionados às vulnerabilidades que permeiam a velhice – como por exemplo, a Campanha de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa e a Semana de Prevenção de Quedas em Pessoas Idosas.

Ao completar 60 anos de existência, o TSI alia o comprometimento com a luta por direitos das pessoas idosas com atividades caracterizadas pela educação não formal. Importante destacar que este trabalho possui uma trajetória de relevância na gerontologia nacional, podendo contribuir ainda mais com avanços específicos no campo da gerontecnologia, investindo efetivamente, por exemplo, na inclusão e no letramento digital, na gamificação e na robótica como recursos educativos. A necessidade e o interesse pela inclusão digital entre o público idoso representam parte dos resultados apontados pela pesquisa Idosos no Brasil de 2019.

Propiciar discussões e ações concretas relativas à Década do Envelhecimento Saudável pode ser uma outra importante ação do TSI. Este programa concentra-se em quatro áreas de ação específicas de ambientes amigos do idoso, preconceito de idade, cuidados integrados e cuidados de longo prazo. Combater o preconceito, com trabalho qualificado a partir de conhecimentos gerontológicos, é fundamental para que o TSI siga com excelência em suas ações educativas.

**Artigo 1**

Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ADAMO, C. E. et al. Universidade aberta para a terceira idade: o impacto da educação continuada na qualidade de vida dos idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 20, n. 4, p. 550-560, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562017020.160192>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- BÉLANGER, Paul. *Self-construction and social transformation Lifelong, Lifewide and Life-Deep Learning*. Hamburg: Unesco: Institute for Lifelong Learning, 2016.
- BORTOLI, Lis A.; MARCHI, Ana C. B. Educação não formal de idosos: revisão sistemática de metodologias de ensino. *Research, Society and Development*, v. 1, n. 12, e76111234278, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34278>. Acesso em: 6 mar. 2023.
- BOSTRÖM, Ann-Kristin. Intergenerational learning and social capital. In: SCHMIDT-HERTHA, Bernhard; KRAŠOVEC, Sabina J.; FORMOSA, Marvin. (eds.). *Learning across generations in Europe*. Rotterdam: Sense Publishers, p. 191-201, 2014.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília (DF): Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 10 fev. 2023.
- BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 5 jan. 1994. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1994/lei-8842-4-janeiro-1994-372578-norma-pl.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-pl.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10741-1-outubro-2003-497511-norma-pl.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BRASIL. Lei nº 13.535, de 15 de dezembro de 2017. Altera o art. 25 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), para garantir aos idosos a oferta de cursos e programas de extensão pelas instituições de educação superior. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 18 dez. 2017. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13535-15-dezembro-2017-785934-publicacaooriginal-154506-pl.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

**Artigo 1**

Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

- CACHIONI, Meire et al. Motivational factors and predictors for attending a continuing education program for older adults. *Educational Gerontology*, v. 40, n. 8, p. 584-596, 2014.
- CACHIONI, Meire et al. Bem-estar subjetivo e psicológico de idosos participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 20, n. 3, p. 340-352, 2017.
- CACHIONI, Meire. *Quem educa os idosos?* 2. ed. Campinas (SP): Alínea, 2018.
- CACHIONI, Meire; FLAUZINO, Karina L. Aprendizagem ao longo da vida. In: FREITAS, Elizabete V.; P. Y., Ligia. *Tratado em gerontologia e geriatria*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1.370-1.379, 2022.
- CACHIONI, Meire; FLAUZINO, Karina L. Universidade da Terceira Idade. In: FREITAS, Elizabete V.; P. Y., Ligia. *Tratado em gerontologia e geriatria*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1.380-1.389, 2022.
- DEHMEL, A. Making a European area of lifelong learning a reality? Some critical reflections on the European Union's lifelong learning policies. *Comparative Education*, v. 42, n. 1, p. 49-62, Feb. 2006. <https://doi.org/10.1080/03050060500515744>.
- DELORS, Jacques et al. *Educação, um tesouro a descobrir*: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: Unesco: Cortez Editora, 1998.
- FERRIGNO, José C. Trabalho social com idosos: apresentação da experiência pioneira do Sesc na área do lazer e da cultura. *Cadernos de Terapia Ocupacional da USFCar*, v. 14, n. 1, p. 23-31, 2006.
- FLAUZINO, Karina L. et al. Lifelong learning activities for older adults: a scoping review. *Educational Gerontology*, v. 48, n. 5, 2022. <https://doi.org/10.1080/03601277.2022.2052507>.
- FORMOSA, Marvin. Four decades of universities of the third age: past, present, future. *Ageing and Society*, v. 34, n. 1, p. 42-66, 2014. <https://doi.org/10.1017/S0144686X12000797>.
- FORMOSA, Marvin. Educational gerontology. In: GU, D.; DUPRE, M. E. (ed.). *Encyclopedia of gerontology and population aging*. Switzerland: Springer Nature, p. 1-8. 2019a.
- FORMOSA, Marvin. *The University of the Third Age and active ageing European and Asian-Pacific perspectives*. Cham: Springer Nature Switzerland AG, 2019b.
- FORMOSA, Marvin. Universities of the Third Age. In: GU, D.; DUPRE, M. E. (ed.). *Encyclopedia of gerontology and population aging*. Switzerland: Springer Nature, p. 1-6. 2019c.
- GOHN, Maria G. Educação não formal na pedagogia social. In: *I Congresso Internacional de Pedagogia Social*. São Paulo, 2006. Anais... São Paulo, Faculdade de Educação. Universidade da São Paulo. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000092006000100034](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034). Acesso em: 14 fev. 2023.

**Artigo 1**

Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

- GOHN, Maria G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. *Investigar em Educação*, v. 2, n. 1, p. 35-50, 2014.
- GOHN, Maria G. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos(ãs) em tempos do coronavírus. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 7, n. 7, p. 9-20, 2020.
- GOMES, Daiane. Envelhecimento ativo e educação: Universidade Sênior de Bagé. In: *9º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unipampa: Salão de Ensino*, 2017. Anais... Santana do Livramento, Siepe, v. 9, n. 1, p. 1-5. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/issue/view/304>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- INOUE, Keika et al. Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. *Educação e Pesquisa*, v. 44, n. e142931, p. 1-19, 2018.
- IRIGARAY, Tatiana Q.; SCHENEIDER, Rodolfo H. Participação de idosas em uma universidade da terceira idade: motivos e mudanças ocorridas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, n. 2, p. 211-216, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200011>.
- JARVIS, Peter. *International dictionary of adult and continuing education*. London: Kogan Page, 2005.
- JARVIS, Peter. *Aprendendo a ser uma pessoa na sociedade: aprendendo a ser eu*. In: ILLERIS, K. (ed.). *Teorias contemporâneas da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, p. 31-45, 2013.
- NASCIMENTO, Marcelo M.; GIANNOULI, Eleftheria. Active aging through the University of the Third Age: The Brazilian model. *Educational Gerontology*, v. 45, n. 1, p. 11-21, 2019. <https://doi.org/10.1080/03601277.2019.1572998>.
- NERI, Anita L.; GUARIENTO, Maria E.; CINTRA, Fernanda A. Processo gradual e contextualizado da construção interdisciplinar do programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp. In: PHILIPPI Jr. A.; SILVA, Neto A. J. (ed.). *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação*. 1ª ed. São Paulo: Manole, 2010.
- OLIVEIRA, Daniela B.; WANDERBROOKE, Ana C. N. S. Caracterização das Universidades Abertas da Terceira Idade: estudo de revisão sistemática no cenário brasileiro. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 24, n. 1, p. 715-737, 2021. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2021v24i1p715-737>.

**Artigo 1**

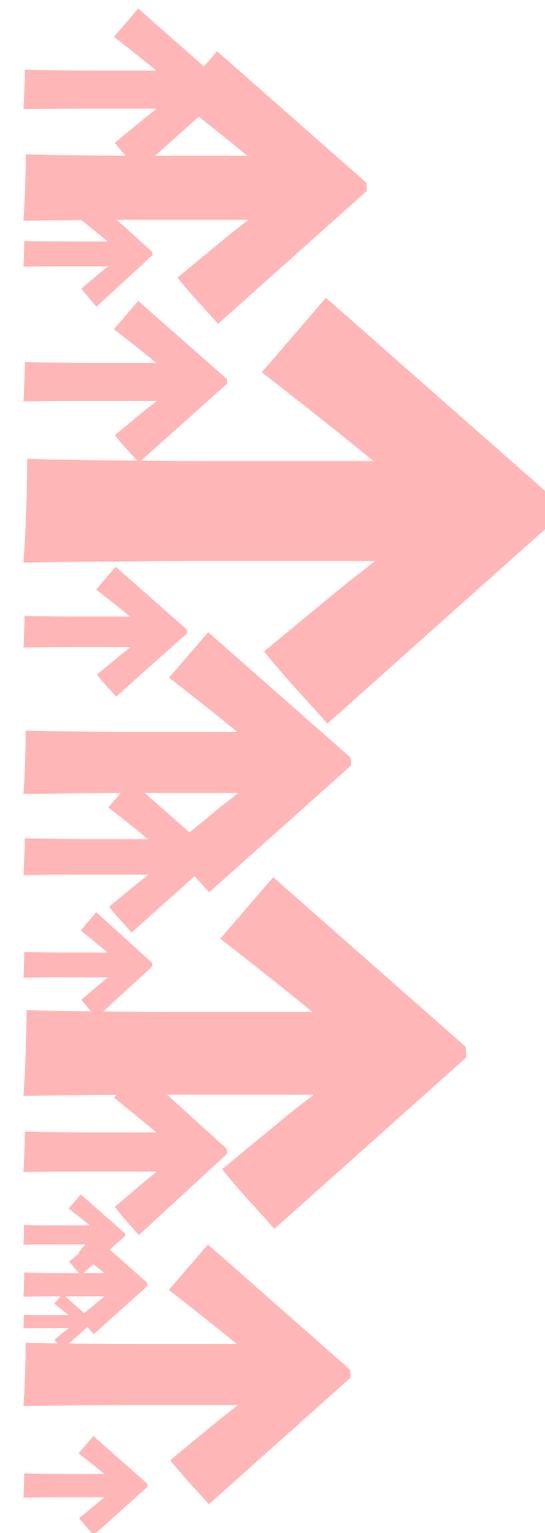
Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas

- PALMA, Lucia T. S. *Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo: UPF Editora, 2000.
- RASMUSSEN, Palle. Adult learning and communicative rationality. In: MILANA, M. et al. *The Palgrave international handbook on adult and lifelong education and learning*. London: Palgrave Macmillan, p. 93-109, 2018.
- RODRIGUES, Juliana P.; FERNANDES, Charles A. M. Lazer e sociabilidade: sobre as memórias e motivações de idosos participantes de uma experiência de educação não formal na zona leste da cidade de São Paulo. *Licere*, v. 19, n. 4, p. 201-225, 2016.
- SESC. COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA MAIS 60. Trabalho social com idosos (TSI) do Sesc: trajetória e realizações. *Mais 60 – Estudos sobre Envelhecimento*, v. 32, n. 80, p. 54-75, 2021.
- SILVA, Flora. M.; SILVA, André T. D.; ROCHA, Rudimar A. Onde estão as Unti das Universidades Públicas Federais no Brasil. In: XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária. 2017. Mar del Plata, Argentina. *Anais...* Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/181218>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- WEBBER, Francieli; CELICH, Kátia L. S. As contribuições da Universidade Aberta para a terceira idade no envelhecimento saudável. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v. 12, p. 127-142, 2007. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4983>.
- WITHNALL, Alexandra. Lifelong or longlife? Learning in the later years. In: ASPIN, D. et al. (ed.). *Second international handbook of lifelong learning*. New York: Springer, 2012, p. 649-664.

2

# Educação em gerontologia: contribuição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)

[Artigo 2, páginas de 30 a 45]



## **Simone Fiebrantz Pinto**

Mestra em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR), especialista em gerontologia pela SBGG, preceptora do Estágio de Longa Duração Geriatria Prática Favi, no Hospital Nossa Senhora das Graças. Presidente do Departamento de Gerontologia SBGG 2021-2023.  
simone.parana@yahoo.com.br

## **Ana Lucia Fiebrantz Pinto**

Especialista em gerontologia pela SBGG, coordenadora de Gerontologia Social Clínica da Favi, membro do conselho consultivo SBGG/PR.  
gerigero@gmail.com

## **Maurilio José Pinto**

Mestre em cardiologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), residente estrangeiro em geriatria do Colégio de Medicina dos Hospitais de Paris, especialista em gerontologia clínica pela Universidade Paris VI e geriatra pela SBGG/Associação Médica Brasileira  
iggpr@terra.com.br

*Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz, de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma. Portanto, obrigada a cada um de vocês que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar um dia um imenso bordado de nós*

(Cris Pizziment, *Sou Feita de Retalhos*)

**RESUMO**

Área do estudo e de intervenção (PAPALEO NETTO, 2006), a gerontologia transita como eixo estruturante nas diferentes formas da busca do conhecimento, aliada aos conceitos de envelhecimento e de velhice. Com a finalidade de determinar cada vez mais claramente sua importância e dirimir as ambivalências conceituais, mantém-se como primordial a continuidade do estudo crítico de seu valor e princípios, das possíveis hipóteses e de seus fundamentos epistemológicos (SÁ, 1999). Internacionalmente e em nosso país a gerontologia, caracteristicamente multidisciplinar, constitui-se no estudo das diversas faces do envelhecimento humano e abrange a geriatria. Como disciplina, está contemplada no ensino, na pesquisa, nas intervenções assistenciais e, associada aos interesses diversos da sociedade em geral, aliada a um projeto de políticas públicas. No Brasil, a SBGG mantém o seu lugar na história da educação na área da gerontologia e da geriatria, comprometida com a qualificação profissional e o incentivo da formação acadêmica nos diferentes níveis, fomentando a inclusão de disciplinas de gerontologia e geriatria desde os cursos de graduação, de *lato sensu*: especializações, aperfeiçoamentos e atualizações; e *strito sensu*: mestrado e doutorado, valorizando estas formações em seus concursos para títulos de especialistas.

**Palavras-chave:** gerontologia; geriatria; educação; envelhecimento.

**ABSTRACT**

*Gerontology is the field of study and intervention (PAPALEO NETTO, 2006) that has a pivotal role in the pursuit of knowledge of the concepts of aging and old age. In order to increasingly establish its importance and solve conceptual ambivalences, it is essential to proceed with the critical study of its values and principles, of its possible hypothesis and epistemological foundation (SÁ, 1999). Globally and in our country, gerontology is characterized for being a multidisciplinary field. It is the study of the several aspects of human aging, and encompasses geriatrics. This field of study is integrated in teaching and research, caring interventions, and public policy projects, serving the interests of society. In Brazil, SBGG (Brazilian Geriatrics and Gerontology Society) has been important in fostering education about gerontology and geriatrics. it is committed to professional qualification and encourages the inclusion of gerontology and geriatrics in higher education, from undergraduate programs to postgraduate lato sensu: specialization, continuing education, refresher courses, and stricto sensu graduate courses: masters and doctorate courses. these courses are highly esteemed when the professional applies for a Specialist Degree from SBGG.*

**Keywords:** gerontology; geriatrics; education; aging.

**2023, ANO EM QUE SE COMEMORA O ANIVERSÁRIO DE CRIAÇÃO DA GERONTOLOGIA, 120 ANOS! UM POUCO DE HISTÓRIA**

Elie Metchnikoff, cujo nome está diretamente associado à gerontologia, era de origem russo-francesa e nasceu em 16 de maio de 1845, numa pequena aldeia próxima a Kharkoff, na Ucrânia, sob domínio do Império Russo. Imunologista e zoólogo, com obras relevantes de imunologia e microbiologia, e citado em muitos estudos fundamentais, Metchnikoff foi laureado com o prêmio Nobel de Medicina em 1908 por seus estudos em imunologia. Falava português, que aprendeu ao viver na Ilha da Madeira por determinado tempo (MENDES e LEITÃO, 2015).

No início do século XX, mais precisamente em 1903, Elie Metchnikoff cria a gerontologia como disciplina e traz à luz uma importante vertente que revela um caminho para a compreensão do envelhecimento humano, se propondo a estudar uma das questões mais antigas da humanidade: o envelhecimento e a longevidade (PAPALEO NETTO, 2006).

A gerontologia, mesmo do alto dos seus 120 anos, ainda pode ser considerada um ramo jovem da ciência (PRADO, 2016) que estuda o processo de envelhecimento ao considerar-se que a aspiração humana da vida longa acompanha a própria civilização. A partir de 1930, a gerontologia assumiu um caráter de internacionalização estimulado pelos países que estavam à frente dos estudos gerontológicos, nos quais a velhice já se constituía uma realidade com demandas médico-sociais (LOPES, 2000). Em 1950, ano em que foi criada a International Association Gerontology (IAG), a internacionalização da gerontologia alcançou o Brasil e foram criados pequenos grupos de pioneiros que se interessaram pelos estudos do envelhecimento e da velhice, antes mesmo de surgirem demandas específicas, médicas ou sociais (MELLO; LIMA-SOUZA; CACHIONI, 2018). No Rio de Janeiro, na Santa Casa de Misericórdia, e em São Paulo, no Hospital Miguel Couto, constituíram-se os primeiros grupos de estudo e foram organizadas as primeiras Jornadas de Geriatria (SBGG, 2022). Esses grupos pioneiros formaram-se antes da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG), tendo contribuído para a sua criação, além de apoiarem outras iniciativas na área de educação médica (SBGG, 2023).

A complexa tarefa dos estudiosos, pesquisadores e profissionais que trabalhavam com o envelhecimento e seus desdobramentos no Brasil passava pelo desafio de congregar profissionais de diversas formações para esta área. Ainda em pequeno número, precisavam convencer seus pares a reconhecer os conceitos básicos e fundamentais da gerontologia

como importantes diferenciais e norteadores das práticas frente aos idosos. Isso implicava no fato de que se demandariam ações educativas e de políticas públicas. O primeiro evento denominado de mesa-redonda sobre gerontologia foi organizado pelo professor Israel Bonomo, da então Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, e realizado em maio de 1957 (SBGG, 2023).

Sensibilizá-los para o problema médico-social da velhice como um fenômeno real, embora ainda com uma população reduzida de idosos, mas que acarretaria profundos impactos no futuro da sociedade brasileira, era um desafio, segundo relato do ex-dirigente da SBGG especialmente colhido para este trabalho. Ao mesmo tempo em que havia uma demanda para se estabelecer um corpo de conhecimentos específicos, quando apenas alguns profissionais estavam interessados na especialidade, identificava-se a necessidade de um denominador comum sobre estes objetos de estudo e intervenção. Este fato permitiria o compartilhamento de conteúdos entre os pares, estabeleceria uma linguagem científica e traria avanços para a ciência do envelhecimento. Surgia a demanda educacional para a atualização, o aperfeiçoamento e a especialização com base em um quadro de referências teóricas e metodológicas, com princípios e fundamentos, para nortear e qualificar a prática na área de Gerontologia e da Geriatria (GG) em nosso país (PRADO, 2016).

Este fenômeno já acontecia deliberadamente na Europa e nos Estados Unidos como campo científico e profissional. No Brasil, Neri publicou uma importante obra com a definição de termos em gerontologia, além de objetivos pedagógicos e científicos que contribuíram para a área da pesquisa e intervenção (NERI, 2008).

Nos Estados Unidos, a geriatria foi criada como especialidade médica em 1909 por Ignatz L. Nascher, médico vienense que vivia nos Estados Unidos. Em 1912 fundava-se a Gerontology Association de New York, fato que fortaleceu a área do estudo do envelhecimento (PAPALEO NETTO, 2007). Uma referência que contribuiu significativamente nos estudos da especialidade é a obra de Nascher *Geriatrics: The Diseases of Old and Their Treatment, Including Physiological Old Age, Home and Institutional Care, and Medico-Legal Relations*, de 1914. As questões abordadas no livro foram objeto de estudo, compreensão e apreensão técnico-científica e social pelas especialidades da gerontologia e da geriatria no Brasil (PAPALEO NETTO, 2007).



**A gerontologia, mesmo do alto dos seus 120 anos, ainda pode ser considerada um ramo jovem da ciência (PRADO, 2016) que estuda o processo de envelhecimento ao considerar-se que a aspiração humana da vida longa acompanha a própria civilização.**

À exemplo de Nascher, a médica inglesa Marjory Warren revolucionou a geriatria mundial ao introduzir conceitos e práticas de reabilitação na assistência aos idosos. Considerada a mãe da geriatria moderna, foi a propulsora da avaliação geriátrica integral na década de 1930, e inspirou a Avaliação Geriátrica Ampla/SBGG – Laudo Técnico, lançada no XII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, em 2012, que, ao estabelecer o seu próprio modelo, tem contribuído com a melhoria da assistência e cuidados às pessoas idosas.

No Brasil, ainda carente da compreensão de suas peculiaridades relativas ao envelhecimento, de suas dinâmicas e dos seus impactos na coletividade, ocorria a busca pelo aprofundamento do conhecimento sobre o envelhecimento, a velhice e o idoso em suas questões biológicas, sociais e psicológicas. A conjugação do aumento de idosos na população e a complexidade que envolve o envelhecimento e suas consequências levou vários estudiosos e pesquisadores a traçarem caminhos de pesquisa e estudo na busca de conhecimentos específicos e especializados, visando compreender melhor a velhice, o idoso e o processo a que estão submetidos estes fenômenos (SBGG, 2022).

Os estudos das coortes sócio-históricas denotam que há heterogeneidade no envelhecimento entre os indivíduos e evidenciam a multiplicidade de fatores individuais, ambientais e socioculturais que envolvem este fenômeno, que é universal e comum aos seres vivos, abarcando as várias facetas do envelhecimento (LEME, 1996). Verifica-se no percurso histórico da área do envelhecimento em nosso país que em 1954, no Senado Federal, já existia um projeto de lei que instituía o Serviço Nacional de Assistência à Velhice, havendo relatos de que serviu de inspiração para a criação da SBG em 1961 (SBGG, 2022).

#### **SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA (SBG) E O PRINCÍPIO DA GERONTO-GERIATRIA**

No início da década de 1960, no Brasil, em 16 de maio de 1961, foi fundada a Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG), pioneira como sociedade científica e de medicina especializada em pessoas idosas (SBGG, 2022). Desde a sua fundação a sociedade médica SBG sempre incentivou o estudo do envelhecimento e assinalou para pesquisadores e profissionais sua importância, bem como mostrou a necessidade de intervenção técnica qualificada para atender aos idosos, tanto em seus problemas de saúde como nas questões sociais relacionadas à velhice. Sendo assim, a gerontologia recebeu grande impulso da geriatria. Especialidades coirmãs, a Geriatria e a Gerontologia (GG) caminham lado a lado, em especial no Brasil, por seu histórico, seus objetos de estudo e intervenção e suas trajetórias (SBGG, 2014).

A SBG teve como primeiro presidente um professor universitário, por isso desde a sua criação sublinha-se a importância do desenvolvimento acadêmico da especialidade (SBGG, 2022). O trabalho dos profissionais ligados à SBG exigia uma crescente qualificação voltada às peculiaridades das condições de vida e saúde das pessoas idosas, vistas como pessoas que precisavam de ajuda, com predominância, em muitos países, do caráter assistencialista. Fazia-se necessária uma vertente educacional associada à prática profissional na área do envelhecimento (SBGG 2014).

A educação, associada ao melhor desempenho e a melhores resultados, pode contribuir para a mudança de concepção sobre a velhice e para uma visão mais positiva do envelhecimento. Esses são uns dos pontos diferenciais da base da Sociedade Brasileira de Geriatria (SBGG, 2023). Entendendo que o ponto inicial do processo educativo é a realidade concreta, na qual acontece o encontro, neste caso entre profissional e paciente idoso. A valorização desta relação traz um aprendizado contínuo, sempre associado a estudos e pesquisas (BOTH, 2002).

Ousamos dizer aqui que desde então a escuta ativa e dedicada em uma consulta ou atendimento – buscando apreender todos os aspectos biopsicossociais a serem investigados e relatados com o fim de obterem-se dados e informações para o levantamento de problemas, compreensão das demandas e necessidades dos indivíduos idosos – já revelava que o modelo biomédico não seria suficiente para atender aos idosos em sua complexidade. Era preciso conhecê-los melhor. Optou-se pela iniciativa da formação com foco na educação. A adoção dessa linha pela SBGG teve continuidade com a realização do Primeiro Curso



#### **A educação, associada ao melhor desempenho e a melhores resultados, pode contribuir para a mudança de concepção sobre a velhice e para uma visão mais positiva do envelhecimento.**

de Extensão Universitária, realizado na então Universidade do Brasil, em 1962, cujo tema central foi Problemas da Medicina Geriátrica. A primeira aula tratou sobre A Velhice: Problema Médico-Social, e foi ministrada pelo prof. dr. Deolindo Couto, presidente SBG durante a gestão 1961-1962 (SBGG, 2022). Este evento já buscava a compreensão das questões relativas à complexidade que envolvem o envelhecimento, englobando aspectos científicos da saúde com temas sociais desde a sua criação, fortalecendo a preocupação com a aproximação no meio acadêmico (SBGG, 2023).

Entendendo que o trabalho educacional não ocorre apenas nas universidades, a SBG ampliou suas atividades educacionais, agregou novos profissionais com múltiplos olhares para o envelhecimento, assumiu uma característica multiprofissional e, em 1965, permitiu a participação, na instituição, de profissionais associados não médicos, os quais vieram basicamente do direito e da assistência social (SBGG, 2014).

#### **A SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA E O COMPROMISSO COM A EDUCAÇÃO**

Para fazer face às suas aspirações, em 1969 a SBG incluiu em seu nome de registro em cartório os médicos associados e outros profissionais de diferentes áreas de formação e cenários e passou a denominar-se Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), incorporando a gerontologia social em seu espectro de conhecimentos (LOPES, 2000).

Preocupada com a qualidade do conhecimento de seus associados, a SBGG procurou sensibilizar profissionais da saúde para desenvolver conhecimentos gerontológicos com a finalidade de incentivar a adoção de um olhar multidisciplinar associado à prática geriátrica, independentemente da idade da pessoa idosa, e estimular a adoção dos conceitos da gerontologia como fundamentais na assistência integral à pessoa idosa (SBGG, 2014). A SBGG realizou, em 1969, o seu primeiro concurso para o título de Especialista em Geriatria e Gerontologia. Esse também foi o ano em que passou a fazer parte da Associação Médica Brasileira (AMB). Neste concurso, aprovou como primeiro geriatra titulado o dr. Frederico Alberto de Azevedo Gomes. A importância da

titulação pela SBGG foi marcada em 1985, com a celebração dos primeiros 50 títulos de especialista em geriatria e gerontologia (SBGG, 2014). E, em 1986, foram concedidos os títulos *honoris causa* em gerontologia a um grupo de profissionais de várias profissões que impulsionaram o desenvolvimento da gerontologia na SBGG e no Brasil (SBGG, 2014). Por analogia ao título de Especialista em Geriatria, criou-se em 1987 o título de Especialista em Gerontologia Social. No ano 2000, foi reformulado e passou a ser chamado Especialista em Gerontologia. Neste mesmo ano, foi criado o Departamento de Gerontologia.

Essas duas titulações, gerontologia e geriatria, fortaleceram imensamente os estudos na área do envelhecimento e contribuíram com o reconhecimento da qualificação dos profissionais da área. Essas qualificações, oriundas de ações educativas são valorizadas e exigidas para trabalhos como especialistas em diversos cenários, seja nos planos de saúde ou nas universidades para compor o quadro docente na área do envelhecimento.

#### **DOS MEIOS DE DIVULGAR O CONHECIMENTO TÉCNICO-CIENTÍFICO**

##### **DA SBGG**

Promovendo eventos que permitam o desenvolvimento de seus pares e sempre atenta à evolução dos mais modernos conceitos, a SBGG contempla em sua abordagem aspectos biopsicossociais, consoantes com ações de organismos nacionais e internacionais, governamentais e não governamentais, diretrizes e políticas públicas, em seu caráter societário multidisciplinar, caráter este reforçado por Rebellato et al. (2021) acompanhando a evolução científica das áreas da GG.

Entre 28 e 31 de maio de 1969, foi realizado o Primeiro Congresso Nacional de Geriatria e Gerontologia. Desde então aconteceram, até o ano de 2021, 22 congressos nacionais. Muitos desses congressos foram intercalados por Jornadas Nacionais de Geriatria e Gerontologia, num total de nove, as quais se realizaram nesta modalidade até o ano de 1996. Em 1991, a SBGG realizou o Primeiro Congresso do Comitê Latino Americano de Gerontologia (Comlat), em São Paulo. Em 1995, o I Congresso Pan-Americano de GG, também em São Paulo, sob a presidência do dr. Norton Sayeg (SBGG, 2022); em 1999, o I Congresso de Geriatria e Gerontologia do Mercosul, sob a presidência do dr. Maurílio José Pinto, então presidente da seccional da SBGG do Paraná; e, 2005, a SBGG sediou o Congresso Mundial de Geriatria e Gerontologia da International Association of Gerontology and Geriatrics, presidido pelo dr. Renato Maia Guimarães.

Estes eventos da SBGG sempre aportaram a última palavra e o estado da arte destas duas especialidades. Portanto, trazem conteúdos atualizados e de qualidade, legando a si a responsabilidade que implica ser pioneira e, ao mesmo tempo, protagonista no desenvolvimento das ciências do envelhecimento no Brasil. Historicamente, a instituição adota programas de educação continuada e de atualização para divulgar e estimular profissionais em favor da especialidade e para seu fortalecimento junto às demais sociedades científicas coirmãs (BGG, 2022).

O ensino da GG a partir da década de 1970 ganhou os serviços, os hospitais e as universidades quando foram criadas as primeiras residências médicas e cursos de especialização. Foi também a década da internacionalização da SBGG, com a participação na II Jornada Argentino-Brasileira de GG (Geriatria e Gerontologia), que sediou a criação da Federação Latino-Americana das Sociedades de GG (FLASGG). As especialidades cresciam no Brasil e no mundo e também crescia a SBGG Brasil afora (SBGG, 2022). Expandiam-se os conhecimentos na área e as ações desenvolvimentistas da sociedade. Em 1976, a SBGG participou do primeiro estudo para conhecer a velhice no Brasil, encabeçado pelo Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS).

Ao longo do desenvolvimento da instituição, foram criadas as seccionais da SBGG, a do Rio Grande do Sul foi a primeira em 1968, seguiram-se a da Bahia, no Ceará, na Guanabara (atual Rio de Janeiro), em Minas Gerais, em São Paulo, no Pará e em Sergipe. Outras seccionais surgiram a partir da década de 1980. Ampliou-se o leque de divulgação dos conhecimentos de GG e cresceu o número de associados e de interessados nos estudos das novas especialidades (SBGG, 2014).

Em 1973, a PUC/RS criou seu Curso de Formação em Geriatria, especialização *lato sensu*, sendo apoiado pelo governo japonês. Em 1979, o Instituto Sedes Sapientiae, ligado à PUC/SP, criou o primeiro curso *lato sensu* de especialização em gerontologia social apoiado por membros da comissão de Título de Especialista da SBGG (SEDES, 2016). Nas décadas de 1980 e 1990 houve um incremento na produção científica com a criação de cursos *lato sensu* e *strito sensu* em gerontologia e geriatria, sempre com apoio da SBGG. Muitos dos professores, seus associados, tinham a SBGG como referência, fonte de inspiração e de saber gerontológico e geriátrico.

A SBGG mantém seminários e fóruns específicos para formação, apresenta diretrizes básicas para o currículo de ensino da gerontologia e da geriatria, e promove espaço de trocas frutíferas entre a educação

**Artigo 2**

Educação em gerontologia:  
 contribuição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)

não formal e formal. A chancela da SBGG constitui-se, até a atualidade, um forte aval para a qualidade das formações de especialistas mesmo em cursos acadêmicos de especializações (SBGG, 2022). Valorizando a educação formal, considera as formações em *lato sensu* e *strito sensu* pré-requisitos para os concursos de título de especialista em geriatria e gerontologia e incorpora seus estudos e pesquisas nos eventos que realiza.

Desde o princípio, a sociedade está comprometida com o desenvolvimento e aprimoramento técnico-científico e, também, de políticas públicas para idosos em nosso país. Em 1970, já apresentava uma série de normativas para o funcionamento de clínicas geriátricas e casas de repouso. Conhecida como Portaria 810/87 do Ministério da Saúde, que estabelece Normas de Funcionamento para Casas de Repouso, contou com a expertise de seus pares para ser elaborada e da SBGG como um todo para o seu lançamento. Essa portaria foi atualizada pela Anvisa.

Entre legislações locais, estaduais e federais, podemos destacar a contribuição de associados da SBGG para a Lei Orgânica do Idoso nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994 e para o Estatuto do Idoso, Lei Federal nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (CAMARANO, 2016).

A preocupação da SBGG com a saúde integral da população idosa, sua funcionalidade e conceitos de autonomia, independência, vida ativa, envelhecimento saudável e participação social norteiam e reconhecem a importância da promoção dos aspectos positivos do envelhecimento, mitigando a dependência e valorizando o empoderamento e protagonismo da pessoa idosa no seu mais amplo aspecto de direitos humanos, sociais e de saúde, promovendo uma educação técnico-científica e humana com visão multi e interdisciplinar (BOECHAT, 2021).

**PARA ALÉM DOS EVENTOS TRADICIONAIS**

Em 2014, o Departamento de Gerontologia criou o projeto SBGG Vai às Escolas. Na evolução deste projeto foi lançado, em 2015, o Concurso Nacional de Redação como ação de intergeracionalidade, procurando sensibilizar a sociedade para a questão coletiva do envelhecimento populacional. A redação vencedora sempre é lida pelo premiado na abertura do Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia (SANCHEZ, 2022). Em 2023, o tema contemplou o etarismo.

Na área de publicações científicas, a SBGG deu início à edição de seus periódicos na década de 1960, com a *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia* (1969). Posteriormente vieram: *Anais Brasileiros de GG* (1977) e *A Geriatria em Síntese*, publicada de 1982 a 1988. Em 1983, foi criado o *Boletim Informativo da SBGG* (SBGG, 2014). Em 2007,

**Artigo 2**

Educação em gerontologia:  
 contribuição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)

a *Geriatrics, Gerontology and Aging* (GGA) é lançada como periódico oficial da instituição, que já publicou mais de 600 artigos científicos (COELHO FILHO, 2007).

Os primeiros livros brasileiros de geriatria foram escritos por associados da SBGG que eram pioneiros na literatura médica dessas especialidades. Entre eles destacamos Eurico Thomaz de Carvalho Filho, cuja obra se intitula *Geriatria: Fundamentos, Clínica e Terapêutica*, e Aloysio Amâncio e P. C. Uchôa Cavalcanti, denominada *Clínica Geriátrica*, ambas publicadas pela editora Atheneu na década de 1970. Depois foi publicado *Sinais e Sintomas em Geriatria*, de Renato Maia Guimarães. Outros se seguiram...

Em agosto de 2001, reuniu-se na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo um grupo de idealistas e vocacionados das áreas de geriatria e gerontologia brasileiras, recém-chegados do XVII Congresso Mundial da IAGG. A reunião tinha como anfitrião o dr. Milton Gorzoni (SP), os médicos geriatras Elizabete Viana de Freitas (RJ), Flávio Aluizio Xavier Cançado (MG), Renato Moraes Alves Fabbri (SP), as psicólogas especialistas em gerontologia Ligia Py (RJ) e Anita Liberalesso Neri (SP) e a assistente social e especialista em gerontologia Sonia Maria da Rocha (RJ). Tinham como objetivo, apoiados pela SBGG, produzir a obra científica *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. A publicação foi lançada em primeira edição, tendo como presidente da SBGG a Dra. Elizabete Viana de Freitas, no ano de 2002, encontra-se na quinta edição e é editada há 20 anos. Inclui autores especialistas em GG de todo o país. É um espaço privilegiado de consolidação e divulgação de conhecimento, estudos, pesquisas e clínica. Livro-texto para profissionais, estudiosos e pesquisadores das áreas do envelhecimento (NERI, 2022). A quinta edição traz, na parte 5 e 10, temas específicos de ensino, pesquisa e educação de gerontologia e geriatria (FREITA, PY, 2022).

A SBGG desenvolve também o Programa de Atualização em GG (Proger) por assinatura, em parceria com a Secad da editora Artemed. São fascículos trimestrais, com capítulos de especialistas da SBGG. Este programa pontua no *currículo vitae* para a prova de título de especialista em geriatria e é aberto aos demais profissionais interessados.

Durante a construção dessa história ao longo de seis décadas, várias comissões produziram materiais científicos de apoio, artigos, guias, manuais, diretrizes e orientação de práticas profissionais que são utilizados como referências teóricas no aperfeiçoamento, na prática e no apoio para treinamentos especializados. Alguns foram elaborados em parceria com outras sociedades científicas e estão disponíveis no site

**Artigo 2**

Educação em gerontologia:  
 contribuição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)

da SBGG (SBGG, 2023). O site traz um guia de orientação de publicação de conteúdos específicos das áreas de GG para jornalistas e, mais recentemente, um Guia de Telegeriatria relativo à telemedicina, tema que ganhou notoriedade e ampliou-se no mundo, incluindo o Brasil, no ano de 2020, durante a pandemia do SARS-CoV-2 (coronavírus). Foi regulamentado como uma vertente da *telehealth* (telessaúde), que se utiliza da tecnologia da comunicação para oferecer assistência à saúde a distância (FRAGA, FRAGA JR. 2022).

O “jogo de cartas”, denominado Cartas na Mesa, desenvolvido nos Estados Unidos pela Coda Alliance, que firmou acordo de exclusividade com a SBGG, foi traduzido e adaptado no Brasil pela Comissão Permanente de Cuidados Paliativos e está disponibilizado como um recurso gerontológico, facilitador na abordagem das vontades e preferências em questões relacionadas ao final da vida (SBGG, 2023). Esta mesma comissão criou o aplicativo Minhas Vontades, que estimula a reflexão sobre a autonomia em saúde e disponibiliza conteúdos sobre o tema (SBGG, 2023).

Outras comissões de caráter temporário ou permanente contribuem com transmissões ao vivo para educação continuada e estão disponíveis por meio das redes sociais com aulas, painéis e discussões de temas relevantes à clínica, à pesquisa, ao ensino e à educação para a saúde, além de políticas públicas. Ficam disponíveis em forma de gravações e estão acessíveis para consultas, estudos, pesquisas e compartilhamentos. Elas são apresentadas pela SBGG Nacional ou pelas seccionais. Já o espaço próprio para publicações denominado Geronto em Foco é franqueado aos associados e encontra-se no site da SBGG para comunicações escritas sobre temáticas variadas.

As mídias sociais são fortes aliadas na divulgação de assuntos de interesse para o público em geral. Coordenada pela Comissão de Comunicação, têm beneficiado a permeabilidade na relação da SBGG com a sociedade, com organismos governamentais e não governamentais, com os próprios associados e com as demais sociedades científicas, igualmente ligadas à Associação Médica Brasileira (AMB), possibilitando a socialização de um conhecimento científico de qualidade e seguro na área da GG.

**CONCLUSÃO**

Em nosso país, têm-se a impressão que o estudo do envelhecimento humano é mais recente pelo fato de que a ocorrência da transição de-

**Artigo 2**

Educação em gerontologia:  
 contribuição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)

mográfica e a mudança na pirâmide populacional aconteceram a partir da segunda metade do século XX.

É inegável a importância e o protagonismo da SBGG no desenvolvimento nacional da geriatria e da gerontologia, disciplinas indissociáveis na atenção global à pessoa idosa, em estudos, pesquisas e na clínica. Criada em meio ao surgimento de uma especialidade nova, a SBGG enfrentou desafios, abriu caminhos, criou oportunidades de ensino, aprendizagem e qualificação técnico-científica para seus associados. Não se intimidou diante da complexidade que implica o envelhecimento humano em um país com tanta diversidade cultural como o nosso. Frente às desigualdades sociais e à extensão territorial do país, estendeu seus braços às novas especialidades. Tampouco se intimidou com a velocidade da multiplicação de conhecimento que o mundo experimenta a cada curto espaço de tempo. Soube e sabe lidar com as demandas impostas utilizando as habilidades e a sabedoria de seus dirigentes para que siga crescendo, se desenvolvendo e contribuindo sempre.

A SBGG promove a interdisciplinaridade como eixo estruturante na forma de apreensão dos seus objetos de estudo, pesquisas e intervenções, que são o envelhecimento, a velhice e a pessoa idosa. Estende à comunidade, à sociedade civil organizada, aos organismos governamentais e não governamentais, às universidades, aos hospitais e serviços suas incontáveis contribuições comprometidas com a qualidade de vida na velhice.

Na atenção à saúde da pessoa idosa vai desde a atenção primária à quaternária, alcançando o final de vida e os cuidados paliativos. Vigilante na prática especializada e na ciência como um todo, está atenta às metodologias e novas tecnologias, aos avanços da ciência e ao aprimoramento da qualificação profissional e de serviços, sempre pautada em princípios éticos e com sentido social.

Revisitar a história revela os bons frutos que nos trazem a luta e o trabalho árduo e dedicado dos pioneiros nesta caminhada. A SBGG investe na capacitação de seus profissionais para a atuação nos diferentes cenários e níveis de assistência de complexidade do cuidado, com o compromisso de manter todos seus associados atualizados, sem temer a velocidade da produção do conhecimento nesta era digital, da internet, dos aplicativos, das plataformas avançadas e mesmo da Inteligência Artificial (IA), fazendo destas suas aliadas no cumprimento da sua missão.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, U. (ed.) *Understanding human development*. Dialogues with Lifespan Psychology. Boston: Kluwer, 2003.
- BOECHAT, Y. E. M.; ASSIS, M. G. Desafios do envelhecimento no século XXI: breves apontamentos. In: REBELLATO, C. et al. *Cuidado interdisciplinar de pessoas idosas: da teoria à prática*. Rio de Janeiro: SBGG/RJ, p. 23-37, 2023.
- BOTH, A. Longevidade e educação: fundamentos e práticas. In: FREITAS, E. V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1.110-1.118, 2002.
- BRASIL. *Guia de políticas, programas e projetos para a população idosa*, 2015.
- CAMARANO, A. A. Introdução. In: ALCÂNTARA, A. de O.; CAMARANO A. A.; GIACOMIN, K. C. *Política nacional do idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: Ipea, p. 15-47, 2016.
- CAMARANO, A. A.; FERNANDES, D. Envelhecimento da população brasileira: contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V.; P. Y., L. *Tratado de geriatria e gerontologia*, 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 2-25, 2022.
- COELHO FILHO, J. M. Editorial. *Revista Nacional de Geriatria e Gerontologia GGA*, v. 1, n. 1, 2007.
- DOLL, J. A educação no processo de envelhecimento. In: FREITAS, E. V.; P. Y., L. *Tratado de geriatria e gerontologia*, 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1.362-1.369, 2022.
- FRAGA, G. S.; FRAGA JR. R. Telemedicina e inteligência artificial em geriatria e gerontologia. In: FREITAS, E. V.; P. Y., L. *Tratado de geriatria e gerontologia*, 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1.036-1.038, 2022.
- GOHN M. da G. M. Movimentos sociais, ONGs e terceiro setor: perspectivas das soluções da velhice no Brasil. In: FREITAS E. V. et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE. Em memória: prof. dra. Elvira da Conceição Abreu Wagner, 2016. Disponível em: <https://sedes.org.br>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- LEME, L. E. G. A gerontologia e o problema do envelhecimento: visão histórica. In: PAPALETTO NETTO, M. *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996.
- LOPES, A. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas (SP): Alínea, 2000.
- MELLO, R. C. de; LIMA-SILVA, T. B. C. A.; HIONI, M. Desafios da formação em gerontologia. *Revista Kairós Gerontologia*, n. especial 19, temático: envelhecimento ativo e velhice, p. 123-147, 2018.
- MENDES, A. M.; LEITÃO, A. C. Elie Metchnikoff na Ilha da Madeira. *Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias*, v. 103 (567-568) p. 241-244, 2008.
- NERI, A. L. O curso do desenvolvimento intelectual na vida adulta e na velhice. In: FREITAS et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 900-913, 2002.

- NERI, A. L. *Formação gerontológica no Brasil: terceira idade*, 17(1), p. 18-43, 2006.
- NERI, A. L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas (SP): Alínea, 2008.
- NERI, A. L. Prefácio. In: FREITAS, E. V.; P. Y., L. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.
- PAPALETTO NETTO, M. Estudo da velhice, histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 2-12, 2006.
- PRADO, S. D.; SAYD, J. D. A gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(2), p. 491-501, 2006.
- S. A.; J. L. M. *Gerontologia e interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos*. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (org.). *Velhice e sociedade*. Campinas (SP): Papirus, 1999.
- SANCHEZ, M. A. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) vai às escolas. *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*, edição do Serviço Social do Comércio. São Paulo, Sesc São Paulo, v. 33, n. 84, p.100-109, dez. 2022.
- SBGG. *Personagens que fazem a história*. Publicações. Rio de Janeiro: GEN, 2014.
- SBGG. *60 anos uma história em construção*. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2022/09/memorias-da-SBGG-livro-JUN-08.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- STENGERS, I. Da racionalidade científica: capturas, eventos, interesses. In: STENGERS, I. *Quem tem medo da ciência: ciências e poderes*. São Paulo: Siciliano, p. 77-109, 1990.



# Uma sociedade para todas as idades: experiências intergeracionais no enfrentamento ao ageísmo no Sesc/DF

[Artigo 3, páginas de 46 a 60]



## **Adriana Costa Batista**

Graduada em serviço social pela Universidade Projeção (DF), especialista em serviço social, políticas sociais e família pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e especialista em saúde do idoso: gestão e assistência em gerontologia pela Faculdade Laboro. Atualmente é assistente social do Sesc/DF.  
[adrianacb@sescdf.com.br](mailto:adrianacb@sescdf.com.br)

## **Amanda Santos Lustosa**

Graduada em serviço social pela Universidade de Brasília (UnB), especialista em violência de gênero e pós-graduada em violência doméstica pela Faculdade Unyleya. Atualmente é assistente social do Grupo dos Mais Vividos no Centro de Atividades Sesc Gama.  
[amandasl@sescdf.com.br](mailto:amandasl@sescdf.com.br)

## **Gabriela Silva Farias**

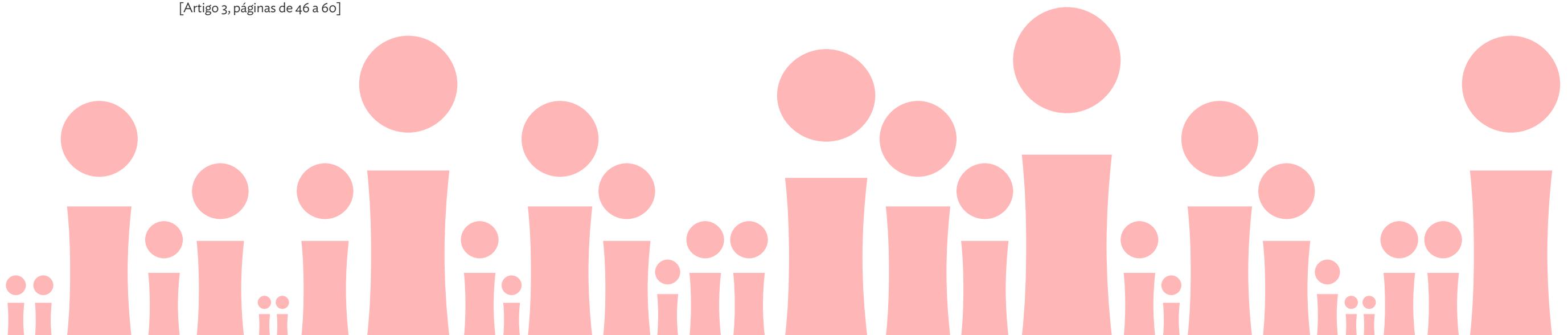
Graduada em serviço social pela UnB e artista visual. É estagiária de serviço social no Centro de Atividades Sesc Ceilândia.  
[gabrielasfarias97@gmail.com](mailto:gabrielasfarias97@gmail.com)

## **Layse Barros dos Santos Tannus**

Bacharela em serviço social pelo Centro Universitário Iesb, com especialização em assistência social e saúde pública. Atualmente é assistente social do Grupo dos Mais Vividos no Centro de Atividades Sesc Ceilândia.  
[layset@sescdf.com.br](mailto:layset@sescdf.com.br)

## **Rosiliane dos Santos**

Graduada em serviço social pela Universidade de Uberaba (MG), em sociologia pela UnB e especialista em atendimento integral à família pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Atualmente é assistente social do Sesc/DF.  
[rosiliane@sescdf.com.br](mailto:rosiliane@sescdf.com.br)



### **HISTÓRICO DOS PROJETOS**

O processo de envelhecimento é inevitável, não há como interrompê-lo, ele continua, ainda que o aumento da qualidade de vida e o desenvolvimento de tratamentos possam adiar a sua chegada. Os aspectos biológicos, fisiológicos e bioquímicos sofrem inúmeras alterações com o avançar da idade, mas eles podem acontecer de forma saudável. Por isso, o envelhecimento populacional é um tema que tem ganhado destaque, visto que a pirâmide etária da sociedade tem passado por um processo de mudança. Nesse sentido, a população idosa tem se tornado cada vez maior em relação ao número de crianças e jovens. A tendência é de que nos próximos anos o número populacional de idosos ultrapasse o de crianças e jovens. Dessa forma, é necessário compreender como o corpo social trata a velhice e a questão do envelhecimento populacional.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) na sua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios, a população brasileira ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, ano em que o grupo de 60 anos ou mais tinha 25,4 milhões de representantes, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, correspondendo a um aumento de 18% em 5 anos nesse grupo.

O movimento de envelhecimento da população é percebido de forma mundial e decorre do processo de melhoria das condições e da qualidade de vida. No Brasil, a pessoa idosa é reconhecida pela Constituição Federal de 1988 (CF/88) como cidadã de direitos. Salienta-se que as leis e o estatuto direcionados a garantir seus direitos avançaram nos últimos anos, porém ainda persistem barreiras para que sua cidadania e reconhecimento de sua identidade social se concretizem na prática. Isso decorre, principalmente, devido à supervalorização da juventude e o trato da velhice como algo negativo, visão que precisa ser superada.

Ademais, foram construídos estereótipos sobre a velhice, associando-a à solidão, morte, doença, decadência física e mental. Para Oliveira (2011) “(...) é urgente que a velhice não seja vista na perspectiva de perdas, mas sim de um somatório de experiências pessoais e de relacionamentos”. Ainda de acordo com o autor, é preciso fortalecer a identidade social a partir de uma perspectiva positiva sobre a pessoa idosa, de forma a superar mitos, preconceitos e discriminações sobre a longevidade e, nesse contexto, proporcionar a socialização e garantir os direitos dessa população. Dessa forma, é preciso que os avanços na garantia de direitos dos idosos sejam de fato uma realidade. Por-

tanto, garantir o direito ao lazer, à cultura, bem como assegurar a convivência comunitária com as demais gerações é dever de todo o corpo social brasileiro.

O Sesc/DF, neste ano de 2023, completará 20 anos de Trabalho Social com Pessoas Idosas (TSI) e, ao longo dos últimos anos, as ações têm ocorrido para consolidar projetos e atividades que possibilitem um novo olhar da sociedade sobre o processo de envelhecimento. Assim, as atuações institucionais promovem encontros e debates entre gerações, como é o caso dos seguintes projetos GeRações: Oficina Intergeracional de Graffiti e Campanha de Sensibilização sobre Violência contra a Pessoa Idosa: É Hora de Dizer Não ao Ageísmo. Dentro desse contexto, será apresentado o desenvolvimento desses projetos, assim como um breve histórico.

Os projetos desenvolvidos buscam problematizar o ageísmo, mas, afinal: o que é isso? O ageísmo é um movimento etário que evidencia estereótipos e preconceitos associados às pessoas mais velhas. Ele pode ser expressado de várias formas, como atitudes hostis que diminuem a capacidade e o intelecto, e políticas e práticas institucionais que reforçam de forma prejudicial as visões equivocadas sobre os indivíduos com mais de 60 anos. É válido ressaltar que o ageísmo está presente em todos os ambientes, mesmo que às vezes de forma velada, e é por isso que o seu combate se torna essencial para a evolução desse corpo social que está no processo de inversão da sua pirâmide etária.

A partir disso, desde o ano de 2020, o Sesc/DF, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), iniciou a promoção de debates e discussões sobre o ageísmo. O primeiro passo durante a pandemia foi a realização da live Pessoa Idosa e o Vírus do Ageísmo em Tempos de Covid-19, na qual foi abordado o preconceito contra esse grupo etário diante do cenário apresentado pela pandemia. Ela contou com a participação de um público diverso, como pessoas idosas, profissionais e estudantes das mais variadas áreas.

Em 2021, os diálogos sobre a temática se intensificaram. Nesse sentido, durante o período de maio a novembro, foi realizada a campanha com o tema Ageísmo: Vamos Conversar sobre essa Violência? Durante o seu ciclo, foram realizadas oficinas intergeracionais, palestras e webinários com profissionais, pessoas idosas e comunidade, com o objetivo de discutir o tema dentro da perspectiva da Década do Envelhecimento Ativo e Saudável 2020-2030 (OMS 2020).

Nessa perspectiva, a proposta buscou atuar de modo a encontrar soluções para fortalecer a promoção da saúde, a redução do precon-



**Portanto, garantir o direito ao lazer, à cultura, bem como assegurar a convivência comunitária com as demais gerações é dever de todo o corpo social brasileiro.**

ceito etário (ageísmo) e a troca entre gerações. Além disso, destaca-se a parceria com a Educação do Serviço Social do Comércio (EduSesc), com a qual foram realizadas atividades direcionadas para todo o Ensino Médio com o tema da campanha. Após oficinas e debates, os alunos foram convidados a participar de um concurso de redação. O texto premiado em primeiro lugar se sobressaiu ao expressar a necessidade de ampliar a participação social da pessoa idosa na sociedade.

Já em 2022, o tema das palestras foi *É Hora de Dizer Não ao Ageísmo!*, em que se enfatizou a relação com a intergeracionalidade. Além disso, duas oficinas foram realizadas: uma voltada para uma atividade intergeracional entre as pessoas idosas do Grupo dos Mais Vividos do Sesc/DF e os alunos da Unb; e outra atividade direcionada para a reflexão lúdica das manifestações do ageísmo no Jogo Longevidade e Dignidade.

O projeto *GerAções Oficina Intergeracional de Graffiti* foi desenvolvido no ano de 2022 como uma experiência inovadora no TSI. A idealização da proposta partiu da estagiária em serviço social e grafiteira Gabriela Silva Farias, sob a supervisão da assistente social Layse Barros.

No seu desenvolvimento, o *graffiti* aparece como uma manifestação cultural e social transgressora e ilegal, porém ao longo dos anos ele é reconhecido pela sociedade como uma expressão artística contemporânea que tem sua essência na realidade das periferias. Assim, mais do que pintar um muro, ele se configura como um estilo de vida, pois trata de jovens que partilham um sentido de comunidade, com valores, experiências, atitudes e representações (CAMPOS, 2007). Logo, “Fazer *graffiti* é conhecer as formas elementares dessa linguagem para imprimir lugar, saber ler e interpretar e, em segundo lugar, poder produzir e comunicar” (CAMPOS, 2007, p. 291). Sendo uma cultura popularmente juvenil.

O *graffiti*, em conjunto com o rap, break e DJ, compõe os quatro elementos da cultura hip-hop. Ele é essencialmente uma prática cultural e social urbana que se desenvolve em paralelo com a urbanização, os

processos de desigualdade social e a marginalização de negros e imigrantes. Em conjunto com os outros elementos do hip-hop, é também um instrumento de contestação e a voz de jovens que ocupam as periferias. Nesse viés, a oficina intergeracional de *graffiti* foi um projeto que buscou meios de efetivação dos direitos da pessoa idosa, o fortalecimento da sua identidade social e o seu protagonismo como indivíduo capaz mental e fisicamente. Partindo dessa premissa, como o profissional do serviço social está relacionado à prática dessas intervenções?

O serviço social, enquanto uma profissão interventiva na realidade social, atua nas diversas expressões da questão social, viabilizando o acesso aos direitos e os meios de exercê-los, de maneira que contribua para que os interesses e as demandas dos indivíduos alcancem a cena pública para, de fato, serem reconhecidos (IAMAMOTO, 2004). A complexidade da realidade social exige dos profissionais respostas criativas às demandas que chegam à profissão. Nesse sentido:

(...) mais do que copiar e seguir manuais de instruções, o que se coloca para o assistente social hoje é sua *capacidade criativa*, o que inclui o potencial de utilizar instrumentos consagrados da profissão, mas também de criar outros tantos que possam produzir mudanças na realidade social, tanto em curto quanto em médio e longo prazos (SOUZA, p. 124, 2008).

Assim, utilizar instrumentos que ao longo do tempo foram apropriados pelo serviço social, como as oficinas, e ofertar o conteúdo delas a partir da arte, do lazer e da cultura é trabalhar a dimensão pedagógica e criativa do assistente social para que a sua atuação se efetive na promoção do acesso aos direitos do corpo social de idosos. Dessa forma, a prática de intervenções por meio dos projetos supracitados visa combater o ageísmo atuando no processo de envelhecimento saudável, promovendo qualidade de vida e autonomia.

**DETALHAMENTO DOS PROJETOS**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o ageísmo/idadismo se refere aos estereótipos construídos historicamente, que geram preconceitos e atitudes discriminatórias praticadas a partir de uma categorização da pessoa segundo sua idade. São práticas que estão presentes em atitudes individuais, relações familiares, interações sociais e nas intuições. Para a OMS (2021), o preconceito etário pode ser combatido por estratégias que envolvam políticas e legislações, atividades

educativas e intervenções intergeracionais. Ferrigno (2013) aponta que as relações entre as gerações estão presentes na família, na escola, no trabalho, na religião, no voluntariado e na cultura popular, salientando que as atividades lúdicas, tais como lazer, cultura e atividades de educação não formal podem se configurar como ferramentas para a socialização entre as gerações.

Dessa forma, o Sesc/DF buscou ampliar o debate societário sobre o ageísmo e suas consequências na vida das pessoas idosas, de forma articular a “conversação” delas, com vista a consolidar sua participação no debate sobre os preconceitos etários sofridos, possibilitando a troca de experiência intergeracional e identificar ações que perpassem as gerações, contribuindo para fomentar o respeito na convivência entre elas, além de inovar na construção de ambiência da promoção do envelhecimento ativo e saudável, a fim de causar uma mudança de valores sobre a forma como pensamos e como agimos com relação à idade e ao envelhecimento.

Ante ao exposto, realizou-se a Campanha de Sensibilização sobre a Violência Contra Pessoa Idosa, que abordou o ageísmo como uma forma de violência, pois o preconceito contra pessoas idosas causa impactos negativos na qualidade de vida desses indivíduos. Para Couto et al. (2009) apud Levy e Banaji (2002), um dos aspectos mais traiçoeiros do ageísmo é que, diferentemente de outros tipos de discriminação, como a racial, religiosa e étnica, ele se articula de modo inconsciente, implícito, sem controle e intenção de prejudicar o seu alvo, logo fazem-se necessárias estratégias para o fortalecimento das relações e, sobretudo, a sensibilização no respeito às diferenças e desigualdades no envelhecimento.

Nessa perspectiva, a abertura da campanha foi um encontro com diálogos sobre o tema principal É Hora de Dizer Não ao Ageísmo e teve como convidado o prof. dr. Vicente de Paula Faleiros. Esse encontro contou com a presença dos alunos do Ensino Médio da EduSesc e os integrantes do Grupo dos Mais Vividos do Sesc/DF, com vistas a instigar a interação entre os participantes.

No decorrer da campanha ainda aconteceram oficinas intergeracionais entre as pessoas idosas e os alunos da UnB e foram utilizadas como estratégia dinâmicas interativas com varal das relações entre gerações, em que foram compartilhados comidas, costumes e fotos de cada participante. Outrossim, outra oficina interativa desenvolvida foi o jogo Longevidade e Dignidade. O jogo é o trabalho de conclusão de curso de uma aluna do curso de enfermagem da UnB, que teve como objetivo,

por meio de ação educativa, socializar informações sobre essa violência chamada ageísmo.

O jogo foi desenvolvido com apresentação do tabuleiro, que contém quatro ilhas, sendo elas: da solidariedade, da cidadania, da reflexão sobre o ageísmo e do risco, que retrata situações de violação dos direitos da pessoa idosa. A duração do jogo é de 50 a 60 minutos, e ele pode ser jogado individualmente, em até oito participantes ou em equipes com um coordenador em cada uma. Salienta-se que o jogo requer um facilitador para incentivar a participação de todos. O jogo terminou quando o primeiro participante/equipe alcançou a casa final do tabuleiro. Nesse momento, o facilitador convidou a todos para um diálogo sobre as percepções e os aprendizados.

Além dos debates, oficinas e apresentação do jogo, também foi elaborado um e-book com o título *Intergeracionalidade: Prevenção ao Idadismo e a Construção de uma Sociedade para Todas as Idades*, que indica jogos, dinâmicas, filmes e livros para quem quer atuar na temática e desenvolvê-la.

Dentro desse cenário, para consolidar os diálogos sobre ageísmo e a troca entre gerações, o encerramento da campanha ocorreu com a realização do Seminário em Longevidade: Desafios, Oportunidades e Experiências em Intergeracionalidade, realizado em parceria com a UnB. Foram promovidos dois dias de discussões com diversos especialistas na temática, e o público pôde refletir sobre as ações que foram implementadas e obtiveram êxito e os desafios e as estratégias para novas ações que poderão ser construídas alinhadas ao plano de ação global sobre envelhecimento e saúde da OMS.

Já no projeto GerAções Oficina Intergeracional de *Graffiti*, o desenvolvimento se deu por meio de oficinas entre as gerações com a prática dessa arte, com o objetivo de promover a solidariedade entre esses grupos etários por intermédio do *graffiti*, que é hoje uma expressão artística realizada predominantemente por jovens das periferias como instrumento de expressão pessoal, mas também como meio de contestação social.

Salienta-se que a participação, a ocupação e o convívio da pessoa idosa com as demais gerações é um direito garantido pelo artigo 3º, inciso IV do Estatuto da Pessoa Idosa. Dessa maneira, a inserção dos idosos no universo do *graffiti* teve como um dos objetivos romper com estereótipos, preconceitos e mitos relacionados à velhice, que a associam apenas a perdas, doenças, decadência física e mental, além de promover a troca de experiências entre as faixas etárias envolvidas: idosos e jovens.

**Artigo 3**

Uma sociedade para todas as idades: experiências intergeracionais no enfrentamento ao ageísmo no Sesc/DF

O painel de *grafitti* produzido na oficina teve como temática a conscientização sobre a doença de Alzheimer, visto que o projeto foi realizado no mês de setembro, no qual o 21 é reconhecido como dia Mundial da Doença de Alzheimer e dia Nacional de Conscientização da Doença de Alzheimer.

Ademais, registra-se que o Alzheimer tem sido considerado a maior causa de demência entre os idosos. De acordo com Argimon e Trentini (2005), junto ao processo de envelhecimento existe um aumento da possibilidade de desenvolvimento de doenças mentais, sendo a demência uma das mais relevantes e o Alzheimer a causa mais comum de demência nas pessoas idosas, atingindo cerca de 1% a 6% da população a partir dos 65 anos e 50% em idosos com 95 anos ou mais. Portanto, faz-se necessário a conscientização sobre a doença.

Diante disso, a primeira etapa do projeto GerAções foi a realização de uma palestra com o dr. João Paulo Vieira Raposo, clínico geral do Sesc, no dia 5 de setembro de 2022, a qual abordou o tema de maneira científica, ofertando, em sua exposição, as seguintes temáticas: o que é a doença de Alzheimer, como ela afeta o sistema neurológico, em qual faixa etária a doença tem mais incidência, os seus sintomas e os fatores que contribuem para seu desenvolvimento. Dessa forma, a palestra proporcionou um conhecimento mais aprofundado sobre aspectos relacionados ao Alzheimer e esclareceu dúvidas, tendo em vista que os idosos são o grupo etário com maior predominância de desenvolvimento da doença.

No segundo dia, 12 de setembro, a estagiária em serviço social e grafiteira Gabriela Farias ministrou uma introdução sobre o *grafiti*, abordando sua história, apresentando artistas, métodos e técnicas de como manusear as latas de spray, que é a principal ferramenta para a realização dessa arte.



**O projeto visa, por meio de oficinas, eventos e campanhas combater o ageísmo e proporcionar a melhora na qualidade de vida de seus participantes, consequentemente contribuindo para um envelhecimento saudável.**

Por fim, no último dia, 16 de setembro, 25 idosos em conjunto com dois grafiteiros, Gabriela Farias e Douglas Silva, que residem nas periferias do Distrito Federal, realizaram um painel temático acerca da conscientização sobre a doença de Alzheimer. Dentro desse cenário, os idosos puderam aprender na prática a desenvolver um desenho na parede e, com o auxílio dos artistas, pintaram a arte no painel. Além disso, teve muita dança, risadas, troca de conhecimentos, experiências e ideias entre os participantes e os grafiteiros, de forma a proporcionar, assim, um momento de execução de uma atividade inédita. Além do mais, ao longo de toda a atividade, os participantes se mostraram interessados e confiantes em executá-la, até mesmo aqueles que se sentiam inseguros no começo.

De acordo com o relato de uma das participantes, Maria de Lourdes Leite de Souza, 68 anos:

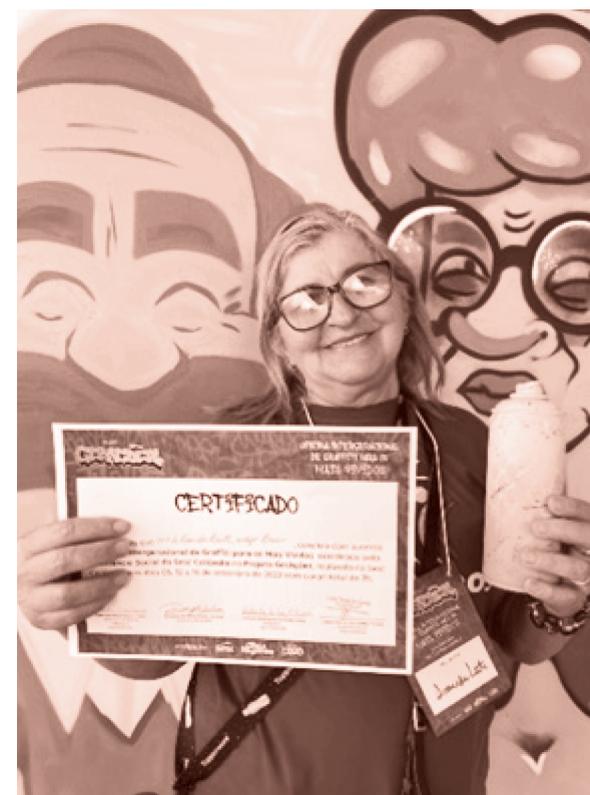


Foto: Lucas Silva Farias

**Artigo 3**

Uma sociedade para todas as idades: experiências intergeracionais no enfrentamento ao ageísmo no Sesc/DF

*“Eu tô achando incrível, maravilhoso, como tudo que acontece no Sesc, essa superou a minha expectativa. Eu gostei de tudo, principalmente que a gente não sabia nem pegar no spray e aqui a gente consegue entender, aprender, né. Esse encontro de hoje, pra mim, foi assim, maravilhoso.”*

Ao final das atividades do projeto os idosos receberam um certificado de participação e latas personalizadas pelos artistas para guardarem como lembrança de um momento que marcou a vida não somente deles, mas de todos que participaram do projeto. O painel realizado pelos participantes e grafiteiros ficou exposto nas dependências do Centro de Atividades Sesc Ceilândia ao longo do mês de setembro, de forma que o público pudesse ter acesso a ele, cumprindo seu objetivo de estímulo à arte, conscientização da doença de Alzheimer e divulgação do Trabalho Social com Pessoas Idosas (TSI).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de envelhecimento pode e deve ser saudável, tranquilo, livre de preconceitos e estigmas, além de respeitar as singularidades de cada um. Nesse contexto, a construção de bons hábitos contribui de forma direta nesse processo, é nessa perspectiva que os Grupos dos Mais Vividos do Sesc/DF funcionam. O projeto visa, por meio de oficinas, eventos e campanhas combater o ageísmo e proporcionar a melhora na qualidade de vida de seus participantes, consequentemente contribuindo para um envelhecimento saudável.

Dessa forma, considera-se que tanto a campanha quanto o projeto GerAções Oficina Intergeracional de *Graffiti*, desenvolvidos ao longo destes três últimos anos, alcançaram os objetivos propostos de ampliar o debate societário sobre o ageísmo/etarismo e suas consequências, bem como fomentar a promoção de práticas intergeracionais com vistas à consolidação do respeito e da convivência entre gerações. Ademais, conseguiram construir um espaço reflexivo para a promoção do envelhecimento ativo.

**Artigo 3**

Uma sociedade para todas as idades: experiências intergeracionais no enfrentamento ao ageísmo no Sesc/DF

A realização da Oficina Intergeracional de *Graffiti* rompeu com estereótipos, preconceitos e mitos relacionados à velhice, que frequentemente é associada somente a aspectos negativos. Assim, a participação ativa dos idosos na pintura do painel mostrou que é preciso romper com visões limitadas acerca desta fase da vida pois, ao contrário do que se propaga, ela pode ser, sim, um momento de oportunidades. Dentro desse cenário, o projeto se constituiu como uma possibilidade de promoção da identidade social da pessoa idosa a partir de uma perspectiva positiva sobre a velhice, além de oportunizar conhecimentos aprofundados acerca da doença de Alzheimer e promover a socialização intergeracional entre jovens e idosos.

Diante das intervenções apresentadas, espera-se que as informações socializadas possam contribuir para construção de uma sociedade mais justa, livre de preconceitos e discriminação de idade. Assim, fortalecemos as relações intergeracionais, visto que elas são importantes para a troca de vivências entre gerações, permitindo a construção tão almejada de um envelhecimento saudável.

**OFICINA DE GRAFFITI REALIZADA DIA 23 SEEMBRO DE 2022**

Fotos: Lucas Silva Farias

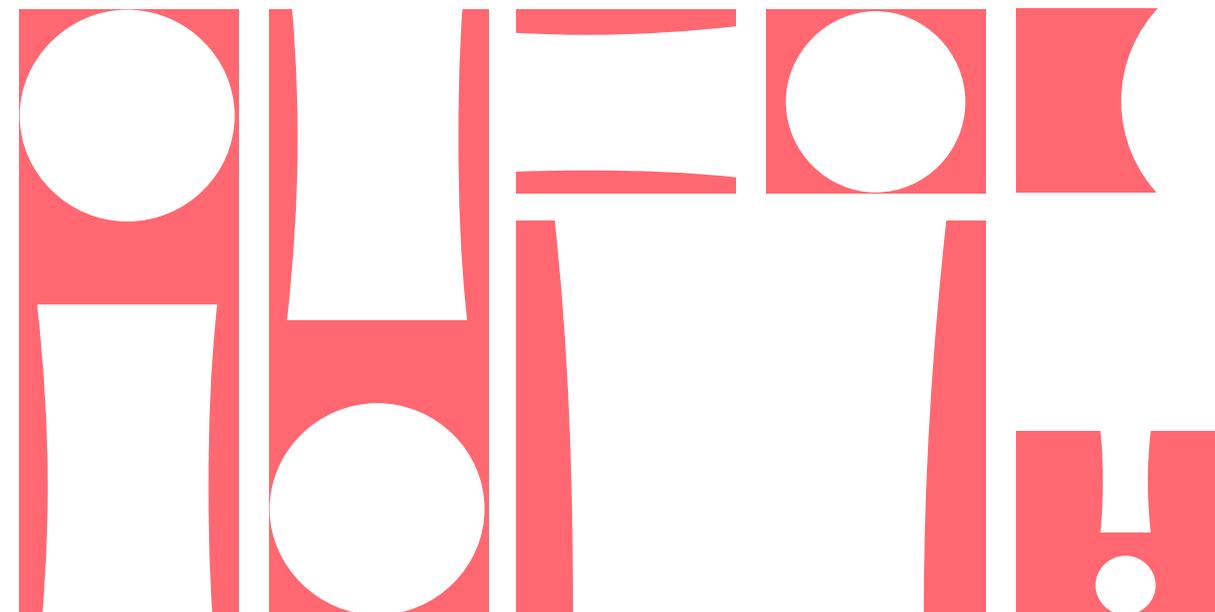


**Artigo 3**

Uma sociedade para todas as idades: experiências intergeracionais no enfrentamento ao ageísmo no Sesc/DF

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARGIMON, Irani de Lima; TRENTINI, Clarissa Marceli. A presença da doença de Alzheimer e suas repercussões na dinâmica familiar. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 2012.
- BRASIL. *Estatuto do idoso*: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.
- CAMPOS, Ricardo M. *Pintando a cidade*: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano. 2017. 510 p. (Dissertação de Doutorado em Antropologia – Especialidade Antropologia Social) – Universidade Aberta.
- COUTO, Maria Clara P. de Paula; KOLLER, Sílvia Helena; NOVO, Rosa; SOARES, Pedro Sanchez. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro: ageísmo. *Psic.: Teor. e Pesq.* Brasília, out.-dez. 2009, v. 25 n. 4, p. 509-518. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/dkt7tRSPpN7zCnrrK4vG3Rc/?lang=pt#>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- LUNA FERRIGNO, José Carlos. Conflito e Cooperação entre Gerações. 1ª Edição. Editora Sesc São Paulo. 2013. et al. O grafite: uma forma de expressão social. *Revista Encontro de Vista*, Recife, jul.-dez. 2008, v. 2, n. 2, p. 69-76.
- NOGUEIRA, Ingrid Rochelle Rêgo; BATISTA, Adriana Costa. *Intergeracionalidade*: prevenção ao idadismo e construção de uma sociedade. Brasília: Sesc/DF, 2022.
- NETO, Raimundo N. A importância do lazer no contexto social: elementos para o desenvolvimento e consolidação de políticas públicas. *Mediação*. Pires do Rio, GO, jan.-jun. 2018, v. 13, n. 1, p. 96-111.
- OLIVEIRA, Jairo da Luz. *Tópicos especiais em serviço social 1*: gerontologia social. Canoas: ed. Ulbra, 2011.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Ageing, older persons and the 2030 agenda for sustainable development*. United Nations Development Programme; New York, 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Global report on ageism*. Geneva: World Health Organization, 2021.
- PARADELLA, R. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. *Agência IBGE notícias*. Editora: Estatísticas Sociais. Ano: 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>.
- VELOSO, Serena. Jogo de tabuleiro estimula a luta contra o ageísmo. *UnB Notícias*, 6 dez. 2019. Disponível em: <https://noticias.unb.br/117-pesquisa/3755-jogo-de-tabuleiro-estimula-a-luta-contra-o-ageismo>



## Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

[Artigo 4, páginas de 61 a 75]



### Ingrid Rochelle Rêgo Nogueira

Assistente social pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), especialista em gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e mestranda em estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).  
[ingridrochelle@yahoo.com.br](mailto:ingridrochelle@yahoo.com.br)

### Maria Clotilde Barbosa Nunes Maia Carvalho

Assistente social, mestra em serviço social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), especialista em programas intergeracionais pela Fundación General Universidad de Granada, mestra em gerontologia pela Universidad Autónoma de Madrid e especialista em gerontologia pela SBGG.  
[clotilde.maia@gmail.com](mailto:clotilde.maia@gmail.com)

### Talitta Cavalcante Albuquerque Vasconcelos

Graduada em serviço social e especialista em saúde pública pela Uece e mestra em avaliação de políticas públicas pela Universidade Federal do Ceará (UFC).  
[talitta.vasconcelos@gmail.com](mailto:talitta.vasconcelos@gmail.com)

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

**RESUMO**

O presente artigo objetiva refletir sobre a importância das ações intergeracionais na efetivação dos direitos das pessoas idosas como uma necessária estratégia de atuação a ser desenvolvida em Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI). As reflexões apontam algumas contribuições da intergeracionalidade para as velhices institucionalizadas, como a ampliação do diálogo e da convivência, a solidariedade entre as gerações e a criação de canais para fortalecer a convivência familiar e comunitária de idosos(as) institucionalizados(as), visando romper o idadismo, a solidão e o isolamento social, primando, assim, por um envelhecimento digno.

**Palavras-chave:** pessoas idosas; ILPI; intergeracionalidade.

**ABSTRACT**

*This article aims to reflect on the importance of intergenerational action in the realization of the rights of the elderly as a necessary action strategy to be developed in Long-stay Institutions for the Elderly. The reflections point to some contributions of intergenerationality to institutionalized old age, such as the expansion of dialogue, coexistence, solidarity between generations and the creation of channels to strengthen family and community coexistence of institutionalized elderly people, aiming to break with ageism, loneliness and social isolation, in favor of dignified aging.*

**Keywords:** elderly people; Long-Stay Institutions for the Elderly; intergenerationality.

**INTRODUÇÃO**

O envelhecimento é um processo biopsicossocial, político e cultural, portanto, diverso, sendo assim necessário falarmos e refletirmos sobre as diversas velhices. Dados sobre o envelhecimento da população brasileira apontam que o número de idosos(as) vem crescendo no país, com tendência à aceleração desse crescimento. Recentes revisões (2019) das projeções da Organização das Nações Unidas (ONU) apontam que o Brasil atingirá em 2045 um total de 229,6 milhões de habitantes, mantendo um crescimento do número absoluto de idosos(as). Aponta-se que em 2075 o número de pessoas com 60 anos ou mais deve chegar a 79,2 milhões e, no tocante quantitativo de pessoas com 65 anos ou mais, os dados estimam 65,9 milhões (ALVES, 2019).

Dito isso, é fundamental que o país desenvolva políticas públicas para o atendimento às demandas e à efetivação dos direitos da população idosa, promovendo ações voltadas à convivência entre gerações, ampliando o diálogo, a integração e a troca de saberes. Essas são algumas estratégias que contribuirão para a superação de estigmas e preconceitos em torno das velhices. E, quando falamos das velhices institucionalizadas, as ações voltadas à intergeracionalidade ocupam destaque no sentido de possibilitar a criação e/ou o fortalecimento dos vínculos dos(as) idosos(as), visando romper a solidão e o isolamento desse público. É o que propomos refletir neste artigo.

**ILPI, SOLIDÃO E ISOLAMENTO SOCIAL DE PESSOAS IDOSAS**

Na sociedade capitalista, cujo foco está na capacidade de produzir e consumir, a juventude tem lugar de destaque por ser considerada um valor a ser alcançado. Nesse contexto, a velhice passa de uma realidade privada, familiar e incômoda a alvo de uma gestão carregada de contradições, na qual ao mesmo tempo em que é tida como uma questão pública, em que Estado e mercado atuam, é colocada como uma existência sem significado, um peso social refletido na responsabilização individual e familista pela forma como os sujeitos envelhecem, mesclando, assim, socialização e reprivatização da velhice (DEBERT, 2012).

Nesse sentido, Camarano (2020) aponta que as ILPI são, dentre as modalidades de cuidados extrafamiliares, as mais antigas, tanto no contexto mundial quanto no brasileiro. Ainda considerando as contribuições da autora, os asilos na sua origem tinham como missão abrigar miseráveis, mendigos(as), órfãos(ãs), velhos(as), loucos(as), dentre ou-



**"Camarano (2020) aponta que as ILPI são, dentre as modalidades de cuidados extrafamiliares, as mais antigas, tanto no contexto mundial quanto no brasileiro".**

tras pessoas em situações de risco social, não havendo à época distinção de público nessas instituições. Tal diferenciação teve início a partir do século XVIII, quando essas instituições, inspiradas nas ideias iluministas, passaram a se especializar, realizando divisões de seus públicos, destinando, assim, crianças a orfanatos, loucos(as) a hospícios e pessoas idosas a asilos (CAMARANO, 2020).

No Brasil, uma das primeiras instituições para pessoas idosas foi o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada, fundado na cidade do Rio de Janeiro, em 1890, com o objetivo de prestar atendimento à população idosa pobre, atuando na perspectiva da filantropia. A criação dessa instituição consistiu em um marco no reconhecimento da velhice como público de intervenção institucional, dando visibilidade à velhice desamparada – uma população com características específicas e que demandava uma preocupação social diferente dos demais tipos de mendicância ou risco social (CAMARANO, 2020).

É possível, assim, compreender que o histórico das origens dessas instituições remete ao abandono, à invisibilidade, à fragilidade, à pobreza e à solidão, cabendo considerar que essas características passaram a ser atribuídas historicamente a esses espaços, marcados por estigmas muitas vezes reforçados nas práticas institucionais adotadas.

Nessa direção, Britto da Motta (2018) aponta que a solidão pode ser vivenciada por pessoas de todas as gerações, sendo marcada pelo sentimento de falta de apoio, conexão, significado social, afeto e aceitação. Ela acontece de diversas formas, entretanto na velhice a solidão tem características específicas por poder remeter à invisibilidade que, material ou simbolicamente, deixa essas pessoas à margem, consideradas como estranhas e desinteressantes.

Para Paim Filho et al. (2020) essa desvalorização da velhice nos ditames capitalistas tem por base a visão de que a pessoa jovem é mão de obra e fonte de lucro para o sistema, visto apresentar maiores condições de produzir em relação ao sujeito idoso. Ademais, esse processo de marginalização da população idosa consiste em um fenômeno com múltiplas determinações sociais, políticas e econômicas, carregando ideais de segregação e inferiorização (PAIM FILHO et al., 2020).

Esse contexto é forjado também por aspectos como desinformação, isolamento etário, pouca convivência intergeracional, individualismo e luta pelo poder, inclusive entre as gerações, salientando que as violências, dentre elas o idadismo, também se expressam através de cuidados equivocados que cerceiam direitos e limitam a autonomia e a independência. Também se materializam em infantilizações e ações assistencialistas fundamentadas na ideia de que envelhecer é sinônimo de declínio, perdas e adoecimento; além da ocorrência das práticas de *overhelping*, ou seja, o suporte excessivo para a pessoa idosa e por ela indesejado, apostando na sua incapacidade em fazer o que pretende (BRITTO DA MOTTA, 2018).

Ademais, a solidão de pessoas idosas deve ser pensada tanto no âmbito das que possuem casa, referências familiares e renda, como, e especialmente, das que vivem em ILPI, visto que são ainda mais afetados por essa questão (BRITTO DA MOTTA, 2018). Cabe destacar que a segregação pode ocorrer tanto quando a pessoa idosa está inserida em determinado espaço social, mas não participa dele de forma efetiva, como pode estar representada de forma concreta e física, como em casos presenciados em ILPI, nas quais o(a) residente perde sua autonomia e submete sua rotina às normas institucionais, o que muitas vezes impacta na sua liberdade, no seu direito de ir e vir e na sua participação social (PAIM FILHO et al., 2020).

Sobre isso, Britto da Motta aponta dados de suas pesquisas nessas instituições, ressaltando aspectos como organização rígida de horários, poucas visitas às pessoas idosas, ausência de reciprocidade entre residentes, rotina esvaziada de sentido, escassas atividades, falta de privacidade, confinamento homogeneizado e solidão. Nesses cenários, salienta a autora, o relacionamento distante e por vezes conflituoso entre residentes é oposto ao que se observa em relação aos(as) visitantes, dentre eles(as) os(as) que comparecem para pesquisas e realização de trabalhos filantrópicos, havendo para com esses(as) uma postura amigável e aberta ao diálogo, como se nesses momentos o silêncio e a solidão da rotina institucional fossem supridos pela presença de pessoas externas ao contexto das ILPI (BRITTO DA MOTTA, 2018).

Camarano (2020) contribui afirmando que tradicionalmente essas instituições são percebidas como locais para descanso e não para trabalho, sendo associadas à repouso, proteção, abrigo, mas também à afastamento da vida social. Assim, a autora questiona se as pessoas idosas são, em muitos contextos institucionais, segregadas socialmente por estarem em ILPI ou se também estariam segregadas caso moras-

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

sem com suas famílias, ou seja, se o que determina esse contexto de isolamento da vida em sociedade é onde a pessoa idosa reside ou sua condição de pessoa idosa, ativa ou frágil. A autora envida esforços para compreender porque houve a diferenciação de instituições específicas para pessoas idosas das demais instituições, refletindo ainda se existe relação entre ILPI e aposentadorias, visto que ambas as situações, institucionalização e aposentadoria, representam uma perda de participação e de papéis, sejam eles familiares ou sociais.

Portanto, quando a pessoa passa a ser considerada idosa apresentam-se formas de gestão do seu envelhecimento, inclusive na forma de morar, embasadas na ideia de que envelhecer é adoecer e depender e essa perspectiva promove o distanciamento intergeracional tanto socialmente, com a aposentadoria e a diminuição da participação social, como especialmente, com a institucionalização das pessoas idosas em ILPI (CAMARANO, 2020).

Assim, muitas vezes a institucionalização acaba por reforçar o isolamento das pessoas idosas do convívio em sociedade e, consequentemente, com as demais gerações ao limitar a rotina dos(as) residentes a um espaço repleto de normas e controle. Entretanto, convém salientar que tal isolamento não é restrito às ILPI, mas também se apresenta nos contextos familiar e social (PAIM FILHO et al., 2020).

Legalmente as ILPI são definidas como “instituição de longa permanência para idosos, governamental ou não governamental, destinada à moradia coletiva de pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, com ou sem suporte familiar” (BRASIL, 2021), devendo prestar tratamento individualizado e atenção às pessoas idosas, bem como garantir seus direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e individuais. Entretanto, o que se observa é que em grande parte dessas instituições alguns direitos acabam por serem violados na tentativa de garantir a segurança das pessoas idosas, tais como o direito de ir e vir, de liberdade, de privacidade e de convivência comunitária, dentre outros. Outrossim, ao invés de propor um plano de atenção individualizado, como previsto pelas legislações, no intuito de prover atividades e intervenções que atendam às demandas e potencialidades das heterogêneas velhices institucionalizadas, percebe-se em muitos contextos institucionais que cabe aos (às) residentes adaptar suas preferências e rotinas ao contexto da instituição, que estabelece cuidados e padrões a serem adotados (PAIM FILHO et al., 2020).

Camarano (2020) salienta a fragilidade dessas instituições, visto que apesar de fazerem parte da Tipificação Nacional dos Serviços Socioas-

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

sistenciais do Sistema Único de Assistência Social (Suas) brasileiro, em nosso país as ILPI não foram criadas dentro de um contexto de uma política pública de cuidados atenta às necessidades da população idosa, mas sim para atender uma demanda comunitária, o que implica nas dificuldades para fiscalização dos serviços e na sua qualidade.

Adensando o complexo contexto da crise de cuidados, temos o contexto neoliberal, no qual o Estado tem seu papel reduzido, priorizando a economia em detrimento das demandas sociais. Assim, são escassos os investimentos nas políticas públicas de cuidado, sendo praticamente inexistentes os Centros Dia e o Serviço de Proteção Social Básica em Domicílio para Pessoas Idosas e com Deficiência, dentre outros serviços e programas previstos na Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais, que contribuem para a efetivação dos direitos da pessoa idosa a cuidados e proteção social (BRASIL, 2014).

Ademais, a busca por ILPI tende a aumentar visto o crescente envelhecimento populacional e a redução da capacidade das famílias em prestar cuidados, considerando as diversas configurações familiares que requerem do Estado e do mercado atendimento a suas demandas. Cabe refletir que com a crise sanitária e o agravamento da conjuntura social e econômica do país no cenário de pandemia de covid-19 a adoção de medidas de distanciamento social, expansão da pobreza e a demanda por cuidados foram ampliados. Esse cenário de pandemia de covid-19 também chamou a atenção da sociedade para as ILPI, suas fragilidades e invisibilidades (CAMARANO, 2020). Outrossim, considera-se nessa realidade o insuficiente suporte do Estado às famílias e pessoas idosas (PAIM FILHO et al., 2020).

O distanciamento social em contexto pandêmico mostrou-se uma medida essencial para a prevenção de contágio pela covid-19, porém também reforçou a solidão, o abandono e a segregação de pessoas idosas pela suspensão de visitas às ILPI, intensificação do idadismo, interrupção de atividades sociais e comunitárias, ampliação da violência ou por outras limitações (CAMARANO, 2020).

Dito isso, é importante pensar que as solidões e suas causas se diferenciam, mas que em todas elas o idadismo concorre diretamente para que ocorram. O idadismo muitas vezes é ocasionado pelo distanciamento entre as gerações, o que gera desconhecimento sobre a velhice e, devido a isso, as pessoas a temem, isolando os velhos, os discriminando e violando seus direitos. Essa situação pode ser minorada pela educação para o envelhecimento e pelas iniciativas intergeracionais, tanto em caráter individual como social e institucional, uma vez

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

que a partir dessa interação as diferentes gerações podem saber como as pessoas idosas vivem, sentem, constroem e contribuem, facilitando a comunicação, a interação e o aprendizado entre elas (BRITTO DA MOTTA, 2018).

Além disso convém mencionar que, para as mulheres, o isolamento e a solidão impactam ainda mais, posto que são mais longevas que os homens, porém envelhecem mais pobres, menos escolarizadas e mais sozinhas. Portanto, ao viverem mais, podem acumular dependências e fragilidades, contribuindo para adensar sua solidão e seu encaminhamento às ILPI, visto não contarem com fontes de cuidado, até por terem sido, na maioria das vezes, elas mesmas as cuidadoras em seus contextos familiares (BRITTO DA MOTTA, 2018).

Assim, é necessário frisar que essa questão deve ser objeto de intervenção estatal, de forma a assegurar os direitos da pessoa idosa, prevenindo suas violações e ao mesmo tempo promovendo ações voltadas à educação intergeracional para construir uma sociedade para todas as idades.

Na sociedade brasileira assistimos a um discurso de respeito às diferenças que convive com práticas discriminatórias, violações de direitos e desrespeito àqueles(as) que expressam diversidades. Bosi (2012, p. 76) reflete que “em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos, portanto os velhos não podem errar”. A autora observa que na sociedade atual o sentimento de continuidade inexistente, as mudanças ocorrem em um ritmo acelerado e o que é construído hoje pode não existir amanhã. Além disso, os estereótipos de improdutividade e de ineficácia das pessoas idosas são tão naturalizados que podem ser absorvidos por elas próprias, reproduzindo a equivocada e perversa lógica idadista de que não contribuem para a sociedade e representam um peso às demais gerações.

Logo, a sociedade atual rejeita a velhice. A partir da perda da força de trabalho, a pessoa velha perde lugar social, devendo ser tutelada como uma criança. O discurso dominante difunde o respeito às pessoas idosas, mas a real intenção é afastá-las das tomadas de decisões e submetê-las a um papel passivo de meras espectadoras (BOSI, 2012); discurso esse que se intensifica em contexto institucional, no qual muitas vezes o protagonismo da pessoa idosa e a intergeracionalidade ficam comprometidas diante da escassez de iniciativas que as incentivem e das normas adotadas pelas instituições, apesar das legislações prioritarem tais questões. Vejamos o que preconizam algumas dessas legislações.

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

**O QUE DIZ A LEGISLAÇÃO? FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS FAMILIARES, COMUNITÁRIOS E INTERGERACIONAIS**

A Organização Mundial de Saúde (OMS), no ano de 2005, abordou o tema envelhecimento ativo, que consiste no processo de otimização das oportunidades de saúde, participação, segurança e educação ao longo da vida com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida em que as pessoas ficam mais velhas. Essa abordagem baseia-se no reconhecimento dos direitos das pessoas idosas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização estabelecidos pela ONU. Esse documento trouxe maior visibilidade à velhice com foco em direitos humanos.

Em 2002, na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento da ONU foram elaborados dois documentos, a Declaração Política e o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, que tratam sobre os desafios do envelhecimento da população no século XXI e a promoção do desenvolvimento de uma sociedade para todas as idades. A temática da solidariedade intergeracional é destacada quando se reconhece a sua necessidade e a interação entre as gerações, considerando as particularidades das gerações envolvidas nesse processo. Segundo o Secretário Geral da ONU à época (2002), sr. Kofi Annan, “se criarmos redes de apoio e ambientes propícios, poderemos conseguir que a sociedade em geral se interesse por estreitar a solidariedade entre grupos de gerações e combater o abuso, a violência, a falta de respeito e a discriminação de que são vítimas os idosos”.

O referido plano de ação se constitui como um guia para as políticas sobre o envelhecimento, apontando recomendações para a adoção de medidas com ênfase em três orientações prioritárias: pessoas idosas e desenvolvimento, promoção da saúde e bem-estar na velhice e criação de ambiente propício e favorável. O documento ressalta que através de medidas de equidade e reciprocidade se fortalece a solidariedade intergeracional, que é fundamental para a conquista de uma sociedade para todas as idades.



**"Trata-se da valorização do saber e experiência de vida da pessoa idosa, resgatando o seu conhecimento construído ao longo da vida e o ressignificando para a contemporaneidade."**

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

No tocante às legislações brasileiras, merece destaque a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994), que em seu artigo 4º trata das diretrizes e aponta a “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações”. A partir dessa perspectiva, estimula-se a participação e o convívio da pessoa idosa com outras gerações, visando a integração e valorização do seu saber e de sua experiência de vida.

Ainda sobre a implementação da Política Nacional do Idoso (PNI) pelos órgãos públicos, o documento salienta a importância de “valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e a identidade cultural”. Trata-se da valorização do saber e experiência de vida da pessoa idosa, resgatando o seu conhecimento construído ao longo da vida e o ressignificando para a contemporaneidade.

Outro importante marco legal para a defesa dos direitos da pessoa idosa foi a aprovação da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, o Estatuto da Pessoa Idosa (BRASIL, 2003), que representa um avanço na garantia desse segmento social, contribuindo para o acesso à cidadania e aos direitos fundamentais. No artigo 21 do Título II dos Direitos Fundamentais, capítulo V, que trata da educação, cultura, esporte e lazer, a lei aponta que “o Poder Público criará oportunidades de acesso da pessoa idosa à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”, entendendo como fundamental a adaptação metodológica para oportunizar o acesso dos(as) idosos(as) aos projetos educacionais.

No parágrafo 2º ressalta que “as pessoas idosas participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais”. Assim como consta na Política Nacional do Idoso, a transmissão de conhecimentos e vivências, no sentido da preservação da memória, é evidenciada como fundamental para a transmissão dos saberes às demais gerações.

Ainda tratando do Estatuto da Pessoa Idosa, essa legislação estabelece no artigo 49 que as ILPI devem adotar, dentre outros princípios, a preservação dos vínculos familiares e a participação da pessoa idosa nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo. Tal questão também é observada na Resolução da Diretoria Colegiada da Agência Nacional de Vigilância Sanitária nº 502, de 27 de maio de 2021 (BRASIL, 2021), que dispõe sobre o funcionamento das ILPI em caráter residencial. A referida resolução estabelece no artigo 6º as premissas a serem

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

atendidas por essas entidades, constando dentre elas a promoção da integração das pessoas idosas nas atividades comunitárias locais, o desenvolvimento de atividades intergeracionais, o incentivo à participação da família e da comunidade na atenção às pessoas idosas, bem como o desenvolvimento de ações para prevenir violências e discriminações contra os(as) residentes(as).

Nesse sentido, entendemos que as legislações estabelecem importantes elementos para pensarmos a intergeracionalidade nos diversos espaços sociais, dentre eles as ILPI, sendo as relações entre as gerações um direito social e um aspecto fundamental para prevenir o idadismo e o isolamento social das pessoas idosas. Além disso, a intergeracionalidade proporciona ganhos a todos(as) os(as) envolvidos(as), como veremos a seguir.

**CONTRIBUIÇÕES DA INTERGERACIONALIDADE PARA AS VELHICES INSTITUCIONALIZADAS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO**

As relações intergeracionais consistem em um assunto cada vez mais presente em estudos e proposições para o trabalho com as pessoas idosas, inclusive nas ILPI, visto que essa interação gera benefícios para todas as gerações envolvidas.

A ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2000, criou um documento sobre os Programas Intergeracionais (PIs), abordando o seu potencial para promover relações e intercâmbios entre jovens e idosos(as) como parte da política social pública. E definiram os Programas Intergeracionais como:

Espaços que oferecem oportunidades para trocas de experiências e aprendizagem das diversas faixas etárias para benefícios individuais e sociais, considerando a aproximação de gerações como um instrumento eficaz, com efeito de inclusão social e desenvolvimento da comunidade (HATTON-YEO, 2000, p. 6).

A partir dessa iniciativa, o desenvolvimento de PIs tornou-se mais popular por se entender que a abordagem intergeracional é um instrumento eficaz e inclusivo para os programas de educação continuada, em que as gerações envolvidas se beneficiam com a troca de experiências e aprendizagem, acarretando benefícios individuais e sociais, com efeito de inclusão e respeito intergeracional.

Esses programas têm o objetivo de valorizar o saber e a experiência de vida das gerações envolvidas, sendo, para as pessoas idosas, uma busca por ressignificar o seu conhecimento construído durante o curso de vida e, para as demais gerações, a valorização da transmissão de

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

saberes contemporâneos aos(as) idosos(as), tornando assim uma via de mão dupla. Dessa feita, é possível observar que as relações intergeracionais são fundamentais em qualquer cultura, criando benefícios para todas as gerações, dado o potencial de reverter os estereótipos e prevenir o idadismo, além de possibilitar o desenvolvimento de laços afetivos, a troca mútua dos saberes, a coeducação e, ainda, retomar o senso de coletividade e solidariedade em oposição ao individualismo predominante na sociedade contemporânea neoliberal.

A promoção das atividades intergeracionais contribui, assim, para a coeducação entre as partes envolvidas, promovendo a o diálogo e o respeito entre as gerações, fomentando o desenvolvimento de novas aptidões, a ressignificação da identidade social, o sentimento de pertencimento e dando suporte de diversas naturezas, como transmissão cultural, fortalecimento dos saberes, estímulo ao resgate de brincadeiras e histórias tradicionais, coeducação, construção de conhecimentos em conjunto e prevenção à violência (FERRIGNO, 2003 e 2013).

A realização de PIs nas ILPI permite o contato das pessoas idosas com outros grupos etários, visando romper com a solidão e o isolamento social e proporcionar a todos uma coeducação intergeracional, garantindo, por exemplo, o direito à convivência familiar e comunitária. Além de proporcionar à comunidade a publicização da velhice e a educação para a convivência com ela, bem como para a vivência do próprio processo de envelhecimento. Nesse sentido, os programas intergeracionais têm como objetivo estimular as relações entre as gerações, promovendo o intercâmbio de conhecimentos e valores entre elas e o respeito às diferenças, buscando encontrar soluções coletivas para os desafios grupais. Para tanto, requer o estabelecimento de relações igualitárias, com foco na qualidade da interação e não nas fragilidades, devendo contar com uma equipe de apoio instrumentalizada teoricamente e tecnicamente (FERRIGNO, 2003 e 2013).

Isso posto, as atividades de caráter intergeracional, sejam elas com familiares, profissionais, estudantes, voluntários(as) ou a própria comunidade, devem ser previamente planejadas, tendo objetivos e metodologias definidas com base no conhecimento do perfil, na realidade dos(as) participantes e na identificação de suas demandas e potencialidades. Assim, o programa deve promover a autonomia dos(as) idosos(as) e valorizar o convívio e a troca de saberes, contribuindo para prevenir a solidão, o preconceito e a estigmatização da pessoa idosa na família e na comunidade (LIMA, 2008).

**Artigo 4**

Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado

As experiências intergeracionais em ILPI desenvolvidas pelo setor público ou privado promovem diferentes formas de relacionamento entre as gerações com objetivo de minimizar o distanciamento intergeracional, combater o idadismo e promover a inclusão e a solidariedade entre as gerações.

Para o desenvolvimento dos PIs entende-se como estratégia o estímulo à escuta e à participação sem uma intervenção direta na dinâmica das relações, buscando debater sobre temas que distanciam as gerações envolvidas. Também realizar ações socioculturais, palestras, oficinas sobre os mais diversos temas, rodas de conversa, contação de histórias, atividades recreativas, debates, exibição de filmes, dentre outras atividades de interesse mútuo das gerações envolvidas (LIMA, 2008).

Alguns programas são baseados no desenvolvimento de atividades de arte e lazer com os idosos das ILPI e crianças de creches e escolas, com a participação de artistas com habilidades para conectar pessoas. Também existem programas de extensão universitária com jovens estudantes que desenvolvem ações de saúde e direitos com as pessoas idosas, promovendo atividade física, dança, yoga e orientações, dentre outros. Outras interessantes iniciativas intergeracionais dizem respeito a ações que envolvam atuação em rede com os serviços do território, estabelecendo parcerias com escolas, universidades, projetos culturais, sociais e esportivos, no sentido de promover a interação entre as gerações, a troca de visitas nos territórios de cada comunidade (residentes das ILPI em universidades, por exemplo, e vice-versa), o intercâmbio de atividades, as atividades escolares sobre envelhecimento, entre outros. Há a possibilidade, também de haver a atuação de grupos voluntários que se propõem a fazer visitas em ILPI para conversar, ler livros, cantar, passear, ou seja, realizar atividades lúdicas que conectam os(as) idosos(as) afetivamente.

Além dessas alternativas, é possível ainda elencar como estratégias para a promoção da intergeracionalidade ações com foco na valorização do saber, da experiência e da participação de todas as gerações; das memórias individuais e sociais; iniciativas intergeracionais de valorização da velhice e de aprendizado entre as gerações; ações socioeducativas em espaços de educação formal e informal sobre o tema; políticas públicas que garantam direitos de todas as gerações, dentre outras que não se esgotam neste escrito e que são construídas e reconstruídas na realidade vivenciada.



**Atividades intergeracionais são espaços para o exercício da cidadania e do diálogo, são canais que proporcionam e fomentam o respeito entre as gerações, contribuem para o fortalecimento e a transmissão de fazeres e saberes, mas também são espaços de efetivação de direitos e de ruptura do isolamento social, da solidão e do idadismo**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As reflexões trazidas pelos(as) autores(as) e as legislações citadas neste artigo reforçam a importância da promoção de ações públicas e privadas voltadas ao convívio e à solidariedade entre as gerações, fomentando a perspectiva do envelhecimento digno para todos(as).

Atividades intergeracionais são espaços para o exercício da cidadania e do diálogo, são canais que proporcionam e fomentam o respeito entre as gerações, contribuem para o fortalecimento e a transmissão de fazeres e saberes, mas também são espaços de efetivação de direitos e de ruptura do isolamento social, da solidão e do idadismo.

Quando pensamos nos desafios na atuação das ILPI é possível afirmar que um dos caminhos para os minorar tem relação direta com programas intergeracionais que venham a proporcionar engajamento da família e da comunidade, prevenindo a solidão e fomentando ações voltadas ao protagonismo e à autonomia das pessoas idosas.

Por fim, cabe reforçar que a construção de uma sociedade mais justa perpassa também, e necessariamente, pela promoção da difusão de informações, debates e diálogos sobre o processo de envelhecimento, sobre as velhices e sobre a educação para a convivência intergeracional, de maneira a vivermos em uma sociedade para todas as idades.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, J. E. D. *Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo segundo as novas projeções da ONU*. Disponível em: <<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/envelhecimento-populacional-no-brasil-e-no-mundo-segundo-as-novas-projecoes-da-onu/>>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. *Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências*. Brasília, DF, 1994. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm). Acesso em: 15 set. 2021.
- BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. *Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Brasília, DF, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm). Acesso em: 10 set. 2021.
- BRASIL. Conselho Nacional de Assistência Social. Resolução n. 109, de 11 de novembro de 2009. *Tipificação nacional dos serviços socioassistenciais*. Reimpressão 2014.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Resolução da Diretoria Colegiada n. 502, de 27 de maio de 2021. *Dispõe sobre o funcionamento de Instituições de Longa Permanência para Idosos, de caráter residencial*. *Diário Oficial da União*, Brasília, p. 110-117, 31 mai. 2021.
- BRITTO DA MOTTA, A. Idade e solidão: a velhice das mulheres. *Feminismos*, Salvador, v. 6, n. 2, p. 88-95, 2018.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 17 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CAMARANO, A. A. É possível definir o que sejam Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)? *Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc São Paulo, v. 31, n. 78, p. 8-25, dez. 2020.
- CASTRO, G. S. Precisamos discutir sobre o idadismo. *Mais 60: Estudos sobre envelhecimento*. São Paulo, Sesc São Paulo, v. 28, n. 67, mai. 2017.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. 1. ed., 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.
- FERRIGNO, J. C. *Coeducação entre gerações*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.
- FERRIGNO, J. C. *Conflito e cooperação entre gerações*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.
- HATTON-YEO, A. *Intergenerational programs: Public policy and research implications. An Intergenerational perspective*. Unesco: Institute for Education. The Beth Johnson Foundation, 2000.
- LIMA, C. R. *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações*. Campinas (SP): Alínea, 2008.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Plano de ação internacional para o envelhecimento*, 2002. Tradução Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- PAIM FILHO, M. P. et al. Exclusão social de idosos que vivem em Instituições de Longa Permanência para Idosos. In: RABINOVICH, E. P.; SÁ, S. M. P. (org.) *Envelhecimento e velhice em tempos de pandemia*. Coleção Vida em Família, Educação e Cuidado, v. 25, p. 147-160. Curitiba: CRV, 2020.



## O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa de extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

[Artigo 5, páginas 76 a 93]



### **Maria Weila Coêlho Almeida**

Assistente social, mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI) da Universidade de Brasília (UnB).  
weilaa159@gmail.com

### **Simone Bezerra Franco**

Matemática, mestra em engenharia biomédica e doutoranda pelo PPGDSCI da UnB.  
simone.bezerrafranco@gmail.com

### **Adriana Batista Costa**

Assistente social, pós-graduada em saúde do idoso: gestão e assistência em gerontologia pela Faculdade Laboro.  
adrianacb@sescdf.com.br

### **Leides Barroso Azevedo Moura**

Professora-doutora associada da UnB.  
leidesm74@gmail.com



**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

**RESUMO**

Este texto tem o objetivo de explicitar as contribuições do Sesc do Distrito Federal para a inclusão social de pessoas idosas em tempo de distanciamento social na pandemia de covid-19. Realiza-se uma retrospectiva acerca das principais atividades e ações desenvolvidas pela instituição no período pandêmico (2020-2021). O Sesc/DF reformulou suas atividades, adequando-as para o formato virtual, sendo um dos pioneiros com essa iniciativa no Brasil durante a pandemia de covid-19. Dessa forma, o Sesc/DF, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), por meio do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI), aperfeiçoaram ações e viabilizam virtualmente atividades e projetos a fim de propiciar às pessoas idosas socialização e troca de saberes, além de promover ações que podem ter contribuído para o enfrentamento ao isolamento social de pessoas idosas e mitigar os impactos do distanciamento social.

**Palavras-chave:** pessoa idosa; envelhecimento; isolamento social; distanciamento social; interação social.

**ABSTRACT**

*This text aims to explain possible contributions of Sesc do Distrito Federal for the social inclusion of elderly people in times of social distancing in the Covid-19 pandemic. A retrospective is carried out on the main activities and actions carried out by the Institution in the pandemic period (2020-2021). Sesc/DF reformulated its activities, adapting them to the virtual format, being one of the pioneers with this initiative in Brazil during the Covid-19 pandemic. Thus, the Sesc/DF, in partnership with the University of Brasília (UnB) through the Graduate Program in Development, Society and International Cooperation (PPGDSCI), improved actions and made activities and projects virtually viable in order to provide elderly people socialization, exchange of knowledge, in addition to promoting actions to combat social isolation among elderly people and mitigate the impacts of social distancing in the Covid-19 pandemic.*

**Keywords:** aging; older adults; older people; social isolation; social distancing, social interaction.

A população idosa, composta de indivíduos com 60 anos ou mais, tem se expandido de forma significativa e em escala mundial<sup>1</sup>. Em decorrência do fenômeno do envelhecimento humano e suas particularidades, torna-se fundamental a elaboração e execução de ações e políticas públicas destinadas a esse grupo, o qual tem sua proteção integral resguardada pela família, comunidade, poder público e sociedade (CAMARANO & PAISANATO 2004; BRASIL, 2022).

No Brasil, o marco legal é a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa, o qual traz em seus artigos direitos que asseguram a cidadania, a liberdade, a dignidade, o respeito, a efetivação do direito à vida e está diretamente relacionado à saúde biopsicossocial, assim como ao acesso à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à convivência familiar e comunitária.

Em consonância com esse dispositivo de proteção de direitos e contexto social, o Serviço Social do Comércio (Sesc), entidade criada (1946) e mantida pelo setor empresarial brasileiro, tem como missão a promoção do bem-estar e a melhoria da qualidade de vida dos empregados denominados comerciários, dos participantes dos convênios, dos usuários em geral e de diferentes faixas etárias (SESC, 2022).

Por mais de 50 anos o Sesc tem presença no cenário sociocultural, primeiro em São Paulo e em seguida nos demais estados da federação brasileira com ações voltadas a pessoas idosas. Tais ações passam por constantes avaliações e reformulações com a finalidade de responder às demandas que se apresentam a cada momento, assim:

Para dar visibilidade a esse grupo etário, dar conta da realidade presente e antecipar realidades futuras, é fundamental desenvolver estudos e sistematizar reflexões e práticas que possibilitem às propostas manter diálogo contínuo com seu público prioritário – os velhos – mas também com pessoas de outras faixas etárias. Esta interlocução objetiva ampliar o foco de atuação e discussão sobre a velhice para o processo de envelhecimento (SESC, 2022).

<sup>1</sup> A definição etária de população idosa varia por país e políticas públicas.

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

Diante do contexto apresentado, reportamo-nos ao artigo “Trabalho Social com Idosos no Sesc de São Paulo. Realizações e Perspectivas”, de Darnício de Assis, que descreve como surgiu o processo de trabalho social com pessoas idosas nessa instituição:

A atenção voltou-se para a população idosa a partir da sugestão de uma equipe técnica do Sesc que, no ano anterior, realizou uma viagem de estudos aos Estados Unidos da América, onde observou o trabalho que se fazia em centros sociais para idosos, no sentido de evitar a solidão e o desamparo de que são vítimas as pessoas desse grupo etário. As evidências de que no Brasil e, sobretudo, nos grandes centros urbanos como a cidade de São Paulo, os problemas de desamparo, solidão e marginalização social das pessoas idosas começavam a atingir proporções notáveis levam o Sesc a estender o atendimento aos aposentados do comércio. Constitui-se assim o primeiro grupo de idosos em uma das unidades do Sesc na capital, oferecendo aos participantes oportunidades de novas relações sociais e de manutenção da ocupação do tempo livre em atividades de lazer, além de poderem usufruir serviços essenciais, como alimentação, por exemplo, a custo compatível com suas condições econômicas (ASSIS, 1979, p. 37).

Dessa forma, além da realização de atividades práticas com esse grupo etário, sua atuação estende-se também à propagação de produções teóricas acerca do envelhecimento humano por meio de *Cadernos da Terceira Idade*, *Biblioteca Científica Sesc: Série Terceira Idade*, *Jornal Terceira Idade (JTI)*, *Revista Mais 60*, além das produções de artigos avulsos referentes às suas atividades. Além disso, com o crescimento dos projetos voltados às pessoas idosas, o Sesc criou o Centro de Estudos da Terceira Idade (Ceti), conforme descreve Haddad (2016).

Quanto ao Distrito Federal, âmbito de atuação de nossa pesquisa, destaca-se que o Sesc/DF fomenta ações sociais destinadas às pessoas idosas com o projeto pioneiro denominado Grupo dos Mais Vividos (GMV). Este é um projeto da coordenação de assistência social do Sesc/DF direcionado para pessoas acima de 60 anos, com o objetivo de promover qualidade de vida e estimular a autonomia, o protagonismo e o empoderamento da pessoa idosa por meio de atividades socioeducativas, lúdicas e interativas, como oficinas de dança, teatro, dentre outras, além da realização de palestras e seminários visando resguardar as

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

distintas necessidades e demandas socioculturais dos participantes, sobretudo aquelas essenciais à dinâmica da socialização e ao fortalecimento de vínculos familiar e comunitário (SESC, 2022).

Vale ressaltar que durante a pandemia de covid-19 o Sesc/DF reformulou suas atividades, adequando-as para o formato online, sendo um dos pioneiros com essa iniciativa no Brasil. Assim, pensando no bem-estar social, principalmente dos mais vulneráveis à covid-19, o Sesc/DF, por intermédio do programa de assistência social, disponibilizou diariamente atividades de interação social por meio de grupos do WhatsApp e plataformas de mídias sociais para os participantes do Grupo do GMV visando mitigar os impactos do distanciamento social na vida de pessoas idosas no momento de pandemia mundial. Abaixo é apresentada uma síntese explicativa acerca de atividades e ações realizadas pela instituição.

**Quadro 1 – Oficinas virtuais realizadas com o Grupo dos Mais Vividos (DF) na pandemia de covid-19**

<b>Oficina Virtual de Expressão Corporal</b>	Objetiva a socialização entre as pessoas idosas e o fortalecimento de vínculos sociais. Além disso, durante a oficina foi trabalhado o equilíbrio, a coordenação motora e a memória corporal.
<b>Oficina Virtual da Memória</b>	Objetiva promover a saúde para que os participantes possam preservar a capacidade social e cognitiva.
<b>Roda de Conversa Virtual de Psicologia para Pessoas Idosas</b>	Objetiva realizar atendimento psicológico online com pessoas idosas do GMV e pessoas idosas da comunidade.
<b>Oficina Virtual VivacIDADE – Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo Dasu/UnB</b>	Objetiva promover o desenvolvimento de projetos de vida na velhice a fim de despertar o engajamento com a vida, a autonomia na construção e realização de sonhos e desejos de pessoas idosas.
<b>Oficinas Virtuais Poesia em Tempos de Pandemia Sesc-UnB-Vitrine 100idade</b>	Objetiva mitigar os impactos do distanciamento social e promover o protagonismo e a participação social de pessoas idosas.  O projeto adota a poesia como estratégia de apoio emocional para lidar com os acontecimentos cotidianos da vida das pessoas idosas, inspirando a imaginar e redesenhar o futuro em tempos de covid-19, a partir dos valores da dignidade humana, solidariedade coletiva, ternura e resiliência criando novas formas de agir e interagir.
<b>Oficina Virtual Sesc EnvelheSer</b>	Objetiva desenvolver atividades socioeducativas e culturais com pessoas idosas, estimulando o desenvolvimento de Conhecimentos, Habilidades e Atitudes (CHA) dos participantes do GMV, abordando os aspectos biopsicossociais que caracterizam o processo de envelhecimento humano com ênfase nos eixos cidadania, saúde da pessoa idosa, educação e atualidades, arte e cultura.

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

<b>Oficina Virtual de Redes Sociais</b>	Objetiva propiciar a inclusão social, a democratização e o acesso aos meios de comunicação por meio dos aprendizados das pessoas idosas quanto a utilização das mídias sociais, como: WhatsApp, Facebook e vídeos do YouTube.
<b>Oficinas Virtuais Socioeducativas com o Grupo dos Mais Vividos via WhatsApp</b>	Objetiva desenvolver interações lúdicas e socioeducativas e intervenções coordenadas pelas assistentes sociais com atividades socioeducativas para estimular a cognição, a interação social e a socialização por meio de jogos, karaokê e desafios diários.
<b>Oficina Virtual Serviço Social Gerontológico</b>	Objetiva promover uma plataforma de formação continuada em vivências, referenciais teóricos, dentre outros conteúdos voltados para pessoa idosa, assim como, a inserção dos participantes nas redes sociais (salas de videoconferência, Instagram e outros).
<b>Oficina Virtual de Yoga</b>	Objetiva trabalhar o fortalecimento do corpo aliado à flexibilidade, integrado ao equilíbrio físico, emocional e social.
<b>Bingos Virtuais de Socialização</b>	Objetiva realizar atividades virtuais para o Grupo dos Mais Vividos. Possui a finalidade de socialização, fortalecimento cognitivo e estímulo das relações intergeracionais.
<b>Tardes Dançantes Virtuais</b>	Objetiva promover espaços interativos na modalidade online com pessoas idosas, fomentando a interação social, valorizando o protagonismo, a inclusão, a socialização e a promoção cultural em tempos de pandemia.
<b>Oficinas de Escuta Sensível do Projeto Renovação Pessoas Idosas Sesc, Defensoria Pública do DF e UnB.</b>	Objetiva promover um espaço de inclusão, de expressão de sentimentos, de promoção de defesa de direitos da pessoa idosa e de reflexão sobre as relações em um sistema grupal de convivência por meio do diálogo – o falar e o escutar.

Fonte: Sesc/DF, 2021-2022.

Além disso, o Sesc realizou campanhas cujo objetivo foi ampliar e diversificar a oferta de serviços prestados, abordando junto às pessoas idosas debates de âmbito nacional e mundial, dentre elas a Campanha Máscaras contra o Coronavírus: Previna-se! Essa campanha teve o objetivo promover o protagonismo, a valorização e a socialização das pessoas idosas participantes do GMV. A ação, de caráter voluntário, possibilitou a prática de corte, costura e confecção de máscaras, utilizadas de forma preventiva contra a contaminação do novo coronavírus (SARS-Cov-2) (SESC, 2020).

Outras campanhas realizadas durante a pandemia foram as de Prevenção à Violência Contra a Pessoa Idosa, abordando “onde mora a violência contra a pessoa idosa?”, campanha de conscientização sobre prevenção de quedas em pessoas idosas, com o tema “o risco de quedas em pessoas idosas em tempos de pandemia” e a campanha de Conscientização sobre a Doença de Alzheimer.

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

As campanhas visaram promover a reflexão acerca das violências contra a pessoa idosa, contribuindo para o fortalecimento da autoestima e da autonomia e, ainda, divulgando equipamentos públicos de proteção à pessoa idosa. Também proporcionou um debate sobre fatores de risco intrínsecos e extrínsecos que podem levar as pessoas idosas a uma possível queda e buscou trabalhar a dimensão da socialização e do processo de envelhecimento ativo a fim de contribuir com a diminuição do isolamento social em tempos de pandemia de covid-19 (SESC, 2020).

Promoveu ações para ampliar a conscientização sobre a doença de Alzheimer com sensibilização da sociedade, cuidadores e familiares de pessoas com a doença por meio de ações que visavam sua prevenção e a melhoria na qualidade de vida. Dessa forma, foram realizadas lives para compartilhamento de saberes e participação virtual das pessoas idosas a fim de mitigar os impactos do distanciamento social.

Vale mencionar ainda os encontros virtuais que a instituição realizou por meio da plataforma do YouTube do Sesc/DF, como o encontro Memória, Sabor e Música e o encontro virtual Sesc Mais Ativo: Sarau com Música e Poesias. Também o Encontro Semana dos Avós: Memórias, Sabor e Música, que teve como proposta comemorar o Dia dos Avós. As coordenações de Assistência Social, Cultura e Nutrição se uniram para promover uma semana de atividades de socialização com o objetivo de estimular a memória afetiva, bem como amenizar os efeitos do distanciamento social. Além disso, houve um concurso de receitas de comidas entre os participantes do GMV.

Já o encontro virtual Sesc Mais Ativo: Sarau com Música e Poesias foi realizado em celebração ao Dia Internacional da Pessoa Idosa com a finalidade de promover o bem-estar social, a integração e a socialização desse grupo etário. Durante a realização do encontro foram realizadas leituras de poemas produzidos pelos participantes do projeto Poesia em Tempo de Pandemia, sendo que as leituras foram intercaladas com músicas alusivas aos temas dos poemas.

Ainda no contexto da pandemia de covid-19 e diante da situação de calamidade pública, os profissionais assistentes sociais do Sesc/DF realizaram atendimentos virtuais de acolhimento social às pessoas idosas que buscaram o serviço por meio do link divulgado pela internet nas redes oficiais do Sesc e pela rede intersetorial. Com isso, foram realizadas orientações acerca dos direitos sociais, políticas públicas e sociais e benefícios governamentais, assim como encaminhamentos para a rede socioassistencial de apoio (SESC, 2020).

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

Por fim, a seguir serão descritas atividades realizadas pelo Sesc/DF em parceria com a Universidade de Brasília (UnB) sob a égide do projeto de pesquisa vinculado ao Grupo de Estudos de Isolamento Social Entre Pessoas Idosas no Distrito Federal do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDS-CI). Ressalta-se que a presente pesquisa de mestrado foi fundamental para a elaboração das ações e teve a finalidade de propiciar às pessoas idosas socialização, troca de saberes, atuando na temática e promovendo ações de enfrentamento ao isolamento social entre pessoas idosas, visto que o isolamento social e o idadismo têm grave impacto sobre a saúde e a longevidade (OMS, 2022).

**PROJETO POESIA EM TEMPO DE PANDEMIA**

As oficinas virtuais Poesia em Tempos de Pandemia visaram mitigar os impactos do distanciamento social. O projeto utilizou a poesia como estratégia de apoio para lidar com os acontecimentos do cotidiano da vida longa, inspirando os participantes a imaginar e redesenhar o futuro em tempos de covid-19 a partir dos valores da dignidade humana, solidariedade coletiva, ternura e resiliência, criando novas formas de agir e interagir.

**Figura 1 – Flyer do projeto Poesia em Tempo de Pandemia Sesc/DF, 2020**



**Figura 2 – Capa do e-book de poesias Sesc/DF, 2020**



Foram realizados oito ateliês que contaram com a participação de 24 pessoas idosas inscritas. Essa atividade culminou na realização do e-book Poesia em Tempo de Pandemia, disponível gratuitamente por meio do link <https://drive.google.com/file/d/17txPhbRBBHKnCjV-QXwv3L3SiSgyQkuu8/view>.

**WEBINÁRIO EM LONGEVIDADE: DIMENSÕES DO ENVELHECIMENTO HUMANO E A DIVERSIDADE DO ENVELHECER**

O evento foi constituído por conferência virtual e painéis temáticos com profissionais, pesquisadores e pessoas idosas que ofereceram intervenções com reflexos na qualidade de vida, hábitos e atitudes da pessoa idosa. Com o objetivo de articular debates que fortaleciam a qualificação dos profissionais, de pessoas idosas, de estudantes de graduação e pós-graduação na área do envelhecimento humano, em sua multidimensionalidade e diversidade. Durante o evento também foi debatido o lançamento da Década do Envelhecimento Saudável (2020-2030) e o isolamento social entre pessoas idosas.

### Artigo 5

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

#### 13 out. 2020 – Abertura do webinar em longevidade Projeto Poesia em Tempos de Pandemia: Se Eu Fosse Brasília

Houve a realização do lançamento dos poemas feitos por pessoas idosas de Brasília e do *e-book* com a coletânea das poesias elaboradas por eles durante o projeto. Realização do Sesc/DF em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional. Mediadoras: professora doutora Leides B. A. Moura (UnB); Maria Weila Coêlho Almeida (assistente social do Sesc/DF). Convidados: Leandro Grass (deputado distrital) e Elda Evelina (artista plástica).

**Figura 3 – Flyer de divulgação da abertura do Webinar de Longevidade**



#### 14 out. 2020 – Conferência Magna: Década do Envelhecimento Saudável (2020-2030)

Conferência de abertura a qual buscou trabalhar as dimensões do envelhecimento humano e a diversidade do envelhecer. A conferência contou com a participação do professor doutor Vicente Faleiros e mediação da Weila Almeida, assistente social e mestrande do PPGDSCI/UnB.

#### Painel I – Isolamento Social

Painel com discussão da temática isolamento social em tempos de distanciamento social. A atividade contou com a participação da doutora Dália Elena Romero (Fiocruz) e da doutoranda Patrícia Araújo Bezerra (PPGDSCI/UnB), com mediação da professora doutora Leides Moura (PPGDSCI/UnB).

**Figura 4 – Flyer de divulgação do 2º dia de Webinar em Longevidade**



### Artigo 5

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

#### Painel II – Inquéritos e Sistemas de Informação: Implicações para a População Idosa

Atividade de abertura do segundo dia de evento, que ocorreu em 15 de outubro. O debate foi proporcionado pela convidada doutora Luciana Monteiro, com mediação da mestranda Tatiana Frade Maciel (PPGDSCI/UnB).

#### Painel III – Atividades Socioeducativas Virtuais como Estratégia de Promoção à Saúde de Pessoas Idosas

O segundo painel, apresentado no dia 15 de outubro, compo a terceira atividade do evento, contou com a participação do professor Anderson Amaral e da assistente social Ana Carolina Cunha, com mediação da assistente social Gracielle Borges. Durante o evento houve o lançamento da *II Edição do Caderno de Atividades da Memória – Sesc/DF*, disponível em <http://bit.ly/CadernoSescAt>.

**Figura 5 – Flyer de divulgação do 2º dia de Webinário em Longevidade**

PROGRAMAÇÃO - 15 DE OUTUBRO

18H – PAINEL: INQUÉRITOS E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A POPULAÇÃO IDOSA

MODERADORA: TATIANA FRADE MACIEL (PPGDSCI/UNB) | CONVIDADA: LUCIANA MONTEIRO (VSCORTEL/SEROPOLINA)

18H40 – FALA GALERA! – PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO

19H – PAINEL: ATIVIDADES SOCIOEDUCATIVAS VIRTUAIS COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO A SAÚDE DE PESSOAS IDOSAS

MODERADORA: GRACIELLE BORGES (ASSISTENTE SOCIAL - SESC DF) | CONVIDADOS: ANDERSON AMARAL (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ARTERTERAPISTA, COORD. DO CURSO IAH E ATOR DE VÍDEOS LIVRES) e ANA CAROLINA CUNHA (PROFESSORA DA GRADUAÇÃO, ASSISTENTE SOCIAL - SESC DF)

ODS: LANÇAMENTO II EDIÇÃO DO CADERNO DE ATIVIDADES DA MEMÓRIA – SESC/DF

19H40 – FALA GALERA! – PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO

20H – ENCERRAMENTO – PINTANDO A VIDA REINVENTANDO NARRATIVAS SOBRE O ENVELHECER

### Artigo 5

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

Outra inovação do Sesc/DF foi a ação por meio da realização de palestras online:

Pelo canal do YouTube do Sesc/DF que vai levar orientação e dicas sobre uma fase importante da vida e que tem exigido cada vez mais atenção: a terceira idade. A partir do dia 2 de junho, o canal do Sesc/DF no YouTube transmitirá lives sobre o envelhecimento em tempos de pandemia. O bate-papo com especialistas será coordenado pela equipe de assistência social da instituição, fazendo intervenções para minimizar o impacto da pandemia no dia a dia da vida de centenas de pessoas idosas (SESC/DF, 2020).

Assim, em mais uma ação conjunta entre o Sesc/DF e a UnB, foi realizada a palestra online cujo tema foi A Pessoa Idosa e o Vírus do Ageísmo, contando com a participação da convidada doutora Leides B. A. Moura, professora da UnB, e mediação de Weila Almeida, assistente social e mestranda do PPGDSCI. Até o dia 14 de novembro de 2022 a palestra conta com 2.459 visualizações, sendo transmitida ao vivo em 2 de junho de 2020.

**Figura 6 – Flyer de divulgação da palestra online: Pessoa Idosa e o Vírus do Ageísmo**

LIVE Especial

NAS REDES SOCIAIS DO SESC-DF

PESSOA IDOSA E O VÍRUS DO AGEÍSMO EM TEMPOS DE COVID-19

MODERADORA: MARIA WEILA ALMEIDA (ASSISTENTE SOCIAL DO SESC-DF)

CONVIDADA: DRA LEIDES B. A. MOURA (PROF. ASSOCIADA DA UNB)

2 DE JUNHO - TERÇA-FEIRA - 17 HORAS

Fecomércio DF  
 Sesc - Sesi - Sescop  
 Instituto Fecomércio

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

**WORKSHOP SESC E UNB NO ENFRENTAMENTO AO AGEÍSMO:  
 “EXPERIÊNCIAS E PROJETOS”**

O Sesc/DF e a UnB realizaram a campanha contra o ageísmo visando fortalecer as atividades do Sesc/DF em prol das pessoas idosas e das conexões intergeracionais. Houve uma semana de atividades para discutir o ageísmo, que é o preconceito que perpassa todas as idades, porém na fase do envelhecimento é potencializado. Além disso, a proposta fez parte da semana universitária da UnB (2021), sendo realizados workshops, oficinas e webinar envolvendo profissionais voltados aos serviços com pessoas idosas, comunidade interna do Sesc/DF e UnB, professores da rede pública, influenciadores de mídia e comunidade em geral sob a perspectiva da Década do Envelhecimento Ativo e Saudável 2020-2030, da Organização Mundial da Saúde (OMS).

**Figura 7 – Flyer de divulgação do workshop Sesc e UnB no Enfrentamento ao Ageísmo: “Experiências e Projetos”**



**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

**28 out. 2021 – Webinar – Ageísmo nas Instituições: Vamos Pensar Algumas Soluções Juntos?**

Abertura com a realização do webinar Ageísmo nas Instituições: Vamos Pensar Algumas Soluções Juntos? O debate contou com Adriana Costa, do Sesc/DF, doutora Bianca Cobucci Rosière, da Defensoria Pública, e Leonardo Kazuo, do Enap e PPGDSCI, e teve como mediadora Leides Moura, da PPGDSCI/UnB.

**29 out. 2021 – Workshop Sesc e UnB no Enfrentamento ao Ageísmo: “Experiências e Projetos”**

Lançamento do documentário *Como Nós Somos, Analisando Sob a Perspectiva do Ageísmo*. Mediadora: doutora Leides Moura (PPDSCI/UnB) e Ana Carolina Cunha (assistente social do Sesc/DF). Link: <https://youtu.be/nIIGGRTCBs8>.

**30 out. 2021 – Ateliê Intergeracional: Uma Experiência dos Projetos Sociais do Sesc/DF em Parceria com a UnB**

O ateliê teve o objetivo de fortalecer o enfrentamento ao ageísmo por meio de práticas intergeracionais ao compreender o envelhecimento e a infância como fases fundamentais do desenvolvimento humano. Foi criado o Sesc e UnB – Ateliê Intergeracional: A Velhice como Conquista Humanitária.

Ainda nesse contexto, o Sesc disseminou em diversos formatos informações para contribuir com um envelhecimento ativo e propagar estratégias para a melhoria da qualidade de vida e saúde das pessoas idosas a fim de mitigar o isolamento social e seus impactos. Nesse sentido, apresentamos a seguir o quadro com publicações do Sesc com tais contribuições.

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

**Artigo 5**

O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa e extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas

**Quadro 2 – Contribuições do Sesc no enfrentamento às situações de isolamento social de pessoas idosas**

Tipo de Atividade	Produção
<b>Atividades de estimulação cognitiva</b>	<p>Caderno de atividades da memória I: trabalho social com idosos. Brasília: Sesc/DF, 2020. 1.565 kb; PDF. (Coleção Caderno de atividades da memória: trabalho social com idosos; v. 1).            Disponível em: <a href="http://bit.ly/CadernosSescAt1">http://bit.ly/CadernosSescAt1</a>.</p> <p>Caderno de atividades da memória II: trabalho social com idosos. Brasília: Sesc/DF, 2020. 2.600 kb; PDF. (Coleção Caderno de atividades da memória: trabalho social com idosos; v. 2).            Disponível em: <a href="http://bit.ly/CadernoSescAt">http://bit.ly/CadernoSescAt</a>.</p>
<b>Livro intergeracional</b>	<p>Intergeneracionalidade: prevenção ao idadismo e construção de uma sociedade para todas as idades. Ingrid Rochelle Rêgo Nogueira, Adriana Costa Batista. Brasília: Sesc/DF, 2022. 2.760 kb; PDF.            Disponível em: <a href="https://www.sescdf.com.br/noticias/SiteAssets/Paginas/Sesc-DF-lan%c3%a7a-e-book-sobre-Intergeneracionalidade-e-prop%c3%b5e-debate-em-torno-da-preven%c3%a7%c3%a3o-ao-idadismo-/Intergeneracionalidade.pdf">https://www.sescdf.com.br/noticias/SiteAssets/Paginas/Sesc-DF-lan%c3%a7a-e-book-sobre-Intergeneracionalidade-e-prop%c3%b5e-debate-em-torno-da-preven%c3%a7%c3%a3o-ao-idadismo-/Intergeneracionalidade.pdf</a>.</p>
<b>Projeto Cidadania Ativa: Uma Nova Realidade para o Idoso</b>	<p>NOGUEIRA, Ingrid Rochelle Rêgo, 2007.            Disponível em: <a href="https://docplayer.com.br/304021-Projeto-cidadania-ativa-uma-nova-realidade-para-o-idoso.html">https://docplayer.com.br/304021-Projeto-cidadania-ativa-uma-nova-realidade-para-o-idoso.html</a>.</p>
<b>Realização intergeracional é um incentivo para que os idosos permaneçam em casa durante esse período de pandemia</b>	<p>Sesc DF, 2020.            Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=SRZUZm-dazok">https://www.youtube.com/watch?v=SRZUZm-dazok</a>.</p>
<b>Projeto EnvelheSer desenvolve atividades virtuais e mantém participantes do GMV conectados</b>	<p>Sesc DF, 2020.            Disponível em: <a href="https://www.sescdf.com.br/Paginas/%C3%81reas/Grupo-dos-mais-vividos.aspx">https://www.sescdf.com.br/Paginas/%C3%81reas/Grupo-dos-mais-vividos.aspx</a></p>
<b>Poesias em Tempos de Pandemia</b>	<p>UnB, Sesc/DF e Vitrine100Idade, 2020.            Disponível em: <a href="http://bit.ly/EbookLongevidade">http://bit.ly/EbookLongevidade</a>.</p>
<b>Projeto Renovação Pessoas Idosas</b>	<p>Realizado em parceria Roberta D'Ávila (Defensoria Pública DF), Leides Moura (Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo UnB/Vitrine 100Idade).            Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=0178f_4exa4">https://www.youtube.com/watch?v=0178f_4exa4</a>.            Livro eletrônico com lançamento previsto para 2023.</p>
<b>Campanha de enfrentamento ao ageísmo individual e institucional</b>	<p>Oficinas com público interno e externo para promover sensibilização ao ageísmo, desenvolvidas ao longo de três anos (2020-2022) sob coordenação da professora Leides Moura (UnB/Vitrine100Idade) e Adriana Costa (Sesc) com e-book a ser lançado em 2023 descrevendo as iniciativas realizadas ao longo da campanha.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

A assistência social do Sesc/DF desenvolve com o GMV uma intervenção profissional direcionada à dimensão pedagógico-social voltada para a socialização de informações e saberes no campo dos direitos, da legislação social e das políticas públicas e sociais. A intervenção profissional abrange ações socioeducativas, emergenciais e de planejamento e gestão (ALMEIDA, BORGES & SANTOS, 2020).

Dessa forma o Sesc, por meio do Trabalho Social com Pessoas Idosas, pôde contribuir para a inclusão e a participação social desse grupo etário enquanto sujeitos de direitos, protagonistas e gestores da cidade. Assim, pretende-se que a consolidação e democratização das informações da presente pesquisa de dissertação sirvam como referência para a elaboração de ações de promoção do protagonismo da pessoa idosa e a defesa de seus direitos, visto que se buscou escutar as pessoas idosas participantes de atividades online do Sesc/DF durante o período pandêmico da covid-19 (2021-2022) a fim de descrever a situação de isolamento social e a percepção de solidão, visando fornecer informações para a realização de futuras atividades, contribuindo para a melhoria da participação social e qualidade de vida desse grupo etário.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALMEIDA, M. W. C.; SANTOS, R.; BORGES, G. M. *Um estudo sobre o perfil da população atendida pelo Sesc do Distrito Federal em tempos de pandemia. Uma análise do Serviço Social – 2020*. Brasília: Sesc/DF, 2020.
- ASSIS, D. Trabalho Social com Idosos no Sesc de São Paulo. Realizações e perspectivas. *Caderno Terceira Idade*, São Paulo, Sesc, n. 4, p. 37-39, ago. 1979.
- BRASIL. *Estatuto do Idoso*. Lei n. 10.741/2003. Brasília, 2022.
- CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A. (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: Ipea, p. 256-292, 2004.
- HADDAD, E. G. M. *A ideologia da velhice*. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2016.
- SERVIÇO SOCIAL do Comércio (Sesc). *Grupo dos mais vividos*. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.sescdf.com.br/grupo-dos-mais-vividos/>. Acesso: 05 nov. 2022.
- SERVIÇO SOCIAL do Comércio (Sesc). *Idosos*. São Paulo, SP. [https://portal.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/o-que-fazemos/9\\_IDOSOS](https://portal.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/o-que-fazemos/9_IDOSOS). Acesso: 05 nov. 2022.



## PAINEL DA LONGEVIDADE

# Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país



### Ricardo Leme

Presidente e fundador da Walking Football Brasil, relações públicas, estudou negócios de impacto social pela Fundação Dom Cabral, se especializou em gerontologia e interdisciplinaridade pelo Centro Universitário São Camilo e gestão estratégica do esporte pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/SP), além de integrar o Programa Executivo em Negócios na Fundação Dom Cabral. contato@wfb.org.br

### Demerval de Souza

Diretor técnico-esportivo na Walking Football Brasil, possui mestrado interdisciplinar em ciências da saúde, pós-graduação em educação física escolar e graduação em educação física na Faculdades Integradas de Santo André (Fefisa). É coordenador do curso de educação física e professor na Universidade Paulista (Unip). Atua na gestão técnica da Walking Football Brasil junto aos profissionais de educação física. lab@wfb.org.br

### Daniel Magnanelli

Gerente socioesportivo na Walking Football Brasil, formou-se em educação física e tem especialização em gestão de negócios pela UBS Escola de Negócios. Atuou na área de esportes nas subprefeituras de Santana e Tucuruvi, na cidade de São Paulo, e foi supervisor educativo do Museu do Futebol, um dos mais importantes equipamentos culturais com acervo histórico sobre o futebol brasileiro. lab@wfb.org.br

## RESUMO

Este painel de experiência visa apresentar o processo de introdução e disseminação da modalidade *walking football* em nosso país, uma variante do futebol que conhecemos, porém com a prática de jogo pensada e adequada às necessidades das pessoas idosas. Uma das principais regras é não correr durante a partida, tornando o esporte mais inclusivo, com menor impacto físico direto e diminuindo significativamente os riscos de lesões.

No país, a modalidade foi introduzida oficialmente pela Walking Football Brasil (WFB), organização da sociedade civil, que integra a The Federation of International Walking Football Associations (FIWFA), órgão regulador internacional do esporte, com sede na Inglaterra. No Brasil desde 2018, a WFB tem como premissa a promoção do esporte tanto em âmbito competitivo quanto em lazer e participação, protegendo sua integridade e inclusão com regulamentos uniformes de jogo, formação de professores e organização de eventos da modalidade.

A organização tem a missão de introduzir o esporte nas cinco regiões brasileiras e vem atuando para cocriar soluções e experiências que contribuam para a longevidade ativa com a inclusão das pessoas idosas de todos os gêneros no esporte, além de promover pesquisas em parceria com a academia acerca das contribuições da modalidade para o bem-estar físico e emocional das pessoas 60+.

## WALKING FOOTBALL NO MUNDO

Quando se fala em futebol, é quase unânime pensar em partidas competitivas de grande impacto, nas quais jogadoras e jogadores correm em campo ou quadra com o objetivo de marcar o maior número possível de gols. E se falarmos que é possível jogar futebol caminhando, com um conjunto de regras que possibilitem melhorar a inclusão de pessoas idosas no esporte, contribuindo para a continuidade dessa prática ao longo da vida, inserindo-a na maturidade? Isso é possível? A resposta é sim e vem ao encontro das necessidades inerentes de uma população em franco envelhecimento pelo mundo.

O progressivo aumento da expectativa de vida e o envelhecimento da população não é um fenômeno recente, tampouco exclusivo do Brasil, mas ao se tratar de idosos em nosso país, que conta com mais de 37 milhões de brasileiras e brasileiros 60+, conforme estudo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), seria inevitável não pensar no futebol para essa parcela da sociedade em pleno país que celebra esse esporte.

**Painel da longevidade**

Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país

O *walking football* teve seu reconhecimento oficial como modalidade na Inglaterra, dentro do contexto dos clubes comunitários, os chamados *community councils*. O primeiro registro de um clube de *walking football* foi realizado em 2011, em Chesterfield, no condado de Derbyshire. Sua popularidade se deu a partir de 2014, após uma campanha que conectou idosos ao esporte pelo mundo, hoje presente em mais de 16 países e 2 mil clubes. A modalidade parte da proposta de jogar futebol em um ritmo que possibilite a participação mais democrática, eliminando barreiras e proporcionando maior acessibilidade. No Reino Unido, surgiu para engajar a população masculina acima de 50 anos, atuando como uma importante política pública por aumentar significativamente os níveis de bem-estar físico e emocional dos participantes.

**WALKING FOOTBALL NO BRASIL**

No Brasil, a modalidade é introduzida oficialmente pela Walking Football Brasil (WFB). Observamos neste processo sua promoção como ferramenta de transformação social e desenvolvimento humano, não apenas no campo do esporte competitivo, importando as regras oficiais, mas criando pilares de diversidade e inclusão no âmbito do esporte para a vida, como é chamada a prática cujo papel é de lazer e participação. A organização tem desenvolvido sua introdução em Núcleos de Convivência da Pessoa Idosa e outros espaços dedicados às pessoas 60+ em diversos territórios, possibilitando que idosos de todos os gêneros possam ser integrados à modalidade, independentemente das suas habilidades com o jogo.

Ao refletirmos que o futebol que se conhece hoje historicamente começou sendo praticado pela elite em idos de 1894, quando Charles Miller, considerado o pioneiro do esporte, retornou da Inglaterra trazendo um livro de regras, duas bolas, um par de chuteiras e uma bomba de ar, segundo o historiador John Mills, era preciso que a introdução da modalidade *walking football* no Brasil considerasse um olhar mais contemporâneo para a sua democratização. Essa foi uma das premissas estratégicas que a organização encontrou para o desenvolvimento e a multiplicação do esporte adaptado no país.

Primeiramente foram estudadas, ao longo de 2018, as diferentes vertentes do envelhecimento, compreendendo sua heterogeneidade, o que embasou a construção da estrutura metodológica da organização no país, sendo que ela é uma das poucas que adotam um olhar transversal para o esporte de participação e lazer como ferramenta conectora para uma longevidade ativa.



**No Reino Unido, surgiu para engajar a população masculina acima de 50 anos, atuando como uma importante política pública por aumentar significativamente os níveis de bem-estar físico e emocional dos participantes.**

Ao se debruçar sobre os Pilares do Envelhecimento Ativo da Organização Mundial da Saúde (OMS), inspirada pela trajetória do professor dr. Alexandre Kalache junto ao tema, a WFB introduziu transversalmente essa discussão para o campo de formação e certificação de professores, além de construir seus indicadores. O futebol cria um amplo ambiente de melhoria de saúde e bem-estar por meio do estímulo à atividade física, além de promover um espaço socializador com contribuição para o conhecimento ao longo da vida.

Em 2019, a WFB contou com o apoio de um dos grandes escritórios brasileiros de advocacia para criar sua estratégia de responsabilidade social, constituindo-se juridicamente como organização da sociedade civil, tendo os desafios de impacto social como vetor de atuação. A organização atualmente leva a modalidade para diversas cidades por meio de projetos de responsabilidade social e/ou incentivados, como o fomento ao esporte, e de programas voltado às pessoas idosas, contando com diversas empresas brasileiras como incentivadoras da causa. A WFB foi premiada por três anos consecutivos (2020, 2021 e 2022) com o selo de Direitos Humanos e Diversidade na Categoria Pessoas Idosas, em São Paulo, maior cidade brasileira.

No campo da diversidade e inclusão, vale ressaltar que em vários dos núcleos WFB, seja em parceria com o uso de equipamentos públicos de municípios ou com outras organizações da sociedade civil, as mulheres já são maioria nas aulas de esporte para a vida, com uma representatividade de mais de 80%. Contextualizando historicamente, as mulheres no Brasil tiveram seu direito de praticar futebol restringido devido a um decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas em 1941:

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.

**Painel da longevidade**

Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país

Em 1979 o decreto foi revogado. É incrível olhar para a crescente participação feminina, que ocupou espaços antes não disponíveis e quebrou barreiras.

**ATUAÇÃO DA WALKING FOOTBALL BRASIL (WFB)**

A WFB atua em três frentes estratégicas, sendo elas:

**Esporte oficial e esporte para a vida (participação e lazer):** promover a modalidade de acordo com os parâmetros internacionais de *walking football*, coordenando a estrutura e o desenvolvimento do esporte no Brasil de forma oficial, formando e certificando profissionais metodologicamente, além de atuar para a democratização da prática, incluindo-a como forma de lazer e participação para a promoção do bem-estar e qualidade de vida dos idosos, formando uma rede WFB de organizações.

**Projetos socioeducativos, culturais e de conhecimento ao longo da vida:** desenvolver projetos socioeducativos e socioculturais que promovam impacto positivo na vida das pessoas, alinhados aos pilares da longevidade ativa, com ênfase no conhecimento ao longo da vida e nas agendas globais, como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e a Agenda do Envelhecimento da OMS.

**Pesquisa:** fortalecer a pesquisa acerca do esporte, saúde e longevidade junto a universidades, institutos, órgãos, Organizações da Sociedade Civil (OSCs) e movimentos, entre outros grupos de fomento à pesquisa.

Para contextualizar, destaca-se que há dois tipos de abordagem. A primeira é o esporte com foco na competição entre jogadoras e jogadores, com times que são divididos por categoria, gênero e faixa etária e que possui regulação acompanhada pela WFB no país. A segunda é o esporte para a vida, que estimula a diversidade de participação, misturando gêneros e idades diferentes, criando um ambiente que promove a *coopetição* (cooperação + competição baseada na colaboração entre os participantes) e tem como base o esporte de participação, de acordo com a definição e o conceito adotado pelo descritivo da Lei 9.614, de 1998, art. 3º, vinculada à Lei de Incentivo ao Esporte Federal destacando-se que:

**Painel da longevidade**

Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país

II – desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente.

A metodologia da WFB se aplica com êxito no esporte de participação para a vida, considerando que grande parte do público atingido pela modalidade *walking football* o pratica de forma lúdica, como ferramenta para o lazer, a saúde, o bem-estar físico e emocional, promovendo a socialização, a construção de vínculos socioafetivos e fortalecendo as competências essenciais para uma longevidade ativa.

No eixo socioeducativo, compreendem-se experiências como o projeto Movimenta.me, que levou ao longo do período de pandemia encontros regulares e sistematizados com a equipe pedagógica da organização e a equipe pedagógica do parceiro Revivendo Memórias, do Grupo de Neurologia Cognitiva do Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM/USP). Os encontros permitiram levar às pessoas idosas em isolamento social uma oportunidade de se manterem ativas e trabalhar memórias afetivas por meio das lembranças do futebol, da arte e do conhecimento ao longo da vida.

No eixo pesquisa, a WFB iniciou tratativas com a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no núcleo liderado pelo professor dr. Rodrigo Luiz Vancini, para estudar os benefícios intrínsecos à modalidade na vida das pessoas 60+. O projeto está em fase de formação das pesquisadoras e pesquisadores envolvidos com a metodologia WFB.

**METODOLOGIA WFB**

As aulas da modalidade *walking football* no âmbito do esporte para a vida possuem regularidade semanal (uma ou duas vezes por semana, com duração aproximada de duas horas) e são realizadas por uma equipe multidisciplinar, contando com a presença obrigatória de um profissional de educação física com registro ativo no conselho de classe e certificado pela WFB, considerando quatro passos formativos da metodologia da organização, destacados a seguir:

**Passo 1: Sinergia – Contexto e Diálogo**

Levantamento de dados, diálogo social, pesquisa e análise de contextos diversos que impactam diretamente na execução do projeto e contribuição direta para o desenvolvimento em linha com o esporte inclusivo, envelhecimento ativo e bem-estar.

**Painel da longevidade**

Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país



Neste contexto, para além da percepção e do diálogo social, a WFB adaptou questionários como o Questionário Internacional de Atividade Física (Ipaq), proposto pela OMS (1998) e que pretende servir como um instrumento mundial para determinar o nível de atividade física em nível populacional. Essa ferramenta busca saber que tipos de atividade física as pessoas fazem como parte do seu dia a dia. Também adaptou o PAR-Q, questionário que deve ser aplicado ao indivíduo antes que comece a praticar atividades físicas regulares. O principal objetivo do PAR-Q é identificar possíveis limitações e restrições existentes na saúde da pessoa que tenciona fazer exercícios físicos. Esse questionário também contribui na identificação de necessidade complementar de avaliação por um médico antes do início ou do aumento de nível da atividade física, além de levantar dados socioeconômicos e ferramentas de medição de prontidão física como a AAPHERD, desenvolvida pela American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance, para, com isso, cruzar os dados e mensurar a evolução do projeto. A bateria do AAPHERD é composta de cinco testes motores: agilidade e equilíbrio dinâmico; flexibilidade; resistência de força de membros superiores e inferiores; coordenação motora; resistência motora; e habilidade de andar.

Para além desses protocolos adotados, há uma matriz desenvolvida pela organização que identifica o nível de proficiência de cada participante com a prática de futebol e com a sua condição e aptidão física. O conjunto de dados consolidados é o norteador para a adequada aplicação metodológica nas aulas da modalidade.

**Passo 2: Conexão – Formação Integradora**

Introdução à metodologia WFB para o desenvolvimento das atividades socioesportivas, socioeducativas e socioculturais, sempre em sinergia com a transversalidade de temas que contribuam para o envelhecimento ativo.

A WFB vem promovendo um amplo trabalho de formação e certificação de profissionais de educação física para a disseminação do método. Em 2023, a organização deve formar ao menos 300 novos profissionais nas cinco regiões do Brasil.

**Passo 3: Passo a Passo – Desenvolvimento e Execução**

Conteúdo formativo adotado nos mais altos padrões de qualidade e, quando ligado ao esporte, deve estar alinhado às práticas internacionais e em sinergia com o contexto brasileiro e o perfil socioemocional de seus participantes.

As aulas de *walking football* seguem a trilha metodológica desenvolvida de acordo com o método parcial misto, adicionando e intercalando os fundamentos com a realização do jogo-treino em todos os treinamentos. Seguem uma sequência de atuação que atenda e conduza os praticantes à apropriação dos conhecimentos técnicos e táticos da modalidade, bem como suas regras e adequação motora para a prática do esporte.

**Passo 4: Reflexão – Avaliação de Resultados**

Relatoria sistematizada do projeto em todas as suas fases, com intuito de promover uma avaliação contínua de resultados e a análise evolutiva do projeto interdisciplinarmente, assim como os protocolos e instrumentos de avaliação física e de bem-estar 60+.

**REGRAS**

Dentre as principais regras adotadas no esporte, cita-se o fato de não poder correr durante a prática, bem como não permitir jogadas áreas, contato físico direto, além do tempo de jogo reduzido (partidas de 10 ou 14 minutos totais, a depender se é jogo de participação ou jogo de competição) e número de jogadores podendo variar conforme o tamanho da quadra ou campo utilizado.

**OS DESAFIOS EM CAMPO**

É importante ressaltar que a atividade física e a saúde são conceitos fortemente atrelados e, sensivelmente, são assuntos contemporâneos que

**Painel da longevidade**

Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país

figuram no cotidiano, pois é constante sua abordagem em programas televisivos, internet, jornais, revistas e tantos outros meios de comunicação. Além disso, é comum perceber pessoas realizando atividades físicas de diversas formas e nos mais diversos lugares, seja pedalando uma bicicleta, caminhando, correndo, se exercitando em aparelhos espalhados em praças, parques ou canteiros de avenidas. Isso sem falar nos equipamentos e locais específicos para a prática de atividade física, como academias, clubes, quadras poliesportivas, ginásios.

Apesar de inúmeras evidências da importância e dos benefícios da atividade física, diversos indícios alarmantes têm demonstrado uma redução da prática de atividade física pela população. A inatividade física pode ser considerada como uma Doença Crônica Não Transmissível (DCNT) e uma das causas de mortalidade no Brasil, com tendência a afetar a qualidade de vida populacional de maneira negativa (SCHMIDT et al., 2011; DIAS et al., 2015). Além disso, a não participação em atividades físicas também pode estar associada a dificuldades psicológicas e sociais, experiências de ansiedade, timidez, humor deprimido e hiperatividade, fatores esses identificados em uma revisão sistemática (CRANE e TEMPLE, 2015).

O esporte, em especial o *walking football*, também contribui diretamente na diminuição da inatividade física e, por sua vez, na melhora para um envelhecimento ativo e saudável. No entanto, sabe-se que há desafios da prática de futebol no cotidiano dos idosos, tais como uma maior suscetibilidade às lesões e a própria mudança física apresentada ao longo do processo de envelhecimento. Daí a importância de uma modalidade que olhe para as características inerentes ao processo de envelhecimento.

Uma pesquisa publicada pelo Datafolha em 2017, que trata dos hábitos de prática de atividades físicas entre diferentes gerações, destaca que com o passar dos anos o futebol deixa de ser praticado e a caminhada torna-se a principal atividade física dos idosos. A pesquisa demonstrou que dos 16 aos 24 anos o futebol é a atividade mais praticada (31,11%) entre os entrevistados, quando comparado à caminhada (16,39%) e à academia (20,83%). Por outro lado, na faixa etária de 60 anos, o futebol se torna a atividade física menos praticada (1,59%).

Contudo, o *walking football* é uma forma de permitir que pessoas 60+ possam voltar a jogar futebol ou até mesmo continuar a jogar futebol. Para isso, vale também reforçar que é importante introduzir o esporte com um olhar diverso, compreendendo a participação de um grupo heterogêneo na prática, como pessoas que nunca jogaram fu-



**O esporte, em especial o *walking football*, também contribui diretamente na diminuição da inatividade física e, por sua vez, na melhora para um envelhecimento ativo e saudável.**

tebol ao longo da vida. Dentro do eixo esporte para a vida, isso é um imperativo.

Outra consideração importante é destacar que o esporte, como o futebol, apesar de coletivo, deve ser olhado de forma individualizada na prática, no caso de *walking football*. A percepção de contexto e o olhar para os aspectos de saúde e qualidade de vida das pessoas participantes norteiam cotidianamente a atuação dos professores e professoras. Daí a importância do amplo estudo da gerontologia e sua cultura gerontológica como base central para o desenvolvimento das aulas, além, claro, da compreensão da atividade física para um envelhecimento ativo.

A necessidade de protocolos rígidos de segurança, de constantes reuniões pedagógicas com as equipes multidisciplinares envolvidas e do olhar cuidadoso para a metodologia e discussão de casos compõem o cotidiano da equipe WFB e dos profissionais certificados pela organização.

Na maturidade, não se trata de apenas colocar um conjunto de regras e uma bola em campo. É sempre mais que isso, é preciso focar nos aspectos do envelhecimento e numa abordagem baseada em cuidados 60+.

**O QUE DIZEM AS PESSOAS 60+**

Durante as diversas atividades desenvolvidas desde 2019, a WFB vem coletando depoimentos e percepções de forma sistematizada junto aos idosos praticantes.

Para o senhor Cláudio Roberto Colodo, praticante da modalidade em Jundiaí, o esporte é uma motivação para a vida. “Para mim é um recomeço. Sempre gostei de futebol e estava sedentário há muito. É até uma motivação para viver.”

**Painel da longevidade**

Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país

Para dona Nelma Dalsoglio Camilo, de 70 anos, participante das aulas em Jundiaí, o esporte trouxe otimismo: “O *walking football* para mim trouxe alegrias e otimismo sem igual. Quando entro na aula desligo meu relógio aqui de fora e esqueço meus problemas, meu trabalho. É uma sensação maravilhosa de adrenalina. A convivência com amigos e professores tão dedicados é ótima. Conto os dias para ir as aulas”.

Eurides Neves Azevedo, 61 anos, do Núcleo WFB da cidade de Cajamar, destaca que o esporte foi um divisor de águas para ela: “Quando vi no grupo o convite para conhecer o projeto da Walking Football Brasil, achei interessante. Conheci o projeto e comecei a frequentar as aulas. Realmente foi um divisor de águas, consegui unir o útil ao agradável. Para mim, o futebol adaptado deu mais segurança com os exercícios e os jogos. Quando não vou ao treino, parece que o dia está incompleto. Os professores são atenciosos e tem um cuidado especial com as condições físicas dos idosos. Projeto maravilhoso para saúde, autoestima, emoção, diversão e vida”.

A partir de uma pesquisa de satisfação realizada recentemente junto a cem idosos dos núcleos de Jundiaí e Cajamar, municípios da região metropolitana de São Paulo, foi possível identificar um total de 55 respostas, considerando de forma unânime o índice máximo de satisfação com o projeto. Nesse tipo de pesquisa, essa resposta coloca os participantes na chamada zona de encantamento em relação à organização.

Em 25 de janeiro de 2023, a organização WFB realizou vivência da modalidade durante o Sesc Verão na unidade Vila Mariana, proporcionando, inclusive, a participação entre diferentes gerações como forma de ampliar o olhar empático sobre o envelhecimento e o combate ao etarismo. Foi possível integrar adultos, idosos e crianças em dinâmicas e atividades da modalidade.

Dona Hideko Uekai, de 83 anos, que participa das aulas no Núcleo WFB em São Paulo e esteve na vivência durante o Sesc Verão, destacou em uma entrevista recente que o esporte contribui para a melhoria do condicionamento físico: “Há uma interação com pessoas da nossa idade, nos divertimos. Além da melhora no condicionamento físico, esquecemos as dores e os problemas”.

**O FUTURO DA WALKING FOOTBALL BRASIL NA VISÃO DE UM FUTEBOL PARA TODAS AS PESSOAS**

É possível acreditar que em pleno país do futebol os caminhos adotados pela Walking Football Brasil para levar o esporte para as cinco regiões do país ampliam a discussão sobre promover experiências que

**Painel da longevidade**

Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país

nasçam para integrar as pessoas idosas nos mais diferentes espaços e, por que não, no futebol de forma ativa.

Atualmente, a WFB faz parte da Rede Esporte pela Mudança Social (Rems), que integra as principais organizações do ecossistema esportivo do país e acreditam no esporte como ferramenta de desenvolvimento humano.

Estima-se que 270 milhões de pessoas pelo mundo atuem em atividades relacionadas diretamente ao futebol, segundo dados da Federação Internacional de Futebol (Fifa), o que faz desse esporte coletivo o mais popular do planeta. Apesar de um grande número de pessoas integradas ao esporte, é preciso adotar um modelo inclusivo, em que se considere o esporte para todas, todos e todes.

Nesta direção, a Walking Football Brasil acredita que mais do que regular ou promover a introdução da modalidade em todo o território, é preciso adotar uma postura de inclusão e respeito às diferenças em uma sociedade marcada por desafios estruturantes neste campo.

O grande desejo de formar e certificar professoras e professores pelo Brasil com esse olhar é o que motiva o desenvolvimento do esporte no país pela WFB. Afinal o futebol é, e deve ser, uma ferramenta de integração, conexão e transformação positiva da sociedade.

**PARA CONHECER MAIS**

Site: [www.WFB.org.br](http://www.WFB.org.br)

Clipping de imprensa em geral: [www.WFB.org.br/imprensa](http://www.WFB.org.br/imprensa)

Matéria sobre WFB na *Folha de S.Paulo*: <https://www1.folha.uol.com.br/fohla-social-mais/2022/12/futebol-que-se-joga-caminhando-busca-se-tornar-esporte-oficial.shtml>

Entrevista para o TV Faz Muito Bem 50+/ TV Câmara: <https://www.youtube.com/watch?v=r6KHfSaKabE>

Entrevista para o Futebol Esporte Show, SBT: <https://www.youtube.com/watch?v=w27ZASjoxgU>

Matéria para o Esporte Ninja: <https://midianinja.org/ninjaesportecolube/conheca-o-walking-football-o-futebol-adaptado-para-pessoas-idosas/>

Entrevista para a TV PUC – Programa FisioChat: <https://www.youtube.com/watch?v=noCgtPTStJc>

Entrevista para o Canal Manual do Tempo: <https://www.youtube.com/watch?v=xkI3phTy-Bs>

Palestra para Expo Longevidade + Fórum: <https://www.youtube.com/watch?v=wFK2xPug2Jk&t=1533s>

Matéria para a TV Globo: <https://globoplay.globo.com/v/7645131/>



## **ENTREVISTA** **ANA MARIA CARVALHO**

"Eu tenho 70 anos e brinco o tempo todo. Quero mais é brincar. A minha mãe tem 101 anos. Ela ainda brinca até hoje. A minha mãe passa trote o tempo todo, ela brinca, ela canta, então, isso vem da nossa ancestralidade. Eu acho que nem é daqui do Maranhão. Vem da África, os povos brincavam muito. O tempo todo! E toda essa resistência cultural se transforma, em vez de ficar sofrendo a gente vai se transformando em música, em gesto."



Ana Maria Pires de Carvalho é compositora, cantora, atriz e figurinista. Contemplada com o Prêmio de Culturas Populares do Ministério da Cultura (MinC), em 2017, e pelo Prêmio de Mestres da Cultura Popular de São José dos Campos, em 2022.



**RAIO-X**  
**Ana Maria Carvalho**  
Compositora, cantora, atriz e figurinista, 70 anos

Ana nasceu no Maranhão, num quilombo, na cidade de Cururupu, e é herdeira direta das tradições populares maranhenses como o Bumba meu Boi, Tambor de Crioula, Cacuriá, Ciranda, Ladainhas do Espírito Santo e Cantigas Tradicionais. Durante 30 anos foi integrante do Teatro Ventoforte e é fundadora do Grupo Cupuaçu, que completou 35 anos em 2021. Em 2019, representou o Brasil no teatro de Artes Cênicas de Setúbal, em Portugal.

Em julho, completa 71 anos e conta para a *Revista Mais 60* como encara o próprio envelhecimento e como a cultura popular enxerga a velhice. Sua história representa a vida de muitas pessoas idosas brasileiras. Seu suporte e sua força sempre vieram da cultura ancestral, que apoiou suas andanças pelo mundo, ao mesmo tempo que manteve suas raízes na terra.

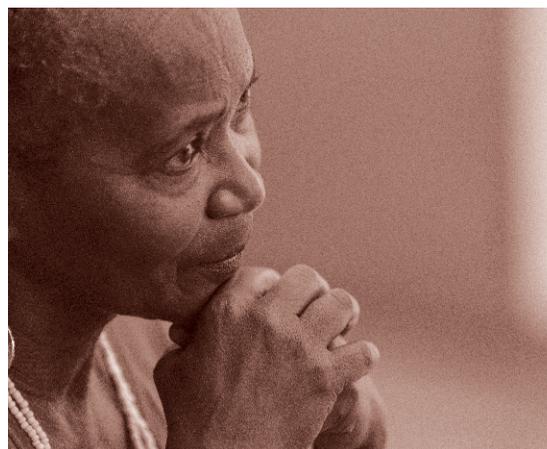
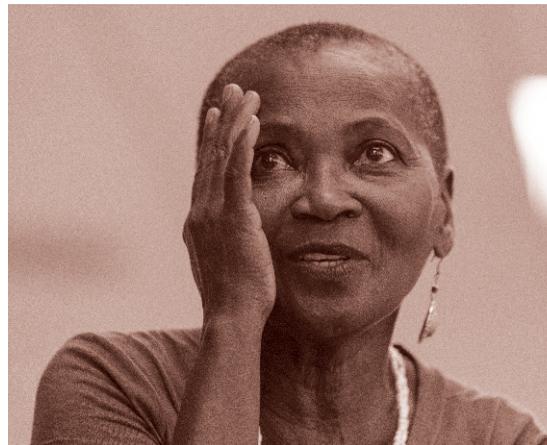
**MAIS 60** Você nasceu no Maranhão, é uma mestra da cultura popular, reconhecida no Brasil e internacionalmente. Gostaria que você contasse das suas lembranças de menina no Maranhão, aprendendo a cultura, como foi isso?

**ANA** Eu nasci nesse berço cultural. Minha cidade é um quilombo maranhense, um lugar muito rico. Nunca na minha infância eu me senti pobre, com diferença social. Todas as crianças tinham o mesmo cuidado, usavam as mesmas roupas, as mesmas brincadeiras. Então, não tinha alguém de classe social mais alta. Para a gente, aquele universo era olhar no olho do outro o tempo todo, essa troca era contínua. Então, nasci neste berço cultural onde meu pai era mestre popular, minha avó era caixeira do Divino Espírito Santo. Quando tinha sete, oito anos, eu pegava o Divino Espírito Santo e saía pedindo “joia”, que era como uma esmola para fazer a festa do santo. As pessoas davam dinheiro, davam flores, davam ovos, davam o coco para ralar e fa-

zer o bolo. Então, existia muito essa troca. Essa doação, essa coisa do doar, é muito profunda e eu trouxe comigo, porque todas essas vivências, essas experiências da minha infância, eu trago comigo até hoje. Isso está no meu trabalho, porque eu não consigo brincar onde não tem criança. Quando a pessoa fala “mas você tem 70 anos, o que você faz para não parecer 70, a idade que tem”? Eu falo, gente, primeira coisa, não carrego mágoa nenhuma dentro de mim, eu brinco muito, brinco o tempo todo e vivo em comunhão. Eu acho que essa energia do trocar é muito saudável. Acho que a idade não tem um número, a idade para mim é espiritualidade.

**MAIS 60** Falando de idade, o que é envelhecer para você?

**ANA** Para mim, a idade é um estado de espírito. Mesmo porque quando eu tinha 19 anos me sentia muito mais velha do que hoje que tenho 70. Hoje não, eu tenho 70 anos e brinco o tempo todo. Quero mais é brincar. A minha mãe tem 101 anos. Ela ainda brinca até hoje. A minha mãe passa trote o tempo todo, ela brinca, ela canta, então, isso vem da nossa ancestralidade. Eu acho que nem é daqui do Maranhão. Vem da África, os povos brincavam muito. O tempo todo! E toda essa resistência cultural se transforma, em vez de ficar sofrendo a gente vai se transformando em música, em gesto. Se você quer fazer um gesto para dar o soco em alguém, ele se transforma na brincadeira, esse gesto que é simples, que é leve, esse movimento vira um abraçar o outro. Então, eu acho que a cultura é fundamental para nossa saúde, principalmente, para mim, é uma cura. Uma época tive [um] problema sério de dor no ciático, e tinha o Tambor de Crioula, uma das danças maranhenses que a gente faz, eu falei: “Não vou ao Tambor, porque estou com dor”. E ficava deitada, o Tambor tocando e eu pensa-



va: “Vou levantar só para dar uma olhadinha”, aí eu levantava. Daí chegava lá, começava a dançar e não ia embora. No outro dia eu não tinha dor. Eu acho que a dor envelhece, os problemas envelhecem. Se a gente afasta os problemas, a gente fica mais leve. As pessoas dizem: “Ah, mas você não tem cabelo branco”. Mas sou uma pessoa que vive em movimento e eu colho para mim o que é melhor para mim. O que não me serve eu deixo ir embora.

**MAIS 60** Você acredita que as pessoas saem diferentes desse encontro com a cultura popular proporcionado pelas suas apresentações?

**ANA** Uma vez, no final do show, um senhor veio falar comigo. Ele disse: “Quando você começou a cantar, eu fiquei muito emocionado. Eu me lembrei da minha casa lá no interior. Eu lembrei da minha mãe coando café, lembrei da minha mãe lavando a roupa e, ao mesmo tempo que fiquei triste, foi me dando uma alegria muito grande, porque você me fez voltar para a minha casa, onde eu morava com minha mãe. E minha mãe faleceu um tempo desse”. Então, a importância desse trabalho é justamente que as pessoas resgatem a memória afetiva, as lembranças da infância, as brincadeiras. Tudo bem que ele não faça a mesma brincadeira, mas ele vai lembrar outra brincadeira que a avó fez, então é esse movimento. E isso é um presente para a gente manter a nossa infância, a nossa criança viva.

**MAIS 60** Então você é quilombola? E as pessoas velhas que viviam lá com você? Você lembra delas?

**ANA** Sim. Sou quilombola de quilombo maranhense. Naquela época as pessoas não falavam quilombo, hoje eu sei que nasci em um quilombo. Eu lembro da minha avó paterna, foi a única avó que conheci. Eu não conheci meus outros avós, nem meu avô paterno e nem meus avós



**Claro que nós vamos envelhecer, mas vamos com calma, vamos viver o dia a dia. Vamos aproveitar esse dia a dia, vamos brincar.**



maternos. A minha avó era caixeira do Divino Espírito Santo. Ela rezava ao Divino Espírito Santo, tocava caixa, fazia ladainha para o santo, e ela era muito próxima, porque eu era a única neta dela. Eu era a única filha da minha mãe, de meus pais, até nascer a minha irmã, a diferença é de oito anos. Então, era um chamego com a minha avó, era um cuidado, de almoçar com ela de domingo, dela ficar cantando para mim, fazendo renda de bilro e conversando comigo. Eu tenho essa lembrança afetiva da minha avó.

**MAIS 60** As suas lembranças do quilombo, de seus pais e avós, quando comparadas com os velhos que adoecem por viverem isolados, sozinhos, principalmente com a pandemia e o confinamento, fazem pensar que envelhecer nas culturas tradicionais é diferente. Então, qual a função da pessoa velha na sua tradição quilombola?

**ANA** A função do velho, primeiro, é passar essa

memória, porque se ele para os mais novos não têm como ter essa memória afetiva, a função dele é manter essa memória viva e que essa história não morra. O velho é superimportante por isso. Eu vejo pela minha mãe, que vai fazer 101 anos e ela conversa o tempo todo com os netos, com os bisnetos. É muito importante a relação dos netos com os avós. Então, eu acho que a função do velho é manter essa raiz viva, atenta, puxar esse povo que está nascendo e que pode manter essa história. Essa história é muito oral, a cultura popular é oral, é oralidade o tempo todo. Então ela canta, ela dança, ela conta história... Eu tinha, por exemplo, um avô que era tio da minha mãe, chamava ele de vovô porque ele gostava. Ele contava histórias para a gente toda a noite. E meu pai também contava histórias. Ele ou meu pai se deitavam na rede, nós éramos cinco filhos, colocavam uma rede grande e contavam histórias para a gente até a gente dormir. Depois da gente

dormir, ele colocava a gente na nossa cama. Ele contava histórias enquanto minha mãe limpava a cozinha e essa experiência com meu pai, para a gente, foi um alicerce. E todos nós temos essa fortaleza que veio de nossos pais, de nossos ancestrais. Sabe, no convívio, no alimento, a minha avó cozinhava muito. A comida é uma referência que tenho da minha família. O alimento, o celebrar o alimento. Preparar junto o que a gente plantava. Então a gente plantava, a gente colhia, esse cuidado de não pegar fruta verde, a fruta não está boa, vamos esperar. Porque o tempo é importante também. Até para envelhecer o tempo é importante. A gente não precisa correr para o tempo envelhecer. Vamos com calma, vamos aproveitar. Claro que nós vamos envelhecer, mas vamos com calma, vamos viver o dia a dia. Vamos aproveitar esse dia a dia, vamos brincar.

**MAIS 60** Você é uma mulher idosa, negra, artista que segue no seu ofício e encanta as pessoas por onde passa. Você acredita que inspira o público que te assiste, que serve como um exemplo de resistência?

**ANA** Sim, eu sirvo mesmo. Uma vez eu estava fazendo um espetáculo no Centro Cultural São Paulo, um espetáculo chamado *O rio que vem de longe* do Ventoforte, e era a única atriz negra. Fizemos o espetáculo para uma escola e daí uma menina veio e falou assim para mim: “Na minha casa é todo mundo negro, meu pai, minha mãe, meus irmãos, todo mundo é negro”. Eu fa-

<sup>1</sup> Ilo Krugli, criador do grupo Vento Forte, constitui-se como referência para todos que trabalham com a linguagem da animação e da arte-educação no Brasil. ILO Krugli. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22125/ilo-krugli>. Acesso em: 09 de março de 2023. Verbete da Enciclopédia ISBN: 978-85-7979-060-7).

lei: “Nós, negros, a gente pode estar onde quiser. A gente pode realizar todos os nossos sonhos. A gente tem que ir aonde quiser”. Não falei “não deixe o outro te atrapalhar”, só falei: “Realize o seu sonho”. Só isso. Vou em frente. Eu ouvi várias vezes na vida as pessoas falarem: “Ah, porque eu nunca vi negro fazer teatro”, que a minha voz era feia para cantar, eu ouvi tanta coisa, mas tanta coisa, sabe? Eu vou em frente.

**MAIS 60** Você veio do Maranhão direto para o Teatro Ventoforte?

**ANA** Não. É uma longa história. Eu saí do Maranhão e fui morar em Belém com uma tia que estava grávida e precisava de uma menina para ajudar com a nenê que ia nascer. Em Belém eu fiquei três anos cuidando do meu primo. Depois fui para o Rio de Janeiro com minha tia. A tia Noca era cozinheira em uma casa e tinha uma vizinha que estava grávida também. Olha aí, sempre a criança. E a vizinha precisava de uma pessoa que pudesse a ajudar para ir para Manaus e ficar lá com ela. Eu falei, “eu vou, estou aqui sem fazer nada”. Fui com ela para Manaus, ser babá do menino. Fui, fiquei dois anos em Manaus. Depois, ela voltou para São Paulo e eu com ela de babá. Aí ela resolveu voltar para Manaus e eu decidi ficar. Fiquei em São Paulo, encontrei meu irmão que trabalhava no Ventoforte, o Tião, que mora até hoje no Morro do Querosene, e aí eu conheci o Teatro Ventoforte. Eu fui ver um espetáculo e o Ilo<sup>1</sup> estava desesperado. Ele iria estrear um espetáculo, a costureira tinha sumido, estava tudo atrasado, costurar é outra coisa também que eu sempre fiz na minha vida. Eu comecei a bordar e ao mesmo tempo a costurar. Eu tinha uma tia que era costureira, e eu pegava e ia fazendo as roupas. Ela dizia: “Ana Maria, estou atarefada aqui, você não quer pegar na máquina?”. Eu pegava e comecei a costurar com ela.

Eu sempre fui independente, desde os 12 anos. Eu bordava, costurava, fazia minhas coisas, com 15 anos meu pai já não se importava tanto em me ajudar. E mesmo em Belém, quando eu morava com minha tia, eu costurava. E cheguei no Ventoforte, o Ilo falou que estava precisando de costureira, e falei: “Olha, senhor, eu costuro, não sou costureira de teatro, mas eu faço”. Ele falou: “Vem querida, está ótimo. Então me ajuda”. E no Ventoforte eu fiquei 30 anos.

**MAIS 60** E como foi a transição da babá, costureira, para a atriz?

**ANA** Então, aí que está, porque a minha vida é um bordado. Eu nunca falei, vou parar isso daqui para começar isso, sabe? Eu sempre vou. É um fluxo, sabe maré? E aí eu estava costurando e cantando. Antes desse momento, eu morava no Morro do Querosene e tinha um grande amigo meu, que era do Maranhão, e ele ia correr na cidade universitária. E ele me chamou pra correr. Eu respondi não vou correr, estou muito cansada. Então eu levava um livro, ficava embaixo da árvore lendo. E ele me incentivou a entrar no Coral da USP. Eu disse que não sabia cantar. E ele me disse se você sabe falar, você sabe cantar. Foi o primeiro empurrão que eu tive para cantar. Aí, fiz o teste, passei. Fiz cinco anos do coral da USP. Aí, cantando no Ventoforte, cantando como as trabalhadeiras, tipo as cantadeiras, porque as pessoas da cultura popular sempre trabalham cantando. Daí o Ilo ouviu e disse que eu cantava bonito e perguntou se eu não queria cantar no espetáculo. Comecei cantando. E aí pronto, porque era muito raro o Ilo pegar um ator para fazer espetáculo no Ventoforte. Ele pegava praticamente somente pessoas comuns. Eu entrei no teatro assim.

**MAIS 60** E a festa do Boi? Como ela entrou na sua vida?

**ANA** Então, nós somos filhos de mestre do Bumba meu Boi. Na região que a gente nasceu, tem vários ritmos de Bois, ritmos diferentes. Tem o Costa de Mão, tem o Zabumba, tem o Boi de Baixada, que também é chamado de Boi de Pindaré, tem o Boi da Ilha, que é chamado também de Boi de Matraca. E tem o Boi de Orquestra, que falam que nasceu depois, que tinha um grupo de Bumba meu Boi tocando em algum lugar, na periferia pequena, e todo dia passava um policial e via aquele povo tocando e ele saiu e pegou o saxofone dele e começou a tocar ali. Aí foram se aproximando os instrumentos de corda, sopro, daí criou o Boi de Orquestra. Mas geralmente essas danças, essas manifestações culturais, elas surgem assim, igual a dança do Coco, a pessoa está aqui aterrando a casa, batendo o chão e cantando como sempre canta. Também voltando na coisa da idade, quando você trabalha cantando, no final do dia você está muito menos cansada do que se você ficasse ali reclamando, porque o trabalho está difícil, entendeu? Você passa mais leve, saudável, e isso ajuda em tudo.

**MAIS 60** E a festa popular do Bumba meu Boi, realizada na comunidade do Morro do Querosene, no bairro do Butantã, em São Paulo, como surgiu? Você é uma das criadoras?

**ANA** O Tião já trabalhava no Ventoforte, ele criou um grupo e começou a dar aula. Um grupo de alunos que fazia teatro, ele resolveu formar um grupo e dar aula de cultura popular. Com esse grupo ele começou a brincar lá no Morro do Querosene. E a gente brincava. Uma coisa que sinto falta, quando eu falo de cultura, é que a mi-



“... minha cultura é como se fosse um alimento para mim, que eu trouxe da minha terra, e eu tenho o cuidado de manter ele todos os dias e também dividir com as pessoas próximas de mim.”

nha cultura é como se fosse um alimento para mim, que eu trouxe da minha terra, e eu tenho o cuidado de manter ele todos os dias e também dividir com as pessoas próximas de mim. Não só essa metáfora de metacultura, mas também dentro da minha casa. Na minha casa a gente faz comida direto. Vem pedreiro, vem pessoa ensaiar, eu sempre sirvo alimento, porque é fundamental dentro da cultura, esse ritual do alimento, porque ele também é saudável, é o alimento, a cura.

**MAIS 60** E a festa do Morro do Querosene, o Grupo Cupuaçu, surgiu dessa tradição de compartilhamento dos alimentos que alimentam o corpo e a alma?

**ANA** A gente brincava lá no Morro. Porque lá no Maranhão, a gente brinca Boi. Sou brincante de Boi. E a gente brincava, sem intenção de ter um grupo. E aí, de repente, eu e a Erica Marques, a gente improvisou uma roupa para o Tião. Aí a gente fez um peitoral, bordamos e fizemos um saiote. Foi a primeira roupa do Boi Cupuaçu. Então, o Cupuaçu nasce daí. E começamos a brincar. Como eu falo para as pessoas, eu moro em São José dos Campos e a dona Ângela Savastano, que é a diretora do museu cultural, Museu do Folclore, ela fala: “Ana, faz o seu Boi”. E eu respondo: “Dona Ângela, Boi não se faz, Boi nasce, eu não tenho como fazer o Boi, o Boi nasce”. Sabe, é como uma criança em que a mãe está grávida, ela vai fazendo o enxoval, vai avisando os amigos, entendeu? Assim é o Boi. Ele não pode surgir de uma hora para outra, que ele não vinga. Na festa, a gente faz o nascimento, que é no sábado de aleluia, a gente faz o batizado, que é na segunda

quinzena de julho, e a morte do Boi, que é igual a nossa, a gente não sabe, ele que faz, pode ser em outubro, em novembro. Encerra o ciclo. E esse Boi do Querosene foi aos poucos, foi fazendo, foi fazendo, com batalha, não tinha sede. O Boi não tinha lugar para dormir, punha na minha cama, e eu dormia com o Boi. E quando eu tinha que namorar falava: “Boi, você vai sair daqui, porque hoje eu vou namorar”. E agente lutou muito. Fazia vaquinha para comprar figurino, rodava chapéu na praça para comprar material, então foi uma luta muito grande para esse grupo ir se fortalecendo e hoje ter 40 anos.

**MAIS 60 E o que a festa do Boi representa?**

**ANA** Então, tem várias lendas a respeito do Boi. Tem uma lenda que João, ele faz aniversário no dia 24 de junho, né? No Maranhão é cheio de lendas. João tinha um boi de estimação. Era muito querido, e todo aniversário dele ele brincava na festa, todas crianças, todo mundo brincava com esse boi. Daí um certo dia, Pedro pediu esse boi emprestado. E João não emprestou, “é um boi de estimação, não empresto”. Daí, empresta, não empresta, João emprestou. Na festa do Pedro, o boi brincou, dançou, as crianças ficaram felizes, todo mundo ficou feliz, e aí chegou Marçal, que dizem ser um santo maranhense, São Marçal. O dia de São Marçal é 30 de junho, quando se celebra a festa do Boi lá em São Luís, onde tem a avenida São Marçal, a estátua de São Marçal bem grande, em frente ao boiódromo, que faz todos os Bois do Maranhão naquela avenida no dia 30 de junho. E nisso São Marçal pediu o boi emprestado, no meio da madrugada as pessoas começaram a sentir fome, desesperadas, não pensaram duas vezes, mataram o boi. E alimentaram todo o povo. E aí João: “Pedro, meu boi, Pedro, meu boi”. E Pedro não tinha boi para de-

volver, e João, “quero meu boi, quero meu boi”. E o povo fala que vai ter que dar um jeito, porque João está muito triste. Ficou quase em estado de óbito. A gente vai ter que dar um jeito do João ser um brincante, uma pessoa alegre como ele é, porque ele ficou muito arrasado com a morte do boi. Eles resolveram fazer um boi de brinquedo todo bordado de canutilho e missanga, e levaram para São João. E por isso que fazem Boi para São João.

**MAIS 60 A história do Boi é um resumo de tudo que você contou da cultura popular, ele alimenta as pessoas?**

**ANA** E o Boi alimentou. E no Maranhão eles fazem mesmo, matam um boi, mata[m] o porco, servem alimento. O Boi sai dessa avenida São Marçal, ele vai para a comunidade. E na comunidade, janta lá. No Maracanã, que era do mestre Humberto, por exemplo, eles servem comida não sei para quantas mil pessoas. Outra coisa, comida de santo nunca falta. A festa de São Benedito é parecida, a Congada. É maravilhoso, é sempre em abril. A Congada, o que acontece? São várias Congadas do Sudeste inteiro. Muita Congada, criança, que é essa coisa também na cultura, que a criança e o adulto vão nesse fluxo ao mesmo tempo, tem as crianças brincando aqui, ao mesmo tempo dançando, e aí, no final, têm aqueles espaços de alimentos que são quase do tamanho dessa sala. E eles servem alimento para a multidão. É muita comida. E parece que quando é comida de festa, eu já nem sei se é profana ou sagrada, porque misturam o profano e o sagrado, elas se misturam tanto que até o profano tem que ter o sagrado. Por isso que antes da gente começar a festa do Boi, a gente monta nosso altar, reza para todos os santos, a gente reza para São João, a gente reza ladainha, a gente cele-



**“Então, aí que está, porque a minha vida é um bordado. Eu nunca falei, vou parar isso daqui para começar isso, sabe? Eu sempre vou. É um fluxo, sabe maré?”**

**“Nós, negros, a gente pode estar onde quiser. A gente pode realizar todos os nossos sonhos. A gente tem que ir aonde quiser.”**

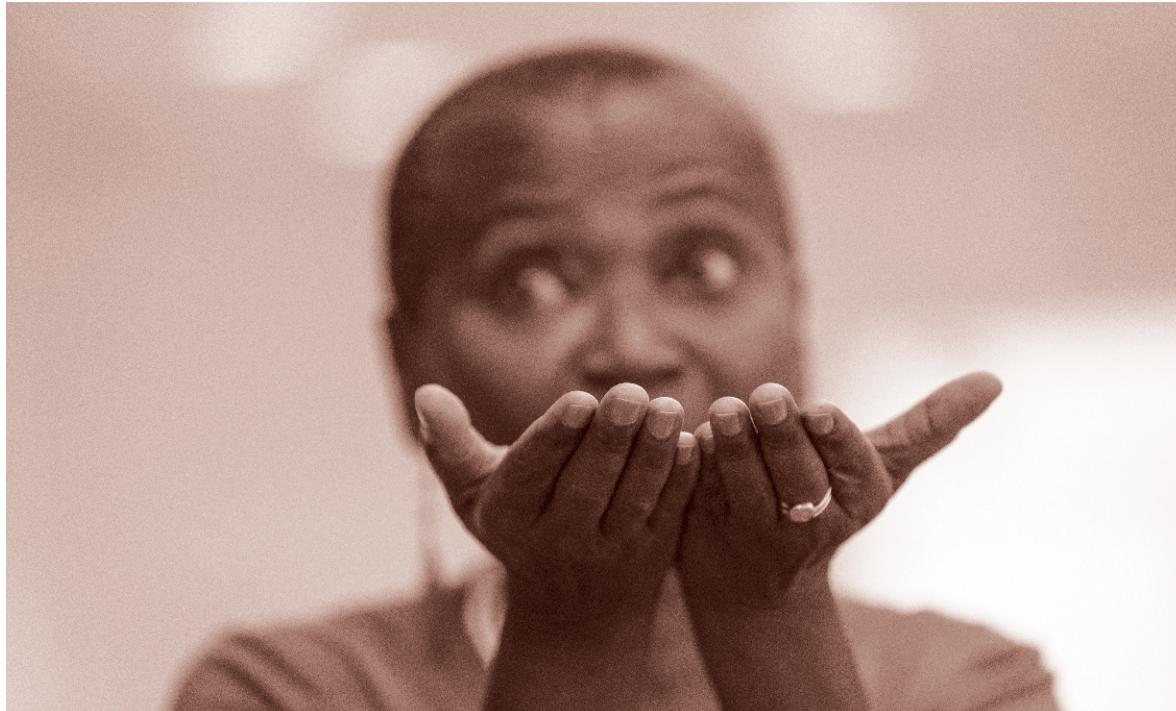
**“Vou em frente. Eu ouvi várias vezes na vida as pessoas falarem: “Ah, porque eu nunca vi negro fazer teatro”, que a minha voz era feia para cantar, eu ouvi tanta coisa, mas tanta coisa, sabe? Eu vou em frente.”**

**“A velhice é um estado de espírito mais consciente. Você está consciente de cada passo que você vai dar. Por exemplo, gente, não dá para eu andar correndo em uma escadaria.”**

bra e, aos poucos, a gente vai começando a tocar aqueles pandeirões, aquecendo em volta da fogueira e dançando e saindo um pouco para esse lado profano em que o cara começa a cantar, o cara não, porque eu também canto: “Eu já falei com os olhos que te amo, você não ouviu, eu já falei com as mãos que te quero, você não sentiu, eu já fui até a lua pra tentar te convencer, acabei conquistando a lua, só não conquistei você”. Então, já saiu do sagrado, mas é o sagrado que dá essa fortaleza para você celebrar o profano. Ele se renova, ele morre, em dezembro ele é guardado, fechou, e aí só vai nascer no próximo ano.

**MAIS 60 Você percebe alguma diferença dessa menina que veio lá do Maranhão, costurar para o Ilo, depois cantar, dessa mulher que se apresenta hoje? Quais são as diferenças? Dessa mulher de 70 anos, que viveu tudo isso? Naquela época você não tinha essa bagagem, você tinha vontade, né?**

**ANA** Eu acredito que nem a vontade era clara, me vejo essa menina, ela veio com o vento, então, assim, eu lembro de duas coisas que aconteceram na minha vida, ah, mas vou voltar uma coisinha. Quando eu saí do Maranhão a primeira vez, um amigo meu foi me levar até o aeroporto para ir para Belém. Quando a gente chegou no aeroporto, o avião tinha acabado de sair, eu perdi o voo. Aí eu dormi. Quando foi de manhã, eu acordei, deu no jornal que o avião tinha caído, morreu todo mundo. E fiquei um tempo tentando me reestabelecer, tentando voltar, e quando voltei eu não era a mesma pessoa. Eu voltei com muito agradecimento a Deus e agradeço todos os dias pelos momentos da minha vida. Por isso que talvez eu tenha esse olhar para a vida, porque nasci de novo. Eu não fui naquele voo. Se Deus me deixou aqui, está ótimo, eu quero é mais celebrar a vida todo dia, a cada dia, sabe? O que não me ser-



ve vou deixando passar. Eu não guardo mágoa, rancor, nada. Só agradecimento, só agradecimento mesmo. Tem um altar na minha casa. As pessoas chegam lá, tem uma Nossa Senhora Aparecida grande, né, que eu ganhei do mestre Chico Abelha, que foi fazer uma entrevista e me levou a santa. Aí, a pessoa chega e me diz assim: “Nossa, Nossa Senhora Aparecida!” Daí, olha assim: “Saci? Iansã, Oxalá?”. Lá tem de tudo, sabe? Todos os seres... é isso.

**MAIS 60** Ana, tem uma coisa que a gente questiona muito, porque as pessoas dizem que o velho só tem passado, mas a gente sabe que o velho, para viver, precisa olhar para o futuro também. O que você espera para seus próximos anos?

**ANA** Minha mãe tem 100 anos, uma vez ela fa-

lou: “Você sabe que eu tinha uma prima que viveu 200 anos”? Eu falei: “O que, mamãe?”. “É, ela viveu 200 anos”. Então, sinceramente, sou muito consciente de tudo que está acontecendo no mundo. Eu tenho consciência disso. O que eu quero mesmo, o que peço, é celebrar cada dia, cada momento com dignidade, com saúde, independentemente de quanto tempo. Eu não sei. Eu quero estar em harmonia com meu próximo, com minha família, com meus amigos, porque não sei quanto tempo vou estar [aqui].

**MAIS 60** Ana, resumindo, o que é envelhecer para você? O que é a velhice?

**ANA** A velhice é um estado de espírito mais consciente. Você está consciente de cada passo que você vai dar. Por exemplo, gente, não dá para



eu andar correndo em uma escadaria. Eu desço no metrô com as meninas mas, gente, não vou pela escada. Eu sou velha, nesse momento eu sou velha. Eu vou de elevador. Tem coisas que não posso fazer, então eu tenho essa consciência. Do meu limite. Eu tenho consciência do meu limite com a minha velhice. A criança fica quieta agora, é a velha que está falando. Sabe, eu tenho meus limites.

**MAIS 60** Você consegue olhar dessa forma para as outras velhices? Porque você está muito bem encaixada na cultura popular. Para mim e para todo mundo que te vê é uma harmonia muito grande. Inclusive da sua família, do Tião, da sua mãe. Quando você olha para os outros velhos da sociedade hoje, o que você vê?

**ANA** Eu gostaria muito que eles tivessem oportunidade de estar com esse olhar, com essa força, com essa coordenação motora, com essa alegria, porque falta. As pessoas veem o velho como se não prestasse mais. Não é isso. Eu fui tirar carteirinha do metrô no Poupatempo e a moça veio de lá e me deu o braço. Sabe, ela me olhou assim e ficou sem graça, mas porque ela está acostumada a olhar o velho e pensar tem que ficar quieto. Tem que respeitar o velho, minha sobrinha diz que não é velho, mas é velho sim, nós somos velhos, mas a gente tem que ter respeito, é no elevador, é no posto de saúde, é na farmácia, é no restaurante, a gente tem que ter esse olhar para o velho e comparar, saber que hoje somos nós os velhos, amanhã são vocês. Então, a gente tem que olhar com esse respeito para o velho. Mas é isso que falta, esse olhar para o velho não como se fosse um objeto a ser largado. Um olhar humano, digno.



**ILUSTRAÇÃO**

# Construção do conhecimento

/por Rômolo D'Hipólito



**RAIO-X**

**Rômolo D'Hipólito**

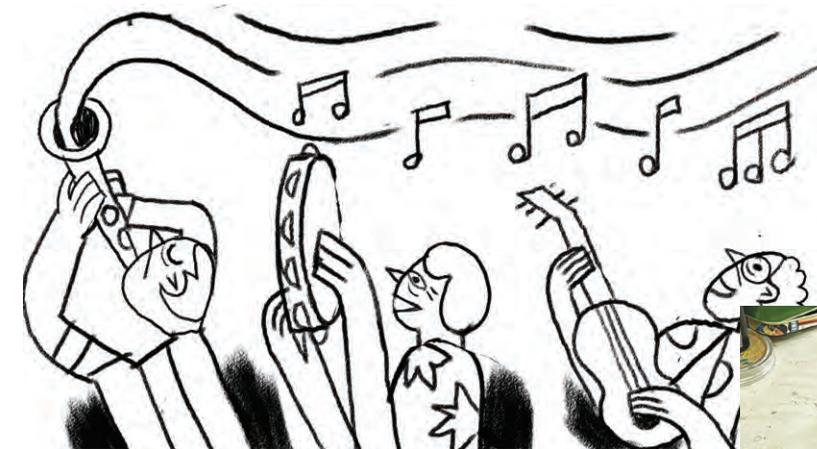
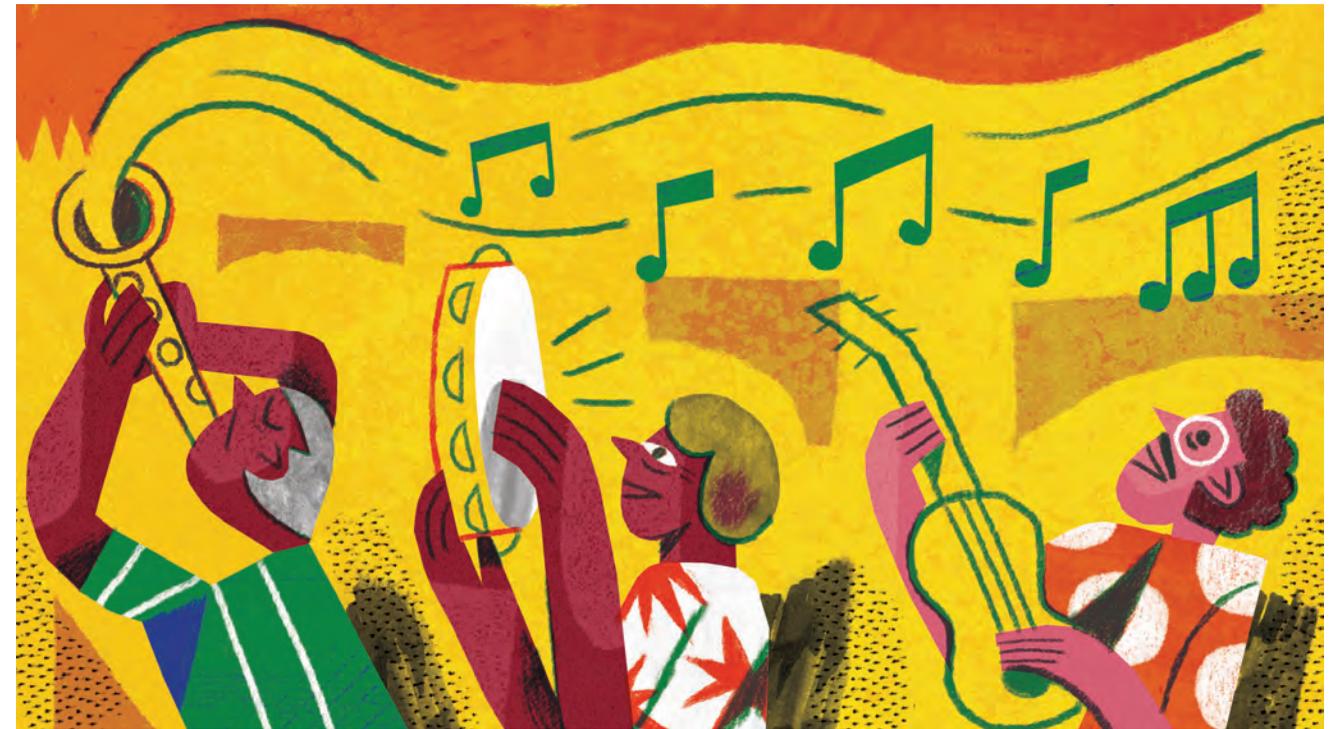
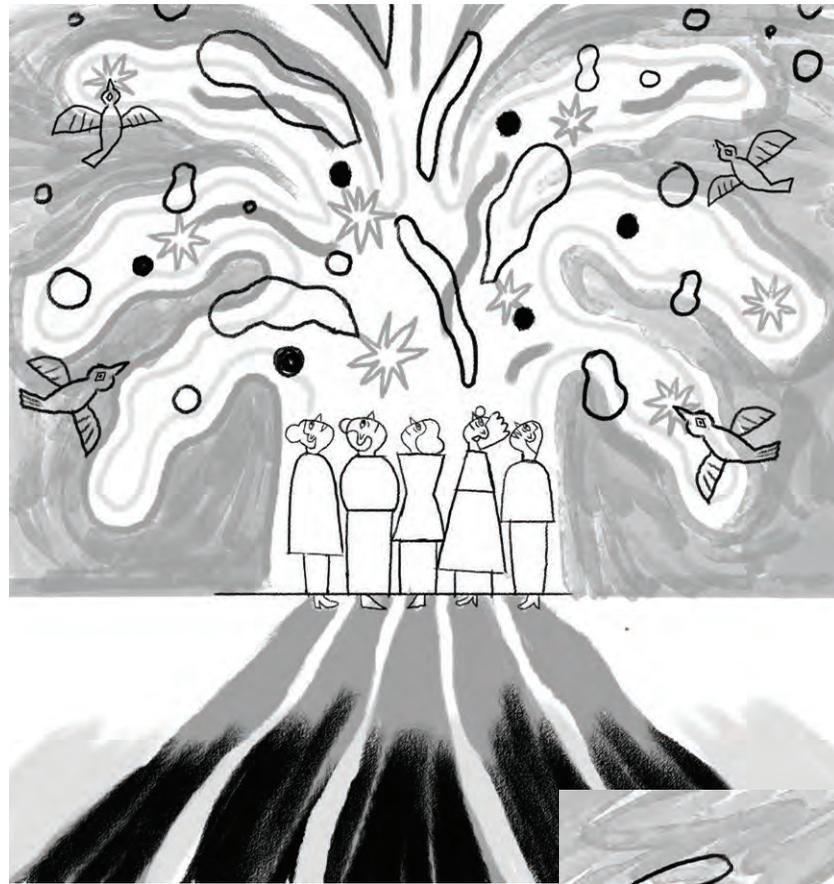
Rômulo é artista e ilustrador.  
Seu e-mail é romolo@comic.com

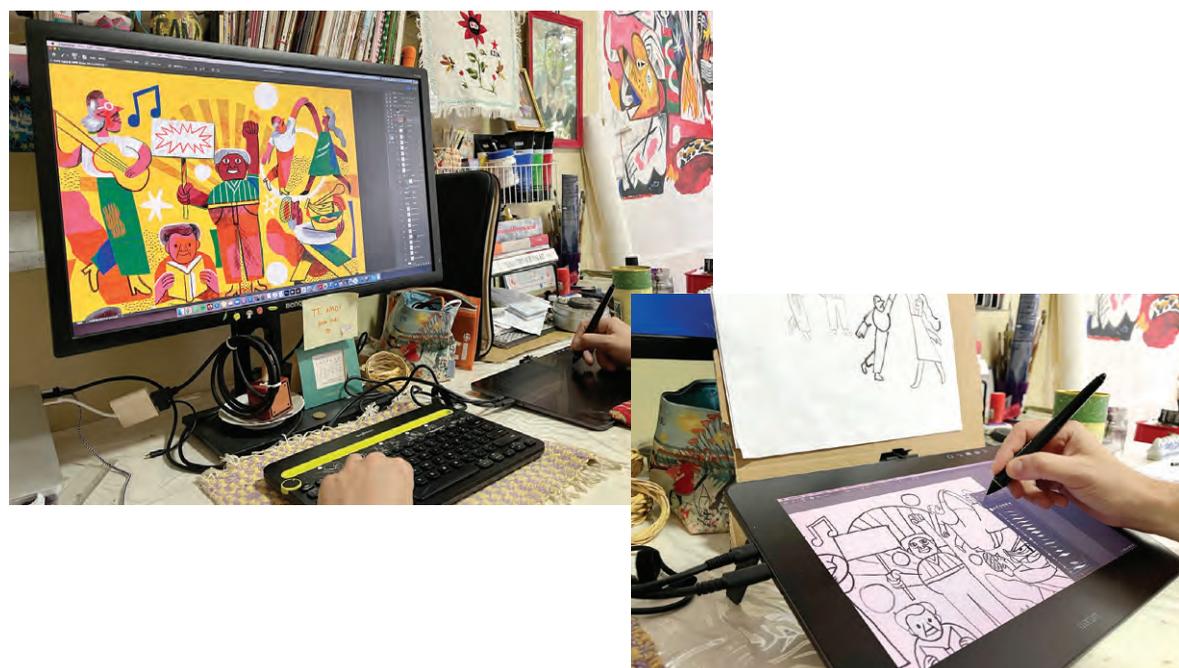
*Quando fui convidado para este projeto, fiquei refletindo sobre o conceito de educação não formal nas perspectivas individual e coletiva. Apesar das motivações surgirem na individualidade, acho muito bonito que a construção do conhecimento ocorra no coletivo, sob a troca de experiências.*

*E foi essa ideia de grupo que me inspirou para a produção das ilustrações desta edição. Através de cores vivas e elementos gráficos, tentei celebrar o coletivo de forma que transparecesse sinergia e satisfação em cada uma daquelas pessoas e suas respectivas atividades.*

**Rômolo D'Hipólito**







## PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

# Do Fio ao Infinito – um mar para “infnitizar” no Sesc Piracicaba

Suellyn Ortiz Camargo, licenciada em letras pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)/Araraquara, trabalha com produção cultural há 12 anos. É responsável pelo Trabalho Social com Idosos (TSI) na unidade Piracicaba.

/ por **Suellyn Ortiz Camargo**



Amparada nas narrativas de tradição oral, a proposta foi voltada exclusivamente para a pessoa idosa. De modo presencial e frequência semanal, não houve necessidade de inscrição – a participação era livre. Contudo, previa um desenvolvimento linear para permear os quatro encontros, sendo que no último a história a ser contada seria construída partir do que havia surgido nos anteriores.

Realizada em janeiro de 2022, primeiro mês de retorno à maioria das ações presenciais do Sesc São Paulo após a quarentena da pandemia da covid-19, sua intenção se relacionava diretamente com o contexto do distanciamento social, como foi expressa na apresentação:

Nós do Coletivo As Rutes acreditamos que quando o chão se abre e tudo parece desabar, a imaginação, impulsionada por experiências estéticas, nos ajuda a estabelecer uma ponte segura entre o finito e o infinito, entre o cotidiano e o sublime, entre a dureza da vida e a possibilidade de beleza que, de repente, acontece. Queremos saber das pessoas neste momento de confinamento e bastante incerteza em relação ao futuro, quais são os pensamentos, sensações, lembranças e sonhos sobre a finitude e permanência da vida.



**O primeiro dia da atividade foi também um dos primeiros do retorno às ações presenciais do TSI na unidade. Havia felicidade e receio por conta do contato físico, assim como vontade de se divertir e necessidade de cumprir os protocolos sanitários.**

Com tema muito delicado – a finitude humana –, trazia um título instigante e poético: “Do Fio ao Infinito”. E a provocação seguiu em versos:

**Nascemos finitos, isso é certo.  
Mas tem algo que permanece.  
O que permanece?  
Existe o infinito?  
Qual o atalho para chegar lá?**

#### **HISTÓRICO**

No início de 2021, quando o novo coronavírus completava seu primeiro ano pandêmico, recebi uma proposta direcionada à literatura, uma das minhas áreas programáticas. Enviada pela Cristiana Ceschi, do Coletivo As Rutes, tinha por base a oralidade, porém pensada para a plataforma digital devido às demandas de saúde pública de então.

A abordagem, contudo, me parecia ir muito além da linguagem artística a que fora direcionada. Ela falava sobre o ser humano em uma perspectiva mais ampla, com suas angústias, anseios e alegrias possíveis. Falava sobre as vivências e experiências que poderiam, pela sua magnitude, se tornar infinitas. Falava sobre o ser que é finito e a possibilidade de “infiniteizar”.

Por conta disso, propus encaminhá-la, também, para o Trabalho Social com Idosos (TSI). Mesmo assim, seguimos em conversa por telefone, e-mail e reunião virtual para executá-la dentro da literatura; as ideias se ampliavam e a vontade de realizá-las idem. Entretanto, os ventos mudaram de direção e, naquele momento, elas não seguiram nenhum dos rumos planejados. Meses depois, no final do mesmo ano, por conta da iminente aposentadoria do colega da unidade responsável pelo TSI, esta pasta passou para os meus cuidados. Sugeri retomarmos o projeto d’As Rutes, dessa vez



direcionado à pessoa idosa, e a Cris, aberta a desafios, aceitou. Poderíamos, então, seguir o caminho do fio ao infinito. E seguimos!

Além da Cris, outra artista do coletivo faria parte do trabalho, a Carol Bahiense. Musicista, pessoa de muita sensibilidade e bom humor, ela foi a grande responsável pela trilha sonora e sonoplastia, acompanhada por instrumentos de percussão e acordeom.

#### **DETALHAMENTO DO PROJETO**

O primeiro dia da atividade foi também um dos primeiros do retorno às ações presenciais do TSI na unidade. Havia felicidade e receio por conta do contato físico, assim como vontade de se divertir e necessidade de cumprir os protocolos sanitários. Havia, ainda, a curiosidade por conta

das novas pessoas presentes e pela proposta um tanto diferente daquelas com as quais o grupo estava acostumado.

Em meio a essas ondas de sentimentos, foram lançadas as perguntas iniciais: “Como construir uma ponte entre o finito e o infinito? O que nos ‘infiniteiza’? O que faz um momento parecer infinito?”. Diante delas os participantes apresentaram o mar como referência de infinito. Foi então que surgiu um navio, no qual todos embarcaram para seguir por essa viagem.

O espaço físico foi o palco do teatro, com cadeiras dispostas em roda. Na fantasia, porém, os espaços foram muitos: o porto, o mar – ora calmo, ora agitado –, o navio, sua piscina e o bar, seu salão de festas e também o de jogos, o céu e suas estrelas, as nuvens, a chuva. Cada pessoa escolheu um personagem: comandante, *barman*, marinheiro, madame na piscina, mulher no carteadado, entre muitos outros, estavam a bordo.

As artes visuais entraram em cena no segundo encontro. Todos foram convidados a expor algo marcante da sua vida por meio do desenho ou da pintura. O mar estava calmo, contribuindo para a movimentação das mãos e da memória. Não havia regra, nem métrica; havia apenas a liberdade de a recordação se manifestar por entre os dedos.

A música, executada pela Carol ao longo de todo o trabalho, no terceiro dia abriu espaço em um caraoquê para os passageiros; até a comandante cantou. Era o momento de as lembranças se revelarem pela voz, afinadas pelo coração.

Por fim, o navio aportou no quarto e último dia da atividade. E como último dia, houve baile e muita dança no salão principal – com o mar levemente agitado – para a alegria se expressar por todo o corpo; era a vez de o coração celebrar o retorno à terra firme e aos encontros presenciais. Houve, também, o retorno da palavra em sua forma oral para costurar o fio criado entre o finito



e o infinito. Quando o baile acabou, ao invés de irem embora, como comumente acontece nesse tipo de evento, todos voltaram para as cadeiras. Então a Cris, com vocabulário preciso e sensibilidade ímpar, narrou o desfecho dos encontros, amarrando tudo o que fora vivenciado na fantasia ao contexto do momento.

Por conta da covid-19 ainda em abrangência pandêmica, o uso de máscara era obrigatório, cobrindo nariz e boca. No teatro acontece de o adereço do personagem, muitas vezes, não ser material, mas imaginário – imaginado pelo público. Naquele palco-navio, a magia das artes cênicas também se fez presente de outro modo: a máscara real tornou-se invisível na encenação. Essa barreira física para contenção do vírus não conteve os sorrisos, expressos com olhares e gestos, com palavras ditas e não ditas. Ao fim da proposta, os idosos estavam visivelmente muito felizes.

É importante ressaltar que surpresas aconteceram logo no primeiro dia. Segundo As

Rutes, muito do que havia sido preparado para o roteiro e os elementos que serviriam de aporte foram ressignificados, pois o grupo do TSI tornou-se um parceiro de cocriação desde o início: artistas e público foram tecendo juntos o trabalho; a expectativa de um fazer coletivamente foi atualizada para cada dia, e não apenas para o último. A atividade aconteceu como a vida acontece: nos encontros, na convivência, na troca, no coletivo; acontecendo, no gerúndio.

Nas palavras da Cris:

Os participantes estavam tão dentro, tão dentro da proposta, que se tornaram os protagonistas, mesmo. Eles foram os reais condutores do trabalho, foram nos mostrando coisas que nunca poderíamos imaginar. Havíamos nos preparado muito! Com essa imersão e cocriação deles, detalhes das histórias e dos jogos que havíamos selecionados foram aproveitados de alguma maneira, porém sem rigidez.



#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pontos parecem ter sido fundamentais para o êxito do projeto. A começar pela abertura à livre expressão e pelo uso da construção ficcional. Segundo Umberto Eco, a ficção:

“(…) nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. A ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando as crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos. E é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente” (ECO, 1994, p. 137).

Se, portanto, a ficção contribui na estruturação mental daquilo que vivenciamos na realidade, essa contribuição pode ser ainda mais relevante para a pessoa idosa no que concerne a desconstruir alguns sentidos e estigmas consolidados pela experiência, pelo tempo e contexto cultural, bem

como a poder olhar para antigos valores a partir de novos pontos de vista. Soma-se a isso o estímulo à fruição da fantasia, por meio da liberdade de criação e das metáforas instigadas pelas linguagens artísticas. Como afirma Fabiana Rubira, as metáforas “são elementos formadores do pensamento humano, na mesma medida em que são uma forma criativa do uso da linguagem” (RUBIRA, 2015, p. 42).

Nesse contexto, o mar como metáfora do infinito pode ter contribuído para dar vazão a sensações e sentimentos semelhantes aos vividos com o distanciamento social: o medo diante de um gigante desconhecido (seja esse gigante o mar ou a pandemia), a turbulência (marítima e também a emocional), o desejo de controle (da embarcação e do vírus) ou de relaxar (no Sesc ou na piscina do navio), a (re)descoberta da natureza (na sonoplastia da chuva ou dentro de casa), a alegria do encontro (no baile ou no palco do Sesc).

Outro ponto a ser evidenciado é a escuta. As

artistas estavam atentas a cada fala dos participantes, que era correspondida e aproveitada na composição da atividade, colaborando para o desenrolar do enredo e colocando aqueles no lugar de protagonistas. Quando se escuta, se diz para o outro que ele existe. Ao se olhar para o outro com atenção, olha-se para sua individualidade e, portanto, para sua existência.

Em 1970, quando escreveu sobre o envelhecimento, Simone de Beauvoir já evidenciava a importância de se ter algo que faça sentido para a pessoa idosa.

Para que a velhice não seja uma irrisória paródia da nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que deem um sentido à nossa vida (...). Contrariamente ao que aconselham os moralistas, é preciso desejar conservar, na última idade, paixões fortes o bastante para evitar que façamos um retorno sobre nós mesmos. A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão (BEAUVOIR, 2018, *e-book* posições 10582 e 10588).

Mais recentemente, em 2007, na pesquisa *Idosos no Brasil*, o ramo do estudo voltado à cultura e ao lazer também reforça a importância de as atividades realizadas por esse público terem um propósito para além de mero passatempo. De acordo com Johannes Doll, elas “precisam ter significado vital (...). Para que uma atividade seja significativa, ela precisa ter algum vínculo com a identidade da pessoa: profissão, biografia, metas, ideias, valores” (DOLL, 2007, p. 111).

Quando se propõe um espaço para a livre expressão e escuta atenta, aliadas à fruição da fantasia, cria-se um espaço para fazer sentido. Esse

espaço ganha ainda maior amplitude se for voltado à pessoa idosa, cujas habilidades, capacidades, competências e conhecimento, comumente, são subestimados ou colocados em dúvida, em decorrência, sobretudo, do preconceito advindo do etarismo. Na atividade realizada pel’As Rutes, todo esse potencial dos idosos foi considerado. Naqueles quatro dias, por mais breves que tenham sido, os encontros alcançaram naquelas pessoas camadas mais profundas; eles fizeram-lhes sentido.

O tempo da fantasia se sobrepôs ao do relógio. Vivências reais construíram uma ficção. Teve histórias narradas, lembradas e inventadas. Teve pegadinhas para adivinhar qual fato real era mentira. Teve risada e dor interna exteriorizada. Teve música, dança, desenho e pintura. Teve teatro e literatura. Teve encontros consigo e com o outro. Teve muita alegria e alguma tristeza também. Para tudo isso que teve, teve a arte fazendo a sua parte: de nos orientar nas nossas próprias narrativas de vida, nos momentos de tempestade e de calmaria. Ali foi possível “infnitizar”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução: Maria Helena Franco Martins, 3. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. *E-book* posições 10582 e 10588, de 11327.

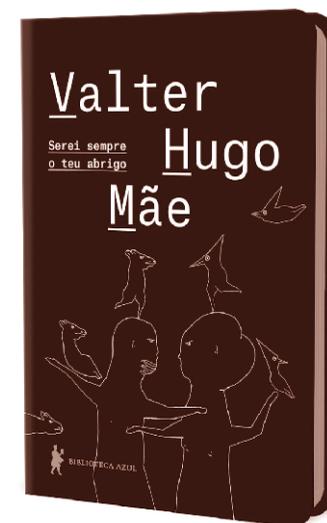
ECO, Umberto. *Seis passos pelos bosques da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, p. 137, 1994.

DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem sucedida. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc/SP, 2007, p. 111.

RUBIRA, Fabiana de Pontes. Imaginar: outra forma de pensar, ensinar e aprender. *Revista Trilhas Pedagógicas*, v. 5, n. 5, p. 42, ago. 2015.



## RESENHA/LIVRO



# O amor ao amor de avós

por Danilo Cymrot



O escritor português Valter Hugo Mãe dedica seu livro *Serei Sempre o Teu Abrigo* (ed. Biblioteca Azul, 2021) a seus pais e, na nota do autor, conta que o livro foi inspirado pela operação “de peito aberto” de sua mãe, que ficou saudável, seguiu amando e abrigando todos no seu coração. No imaginário social, a figura da mãe está associada a amor incondicional, cuidado, ternura e abrigo. Ainda que involuntariamente, Valter Hugo Mãe parece reforçar esse es-

#### RAIO-X

##### Danilo Cymrot

Doutor em direito pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisador do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo e autor de *O Funk na Batida: Baile, Rua e Parlamento* (Edições Sesc, 2021).



## No livro de Valter Hugo Mãe, o receio do narrador é que a avó deixe de amar depois de ter o seu coração substituído por um “electrodoméstico”.

tereótipo em seu livro, que conta também com belas ilustrações de sua autoria. O útero materno é nosso primeiro abrigo e há quem diga que passamos a vida toda em busca da mesma sensação de segurança e conforto que experimentamos antes de nascer. Amadurecer implica justamente em cortar os laços que nos unem ao abrigo materno, aprender a caminhar com as próprias pernas e enfrentar as dificuldades da vida.

Em *Serei Sempre o Teu Abrigo* a figura real da mãe operada do coração, de peito aberto, é substituída pela figura da avó. Todas as características comumente atribuídas às mães, citadas no parágrafo anterior, são ainda mais acentuadas quando se trata de avós, consideradas “mães com açúcar”. Se o coração é o órgão humano associado ao amor, talvez não haja nada mais associado ao amor do que o coração de uma avó. Na canção “Coração Materno”, de Vicente Celestino, um filho mata a sua própria mãe e lhe arranca o coração como prova de amor a outra mulher. O coração cai no chão e neste momento uma voz ecoa, declarando o amor incondicional: “Vem buscar-me filho, aqui estou. Vem buscar-me, que ainda sou teu!”.

Curiosamente, no filme *O Mágico de Oz* (direção de Victor Fleming, 1939), o Homem de Lata, uma personagem que demonstra ser bastante emotiva, sonha justamente em ter um coração. O coração, símbolo dos sentimentos, mais do que o cérebro, é o que nos torna humanos e não má-

quinas. No livro de Valter Hugo Mãe, o receio do narrador é que a avó deixe de amar depois de ter o seu coração substituído por um “electrodoméstico”. Em contraposição ao amor demonstrado efusivamente pela avó, o amor do avô, “um homem de oficina”, “que habitava uma espécie de escuridão”, era bem mais discreto, silencioso, mas estava lá. De fato, em nosso mundo machista, homens não são educados para demonstrar afeto. No entanto, esse avô demonstrava amor não apenas pelos cachorros, animais conhecidos por amarem incondicionalmente, mas também ao demonstrar preocupação, cuidar da mulher convalescente e ao cozinhar, um ato visto pela avó como sendo de poesia, delicadeza e carinho (e visto socialmente ainda como um ato “feminino”, se não exercido profissionalmente).

No universo de realismo fantástico do livro, até os pássaros e as árvores demonstram se preocupar com a avó e amá-la. Quando a avó se vê em um momento de vulnerabilidade, todos que foram cuidados por ela demonstram querer ocupar agora a posição de cuidadores. Não é incomum que os filhos acabem se tornando “pais” de seus pais quando estes ficam idosos. Da mesma forma, não é incomum que esposas, ainda mais depois de muitos anos de casamento, se tornem “mães”/cuidadoras de seus maridos, ainda que a recíproca também possa ser verdadeira. Em *Serei Sempre o Teu Abrigo* a avó declara para seu marido que será sempre o seu abrigo e o narrador diz que “as pessoas abrigam-

-se umas nas outras”. Não se trata necessariamente de uma relação instrumental em que um cuida do outro, mas de um abrigo sentimental, recíproco.

Mais do que ser uma exaltação ao amor, no entanto, o livro corre o risco de reforçar uma série de estereótipos, romantizar papéis sociais e idealizar relações. Afinal, não é toda mulher que ambiciona ser mãe e nem toda mãe tem vontade de ser abrigo permanente para seus filhos. Muito menos para seus maridos. Nem todas as avós voltam o seu tempo às flores, às plantações e aos bordados, como no livro. Nem todos idosos são avós carinhosos, muito menos cuidados por seus filhos e netos. O narrador de *Serei Sempre o Teu Abrigo* considera os velhos heróis, pois “ainda sabem amar depois de tantas dificuldades”, pois “persistem sobretudo para cuidar de nós, os mais novos, e nos assistirem”. Ainda que isso fosse verdade, não parece ser algo positivo que os velhos tenham esse papel, ao contrário do que o narrador faz parecer. Da mesma forma, a constatação do narrador de que a avó era “puro amor” e que o avô “sem a avó não podia ser feliz” romantiza uma relação de dependência e falsa completude em que muitos casais incorrem. Até a tristeza da avó é vista como “mágica” quando ela chora em segredo e floresce em seu olhar uma flor azul.

Naturalmente o livro não tem a pretensão de ser um tratado sobre relações de gênero, etárias ou

familiares. *Serei Sempre o Teu Abrigo* pode refletir uma experiência muito particular do autor, a visão que ele tinha dos avós/pais, independentemente da visão dos próprios personagens retratados, uma declaração de amor a avós idealizados, “heróis perfeitos”, ou mais do que isso: uma declaração de amor ao amor de avós. As últimas palavras do livro, “serão sempre o meu abrigo”, indicam como o narrador admira a relação entre os avós e aprendeu com a forma como seus corações “entendiam-se como uma verdade absoluta”. Ao mesmo tempo, indicam como o amor de avós permanece mesmo em suas ausências, após suas mortes. Abrigamo-nos no amor de avós, mas também na memória desse amor. Em sua versão em português de “Time Will Tell”, de Bob Marley, Gilberto Gil canta que “Jah jamais permitirá que as mãos do terror venham sufocar o amor” e que somente o tempo dirá se ainda há de abraçar sua avó, uma imagem carregada de ternura.

O receio do autor de que uma operação pudesse fazer com que a mãe deixasse de amá-lo, seja por não estar mais saudável, seja por metaforicamente ganhar um coração “mecânico”, reflete algo profundamente humano: o medo da perda de quem amamos, mas também o medo de que deixem de nos amar. Mães e avós não vivem para sempre. Não há garantia de amor nem de abrigo e essa é a tragédia que todos devemos enfrentar.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral e dirigida a estudantes, especialistas e interessados na área do envelhecimento. Tem como propósito estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da gerontologia e das áreas em que o envelhecimento e a longevidade são objetos de estudo. Seu objetivo é publicar artigos de divulgação técnicos e científicos que abordem os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

### NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a comissão editorial.

- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico: [revistamais60@sescsp.org.br](mailto:revistamais60@sescsp.org.br).
- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve-se, obrigatoriamente, informar em nota à parte sob qual forma, onde e em qual data foi publicado (revista, palestra, comunicação em congresso etc.).
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitada a Cessão de Direitos Autorais – conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo ([sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)), aplicativo e redes sociais desta instituição.
- Os dados, bem como as interpretações dos resultados emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da comissão editorial da revista.
- Todos os artigos enviados que estiverem de acordo com as normas serão analisados pela comissão editorial, que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de o artigo ser aceito o(s) autor(es) correspondente(s) será(ão) contatado(s) por e-mail e terá(ão) direito a receber 1 (um) exemplar da edição em que seu artigo foi publicado.
- Os artigos devem apresentar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.
- Os trabalhos aceitos serão enviados à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

### APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- Os **artigos** devem ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, *abstract* e referências bibliográficas.
- **Categorias de artigos:** resultados de pesquisa (empírica ou teórica), relatos de experiência e revisão de literatura.

- O **resumo** deve ser estruturado e conter, nesta ordem: introdução, materiais e métodos, resultados e conclusão. Deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.

- O **abstract** deve conter cerca de 200 palavras, seguir a mesma ordem do resumo em português e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as *keywords*.

- O **artigo** deve conter: introdução; hipótese (opcional); materiais e métodos; resultados; discussão; e conclusão ou considerações finais.

- As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)**.

- A quantidade máxima é de 30 (trinta) referências bibliográficas por trabalho. Revisões de literatura poderão conter mais referências. A autenticidade das referências bibliográficas é de responsabilidade única e exclusiva dos autores.

- **Gráficos e figuras** devem ser utilizados quando houver necessidade para entendimento do texto. Constar sob a denominação “Figura” ou “Gráfico” e possuir boa qualidade técnica e artística. Devem ser enviados separadamente e ter resolução mínima de 300 dpi, tamanho mínimo de 10cm x 15cm, no formato JPG ou PDF. As imagens devem ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor. Em hipótese alguma devem ser incorporadas no próprio texto do artigo. Os gráficos devem ser enviados separadamente no formato XLS/XLSX (Microsoft Office Excel) ou PDF.

- **Tabelas ou quadros:** devem ser autoexplicativos, constar sob as denominações “Tabela” ou “Quadro” no arquivo eletrônico e ser numerados. A legenda deve acompanhar a tabela ou o quadro e ser posicionada abaixo deles. Siglas ou sinais apresentados devem estar traduzidos em nota colocada abaixo do corpo da tabela/quadro ou em sua legenda. Devem ser citados no corpo do texto, na ordem de sua numeração.

- **Fotos:** no caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi), elas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo (segundo o modelo do Sesc São Paulo). Só devem ser utilizadas quando houver necessidade para entendimento do texto.

- **A quantidade de imagens,** tabelas e quadros deve ser limitada em 4 tabelas ou quadros e 2 imagens por artigo.

- **Citações de referências bibliográficas:** no texto incluir autor, data e página (quando necessário). Ex: Segundo Silva (2019). Se a citação for entre parênteses: (SILVA, 2019). Neste último caso utilizar a fonte Arial número 10.

- As **referências** devem ser organizadas em ordem alfabética, pelo sobrenome do autor. Devem aparecer alinhadas à margem esquerda e de forma a se identificar individualmente cada documento, em espaço simples e separadas entre si com espaço de 1,5.

- **Materiais extras** do artigo podem ser aceitos para a inclusão no aplicativo do Sesc São Paulo, onde a revista também está inserida. Estão incluídos fotos e vídeos em boa resolução e com as devidas autorizações de uso de imagem. Formato das imagens: JPEG, PNG, PDF e TIFF. Vídeos: MPEG4, MP4 e MOV. Áudios: MP3. Também são passíveis de aceitação conteúdos incorporados do YouTube, desde que haja autorização do responsável da conta para sua divulgação.

Em caso de dúvida, entre em contato pelo e-mail: [revistamais60@sescsp.org.br](mailto:revistamais60@sescsp.org.br).



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio, serviços e turismo, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela capital, grande São Paulo, litoral e interior do estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

---

### CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2022-2026

**Presidente** Abram Szajman  
**Diretor do Departamento Regional** Danilo Santos de Miranda

**Membros Efetivos** Arnaldo Odlevati Junior, Benedito Toso de Arruda, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, José Roberto Pena, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Milton Zamora, Paulo Cesar Garcia Lopes, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva, Valterli Martinez, Vanderlei Barbosa dos Santos

**Membros Suplentes** Aguinaldo Rodrigues da Silva, Aldo Minchillo, Antonio Cozzi Junior, Antonio Di Girolamo, Antonio Fojo Costa, Antonio Geraldo Giannini, Célio Simões Cerri, Cláudio Barnabé Cajado, Costabile Matarazzo Junior, Edison Severo Maltoni, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vilter Croqui Marcondes, Vitor Fernandes, William Pedro Luz

### REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

**Membros Efetivos** Abram Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior, Rubens Torres Medrano

**Membros Suplentes** Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Marcelo Braga, Vicente Amato Sobrinho

# mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 33 | Número 85 | Abril de 2023

## NESTA EDIÇÃO:

O artigo principal, *Aprendizagem ao longo da vida e a educação não formal para as pessoas idosas*, apresenta a terminologia da educação não formal e a compreensão deste conceito nas propostas de aprendizagem para as pessoas idosas no Brasil e no mundo.

*A Educação em gerontologia: contribuição da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG)* apresenta um pouco da história da gerontologia, que completa 120 anos em 2023, sua relação com a geriatria e a importância das duas instituições no desenvolvimento dos estudos na área do envelhecimento.

Artigos que também compõem esta edição:

*Instituições de Longa Permanência para Idosos(as) (ILPI) e intergeracionalidade: caminhos para o cuidado; O Serviço Social do Comércio (Sesc) e o compromisso da pesquisa de extensão na promoção do envelhecimento participativo de pessoas idosas; e Walking Football Brasil e os desafios para disseminar a modalidade de futebol inclusivo para pessoas 60+ pelo país.*

A entrevistada desta edição é Ana Maria Pires de Carvalho, compositora, cantora, atriz, figurinista e mestra da cultura popular. Contemplada com o Prêmio de Culturas Populares do Ministério da Cultura (MinC), em 2017, e pelo Prêmio de Mestres da Cultura Popular de São José dos Campos, em 2022.

O Painel de Experiências, intitulado *Do Fio ao Infinito – um mar para “infnitizar”*, refere-se a um projeto do programa Trabalho Social com Idosos (TSI) com frequentadoras do Sesc Piracicaba, relacionado com memórias e a retomada presencial do programa no pós-confinamento.

A resenha destaca o livro português *Serei Sempre o Teu Abrigo* (ed. Biblioteca Azul, 2021), escrito por Valter Hugo Mãe. Ilustrada pelo próprio autor, a obra retrata de forma poética a relação com seus avós.

[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em

